



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - PIRATARIA		
EVENTO: Reunião Ordinária	Nº: 1014/03	DATA: 24/07/03
INÍCIO: 10h36min	TÉRMINO: 17h43min	DURAÇÃO: 07h07min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 07h07min	PÁGINAS: 270	QUARTOS: 85
REVISÃO: Cássia Regina, Irma, Lia, Luciene Fleury, Patrícia Maciel, Sílvia, Veiga, Víctor, Waldecíria		
CONCATENAÇÃO: Cláudia Luiza		

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

FÁBIO LUÍS DA SILVA - Técnico Bioquímico do Laboratório H&J Cosméticos Ltda. e sócio do Laboratório Lens Surgical Oftalmologia Indústria e Comércio Ltda.
JOSÉ ROBERTO COELHO - Sócio do Laboratório Lens Surgical Oftalmologia Indústria e Comércio Ltda.
RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Representante comercial e Gerente do Laboratório Lens Surgical Oftalmologia Indústria e Comércio Ltda.
JOSÉ SOARES DA SILVA - Sócio do Laboratório Lens Surgical Oftalmologia Indústria e Comércio Ltda.
GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Proprietária do Laboratório Lens Surgical Oftalmologia Indústria e Comércio Ltda.

SUMÁRIO: Votação de requerimentos. Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Há intervenções inaudíveis.
Há oradores não identificados.
Há falhas na gravação.
Há expressões ininteligíveis.
Grafia não confirmada: Zaqueto.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Quero cumprimentar todas as pessoas que estão aqui, os Deputados, os depoentes, os advogados. Havendo número regimental, nós vamos dar prosseguimento aos trabalhos da CPI da Pirataria que investiga fatos relacionados à pirataria de produtos industrializados e sonegação fiscal. Nós estamos há 2 meses trabalhando. Ouvimos o Ministério Público; ouvimos as entidades prejudicadas pela pirataria; fomos a Campinas; fizemos várias ações em São Paulo; especificamente nós estamos já há alguns dias analisando a falsificação de remédios. Nós estivemos em Campinas, onde, junto com a Polícia Federal, nós anotamos várias irregularidades, porque no Brasil, hoje, pode-se dizer que falsifica-se tudo, de peças para avião, peças para carro, vídeos, filmes, remédios. A falsificação é geral. Isso traz dano às pessoas; isso acarreta o não-pagamento de impostos; isso queima emprego, mata gente, cega gente. Então, o Congresso Nacional está realizando essa investigação. Hoje o nosso Deputado Relator Leonardo Picciani não está presente, porque está enfermo, gravemente enfermo de uma pneumonia. Então, nomeio Relator *ad hoc*, como se chama, a Deputada Vanessa Grazziotin. Peço que a Deputada Vanessa Grazziotin assuma a Mesa aqui a minha direita, por favor. Eu queria saber se os depoentes de hoje Fábio LUÍS da Silva está presente. Por favor, é só levantar a mão. Fábio LUÍS da Silva, José Roberto Coelho, José Soares da Silva, Gildenice Mendes de Oliveira, Raimundo José dos Santos, José Carlos Gomes. Ausente? Por quê?

(Intervenção inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Comunique-se à Polícia Federal. Emyr Francisco Soares Júnior, Marcelo Francisco Pessoa Soares. Muito bem. Então, só faltou o José Carlos Gomes, da H&J. Então, vamos fazer o seguinte procedimento: a partir deste momento, nós vamos pegar os depoimentos isoladamente. Então, eu convidaria os 8 depoentes para acompanhar esse rapaz. Vocês vão para uma sala, onde tem café, tudo dignamente. Pede-se que não se comuniquem uns com os outros. E fique aqui o primeiro depoente que é o Fábio LUÍS da Silva. Fábio LUÍS da Silva, por favor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pela ordem, Sr. Presidente. Uma pergunta.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não, Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - São duas questões. Em primeiro lugar, eu queria requerer a V.Exa. que criasse um critério das oitivas nos Estados, que V.Exa. pudesse comunicar, principalmente aos Deputados do Estado pertencente à diligência, na medida que, embora eu seja do Rio de Janeiro e a Comissão tenha estado no meu Estado na segunda-feira, não fui convocada para essa reunião. Em segundo lugar, eu quero saber de V.Exa. se o depoente fará o seu depoimento na condição de testemunha ou de indiciado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vou consultar. A primeira parte da sua questão eu acho que a Deputada tem absoluta razão. Nós fomos ao Rio de Janeiro e a Deputada, que é o do Rio de Janeiro, é uma Deputada de destaque, não foi comunicada, não foi convidada. Então, eu peço as minhas desculpas e peço aos funcionários que a gente observe isto, que, ao se deslocar para os Estados, todos os Deputados devem ser convidados, principalmente os Deputados daquele Estado. A segunda parte da sua questão de ordem eu vou consultar aqui a nossa assessoria, tá bom? Um minutinho, por favor. Dr. Sílvio, por favor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Enquanto V.Exa. aguarda a decisão do Dr. Sílvio, eu queria lembrar a V.Exa. que o advogado do depoente, se é que ele trouxe algum advogado, deve ficar sentado perto do depoente. Se o depoente, eventualmente veio com algum advogado — e eu soube que alguns vieram com advogado —, ele deve ficar sentado perto do depoente, embora não tenha possibilidade de fazer qualquer tipo de manifestação, mas para que mais tarde não venham dizer que V.Exa. impediu o direito da testemunha, então, eu já lembro a V.Exa. que é importante que o advogado possa estar à mesa, embora não possa se comunicar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O advogado não veio, mas o advogado não tem direito de falar, mas pode sentar-se à mesa para orientar o depoente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso pode servir para os outros depoimentos.

(Intervenção inaudível.)



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Quem? O senhor é advogado? Pois não. Aceita a questão de ordem da Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - V.Exa. tem de colher a OAB e o nome do advogado para fazer constar da Ata.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Perfeito. Ninguém deve ficar sem advogado, né?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Para resguardar os trabalhos desta CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, o senhor não pode falar... Como é que é o seu nome?

(Intervenção inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Renato. Dr. Renato, muito obrigado pela sua presença. O senhor não pode falar ao microfone, mas, se o senhor quiser falar com o seu cliente, o senhor levanta a mão e pede. Então, eu autorizo, o senhor conversa com ele livremente sem nenhum constrangimento.

(Intervenção inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Nós vamos começar, então, passando a palavra para a Vanessa Grazziotin. Eu gostaria que o senhor repetisse aqui no microfone, por favor, um termo de compromisso. O senhor poderia repetir? Faça...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Faça...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - ... sob a palavra de honra...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ... sob a palavra de honra...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - ... a promessa de dizer a verdade...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ... a promessa de dizer a verdade...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - ... do que souber...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ... do que souber...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - ... e me for perguntado.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ... e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Isso não é apenas uma formalidade. O senhor fique à vontade. Se o senhor achar que não deve responder,



o senhor não responde às perguntas. O senhor não é obrigado a responder nenhuma pergunta em que sua resposta possa lhe incriminar. O que eu peço ao senhor é que realmente fale a verdade, porque um dos maiores problemas aqui na Câmara é quando a pessoa mente. Quando um Deputado mente aqui na Câmara, dá cassação para ele. Imagina se a pessoa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - V.Exa., então, pelo que eu pude notar, decidi que o depoente vai depor como testemunha. Portanto, é importante que V.Exa. explique à testemunha que mentir significa responder pelo falso testemunho, crime constante do Código Penal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Aceito a sua questão de ordem. Vanessa, por favor, Deputada Vanessa Grazziotin.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sra. Deputada, senhoras e senhores, Sr. Presidente, antes do início, eu penso que seria necessário que o depoente se identificasse.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, se identifique. O que o senhor fazia? A empresa que o senhor trabalhou? Qual é o seu papel? Tudo isso, seu nome, tudo isso.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Meu nome é Fábio Luís da Silva. Sou técnico bioquímico. Trabalhei na empresa... na H&J Cosméticos, como responsável, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Técnico bioquímico?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Técnico bioquímico, responsável pela parte de cosméticos. Entrei para isso mesmo. Resumidamente, fui trabalhar na For Eyes, que foi uma empresa dissidente disso, e recebi o convite para atuar como sócio na Lens Surgical, vindo a me desligar em questão de meses dela formada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Repetindo, o senhor é técnico bioquímico e trabalhou na...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - H&J Cosméticos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - H&J Cosméticos.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso, exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Bom. Mais alguma coisa?



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Fábio, o senhor sabe que CPI é esta que funciona na Câmara dos Deputados?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor poderia nos dizer qual a compreensão que o senhor tem em relação a esta CPI?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu não entendi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Esta CPI, onde o senhor está depondo neste momento.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É sobre pirataria e produtos falsificados, é isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor, na sua compreensão, o senhor acha que foi intimado para comparecer e prestar depoimento aqui por que razão?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Realmente meu nome está envolvido nessa questão aqui da responsabilidade nessas empresas, na Lens Surgical e H&J Cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual o problema que tem a H&J cosméticos e a Lens Surgical? Ou quais os problemas que essas empresas apresentam?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu acho que em relação à pirataria e falsificação, eu não tenho conhecimento nenhum dessa parte. Eu realmente... nessa parte, eu acredito não ter nenhum problema assim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputada Vanessa, perdão, só para tirar... respondendo à inquietação da Deputada Laura Carneiro, o Fábio LUÍS da Silva não está depondo como testemunha, o senhor está depondo como indiciado. O senhor já foi indiciado, inclusive, pela Polícia Federal. O senhor está depondo como indiciado. Por favor, desculpe.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nada, agradecemos o seu esclarecimento, Sr. Presidente. Então, o senhor estava dizendo, Sr. Fábio, que o senhor acha que os problemas que têm nas empresas que o senhor é, ou foi, ligado não tem nada a ver com o objeto desta CPI. Então, o senhor, por favor, diga a nós, os Parlamentares, quais são os problemas que essas empresas apresentam.



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, eu acredito que foi o problema da falta do registro que eles estavam tentando, como é que se diz, conseguir junto à Vigilância, ao Ministério da Saúde e não conseguiram, né? E, ao meu ver, eu acredito que seja esse o problema.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Somente esse problema. Falta de registro onde? Registro de quê?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Da firma em si, porque ela era uma firma tanto para a parte de cosméticos como para oftalmologia necessitaria de registro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Registro onde?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na Vigilância Sanitária.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na Vigilância Sanitária. E as empresas não possuíam?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - A H&J possuía o registro do Ministério da Saúde. Pelo menos, quando eu entrei, foi apresentado, tudo, eu entrei como empregado mesmo. Então, eu acreditei realmente ter, como se diz, ser possível ali ter, como ele tinha já o registro no Ministério da Saúde, estava tudo o.k. com a empresa né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - H&J tinha. E a outra? A Lens Surgical?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - A Lens Surgical eu entrei nela realmente com o intuito de estar conseguindo esse registro através da Vigilância Sanitária e tudo mais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual era a linha de produção da H&J? O que produzia a H&J?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Xampus, condicionadores.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Xampus...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Xampus, condicionadores. É, cosméticos para cabelos, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Além de xampu, de condicionador e esses produtos eles tinham o registro também?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, até onde eu saiba tinha o número do registro do Ministério da Saúde, sim.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A liberação, portanto, o registro do produto para poder ser comercializado.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a Lens Surgical produzia o quê?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ela produzia methylcelulose, aquele gel oftálmico, e colírios, coisas, assim, em geral.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Produtos oftalmológicos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Oftalmológicos, isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E esses produtos da Lens Surgical... O senhor já nos disse que a Lens Surgical não tinha registro na Vigilância Sanitária.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Estavam...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E tão pouco os produtos também tinham. O senhor confirma isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não entendi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que os produtos, os colírios, o gel, também não tinham registro.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não tinham registro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Portanto, não tinham autorização para serem comercializados.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não tinham comercialização.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Acredito que não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor tem quantos anos, Sr. Fábio.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Tenho 26, 27 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Vinte e sete anos. O senhor é técnico em bioquímica?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor concluiu o ensino médio em que ano?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Em 1994.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor trabalha na H&J desde quando?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Desde março de 2001.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Março de 2001.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem lhe contratou na H&J?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - A Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Gildenice?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quem é Gildenice?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ela era sócia da H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela é sócia da H&J?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu acho que sim. Era sócia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Além da Gildenice, o senhor tinha contato com outras pessoas na H&J?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Tinha a Gildenice; tinha a Mônica também, que era sócia de lá...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é Mônica?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ela também era sócia, na época, na H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mônica. O senhor sabe o nome dela todo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Não me lembro o sobrenome dela.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual era a sua função na H&J? O senhor foi contratado para quê?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Para ser responsável técnico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Responsável técnico pela produção de quê?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - De cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De cosméticos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso, justamente.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E antes do senhor, havia um responsável técnico na H&J.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu não...Não, não sei, não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor conhecia a Sra. Gildenice e a Sra. Mônica, essas pessoas a quem o senhor se referiu, antes de ser contratado?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não conhecia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E como é que o senhor foi contratado? Por qual canal? O senhor foi indicado por alguém?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Através de currículo mesmo. Eles fizeram um anúncio lá e eu mandei o currículo...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Um anúncio no jornal?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso. É. Sim. Eu não me lembro....Acredito que sim. Foi um anúncio, sim. Mandei meu currículo e fui selecionado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor mandou o currículo...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... e foi selecionado para ser o responsável técnico. O senhor pode repetir a data que o senhor foi contratado?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Foi em março de 2001. Eu não me lembro da data exata agora.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Março...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - De 2001.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... de 2001, o senhor começou a trabalhar na H&J?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor foi contratado com carteira de trabalho assinada?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Só um contrato simples de prestação, de responsabilidade técnica. Não fui contratado com carteira assinada.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor sabe se isso é permitido, perante à Vigilância Sanitária, o senhor ser o responsável técnico e ter como único vínculo um simples contrato de trabalho?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, na época... Desculpe, pensei que era comigo. Na época, quando eu fiz... assinei o termo de responsabilidade, eu estava sabendo...eu sabia que poderia ser feito... só o contrato já era permitido, já.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só o contrato já era permitido?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Antes de o senhor trabalhar na H&J, o senhor fazia o quê? Qual era a sua...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu trabalhava como analista químico na Companhia Antarctica Paulista; AMBEV hoje.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na AMBEV?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Analista químico da AMBEV?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual era o seu salário?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Era... acho que era mil, cento e alguma... mil e duzentos reais, acredito.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E na H&J, o senhor recebia quanto?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Só pela responsabilidade técnica, no começo, eram 300 reais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Trezentos reais?! Qual era a sua jornada de trabalho?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não... Só acompanhava a produção, só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Recebia alguma coisa por fora?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como? Eu não entendi.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu só... só ia na H&J na produção. Então, eu não ficava as 8 horas lá. Entendeu?



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não ficava as 8 horas.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor ia todos os dias na empresa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Quando era necessário, sim, porque o contrato de trabalho, ele determina isso. Você...Na época que eu fiz, o que me disseram era que poderia ter feito....ser feito dessa maneira.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Além da H&J, o senhor tinha um outro trabalho paralelo a esse?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Eu fiquei um tempo meio parado, então, depois, eles me contrataram, aí, mudaram o salário. Mas esse, aqui, foi só, realmente, para responsabilidade.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor é casado?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, sou solteiro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Solteiro. Mora com a família?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Moro com a minha família.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sobreviveu... só sobreviveu durante quanto tempo com 300 reais por mês?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Foi por poucos meses, porque logo depois começou, realmente, a parte de produção de cosméticos e eu trabalhei em tempo integral. Aí, o meu salário foi para 900 reais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí, o senhor passou a receber... de 300 o senhor passou a receber 900 reais?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso, isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sua família tem posses, Sr. Fábio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor relatou, no início, primeiro, a sua relação como um empregado...



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... da H&J Cosméticos.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que durante os primeiros meses recebeu um salário de 300 reais, e o único vínculo empregatício era um contrato informal de trabalho, assinatura de um contrato informal de trabalho. Confirma?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Confirmando.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em seguida, o senhor foi contratado para dar uma jornada de trabalho maior, porque antes o senhor não tinha jornada de trabalho...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... o senhor não tinha horário a cumprir na H&J, e a partir desse momento em que o senhor teve uma jornada de trabalho estabelecida o senhor passou a receber 900 reais.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas no início o senhor colocou que o senhor tem ligação com duas empresas, objetos de investigação desta CPI: uma é H&J e outra é a empresa...A empresa Lens Surgical.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor é sócio ou foi sócio da Lens Surgical?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Fui sócio. Fui.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual era o seu percentual na sociedade, a sua participação?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eram 10%.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quanto valiam 10% da sociedade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na época, foi investido, se não me engano, 20 mil. Então, eu tinha um percentual de 10%, de 2 mil reais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor entrou com o dinheiro para se tornar sócio?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Na verdade foi... realmente... eu entrei, foi pelo meu conhecimento técnico, nessa parte, para H&J... para Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas eu não estou entendendo não, Sr. Fábio. O senhor entrou pelo seu conhecimento. O senhor é um técnico em bioquímica.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Técnico de nível médio. O senhor mesmo nos disse aqui que a Lens Surgical produz medicamentos oftalmológicos. Que conhecimento o senhor tem na área?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, na área de... de química mesmo, de produção. Como era algo simples, e a Gildenice mesmo que teria... estava me passando essas coisas, então, achei que poderia aprender e ajudar dessa forma a empresa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como técnico de nível médio em química...em bioquímica, o senhor achou que poderia...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... o senhor poderia contribuir?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí, ficou sócio da empresa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ao mesmo tempo que o senhor ficou sócio da empresa Lens Surgical... O senhor sabia que essa empresa tinha outros nomes anteriores a esse e que teve a sua razão social modificada?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Os proprietários da Lens Surgical, além de Gildenice, quem mais são? Quais são os outros?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na minha... quando eu entrei, era Gil... era o Sr. José Soares e o José Roberto e a Gildenice.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - José Soares, José Roberto e Gildenice. Gildenice reside onde?

FÁBIO LUÍS DA SILVA - Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - José Roberto Soares?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Goiânia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o outro, José Coelho?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso. Ele é em São Paulo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em São Paulo. Em Campinas?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Oi?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em Campinas? O Coelho, Sr. Coelho?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Na cidade de São Paulo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na Capital?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, um proprietário reside em Goiás...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Hum, hum.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... outro reside em São Paulo, Capital, e a Sra. Gildenice reside em Campinas.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor era sócio deles todos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era sócio proprietário...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na verdade, era sócio do José Roberto e do José Soares. No contrato vigorava isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E da Gildenice, o senhor não era sócio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ela...na....Não pôde assumir porque ela...por alguns problemas de restrições com o nome dela. Então, ela não pôde. Então...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que restrições?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Aí, eu já não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu estou entendendo. O senhor está dizendo que ela não pôde assumir a empresa, a propriedade formal da empresa, porque tinha restrições.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quais são essas restrições? Quais eram?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu não sei. Acho que um problema com o nome dela. Realmente, eu não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quando o senhor... o senhor entrou na sociedade dessa Lens Surgical, o senhor sabia que ela estava sendo organizada ou reorganizada para dar continuidade a uma produção de medicamentos oftalmológicos. O senhor sabia disso já...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... nos relatou.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ia fazer, exatamente, produção de medicamento oftalmológico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor entrou como sócio apenas como um colaborador através de seus conhecimentos técnicos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor foi o responsável técnico formal da empresa, Sr. Fábio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não fui.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não foi responsável?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem era o responsável técnico pela Lens Surgical?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Na minha época que eu entrei, estava fazendo o seguinte: eu pensei que eu... nós pensamos, poderia ser eu como responsável técnico. E ficou aquela coisa de ser, ou poder ou não poder. E foi, exatamente, quando eu saí da firma. Fiquei de maio de 2002 até agosto de



2002...até agosto de 2002. Foi quando eu me desliguei, realmente, da empresa que eu...Para mim, eu entrei sem nada e estava saindo sem nada, então, achei melhor me desligar da empresa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, o senhor trabalhou de maio a agosto na Lens Surgical?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E entrou na H&J em março?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - De 2001.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De 2001.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Certo. E de maio a agosto na Lens Surgical.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, o senhor disse que havia uma polêmica. Além do seu conhecimento técnico, a sua ajuda na linha de produção, qual era a função que o senhor teria e ficou na dúvida?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual foi o resultado dessa dúvida?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - A dúvida foi que eu acabei me desligando da empresa mesmo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não. Mas o senhor só se desligou da empresa em agosto. Eu estou me referindo ao período de maio a agosto. Quatro meses em que o senhor foi sócio da empresa.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. A gente estava atrás de...exatamente, de prédio para ficar, realmente, a sede da empresa; estávamos atrás de vigilância sanitária para, realmente, ver o que precisava, se eu poderia ser o técnico responsável ou não...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas, Sr. Fábio, o senhor é um técnico em bioquímica.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não sabe que para ser responsável por uma indústria ou laboratório de produção de medicamentos é preciso que o técnico tenha o curso superior?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Quando... A informação que a gente recebeu é que talvez pudesse ser, entende. Então, eu fiquei na dúvida. Tanto que depois, realmente, não pôde e eu acabei saindo da firma.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor não sabe que esse técnico responsável só pode ser um profissional farmacêutico?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Agora eu sei, quer dizer, na época, eu fiquei sabendo disso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor nos falou aqui, Sr. Fábio, que nesse período em que o senhor ficou na Lens Surgical a única coisa que os senhores faziam era procurar local. Então, o senhor está querendo nos dizer que não houve produção durante esse período? (*Pausa.*) Houve produção ou não houve durante esse período?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Realmente, foi feito comigo, exatamente, para...Está ali testando...porque a gente tinha comprado alguns equipamentos também, essas coisas assim. Foi feito, realmente, um... um lote de Methyl, que eu produzi, mas só com a intenção, realmente, de estar vendo a esterilidade, essas coisas de testes mesmo.

SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Bom, então, a conversa muda aqui. O senhor disse que houve a produção. Então, não era só a busca do local para a empresa se estabelecer. Houve a produção de um lote. O senhor acabou de dizer: "*Eu produzi*". Então, os senhores produziram medicamento durante esse período. Onde era feita a produção?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Lá em Campinas, na Bento Simões Vieira.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Bento Simões Vieira?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Além da Lens Surgical, funciona ou funcionou outra empresa nesse local?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Funcionou a H&J até esse período, aí.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Funcionou a H&J?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor conhece o Sr. Antônio Luís?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Antônio Luís?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Antônio Luís? Talvez como "Mineirinho". O senhor conhece?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Mineiro. Conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é esse Sr. "Mineiro".

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ele era motorista da Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É motorista...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Da Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... da Gildenice.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, o senhor conhece o...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... o Sr. Antônio Luís, o "Mineiro", "Mineirinho"?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Bom, o senhor, então, já... Nós estamos evoluindo, porque o senhor já está confirmando que no período em que o senhor ficou como sócio-proprietário, os senhores produziram medicamento. Quem assinou pela responsabilidade técnica da produção desse medicamento?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não tinha ninguém para, realmente... para...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Gostaria, Sr. Silva, que o senhor me passasse o relatório da ANVISA, de São Paulo, com a embalagem. Quem foi o responsável técnico por essa produção?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Bom, eu produzi. Mas eu, realmente...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor produziu com autorização de quem, Sr. Fábio? *(Pausa.)* O senhor não disse que o senhor sabe, o senhor tem consciência de que esse tipo de produto tem de ter licença da Vigilância Sanitária, não só a empresa, mas o produto também. Que os senhores não tinham nada disso?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, Excelência. O que acontece é que a gente achou que, realmente, como a empresa tinha o Ministério da Saúde, que isso poderia ser passado para... para esse caso, para a Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que empresa que tinha no Ministério da Saúde?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - H&J Cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela tinha registro?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Tinha.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí, os senhores acharam que o registro de uma empresa de cosmético poderia...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ... poderia ser transferida para ela.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Vocês entraram com um pedido de transferência no Ministério da Saúde?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Iríamos entrar. Estávamos entrando com isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quantos medicamentos... Qual foi o medicamento que vocês produziram nesse lote? Como se chamava?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Methylcelulose.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Methylcelulose é o nome do princípio ativo. Mas o nome comercial do medicamento?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Seria Hypac.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seria Methyl Lens Hypac ou Visc Lens Hypac a 2%?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Esse medicamento?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Os senhores produziram quantos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu não lembro de quantidade.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não se lembra da quantidade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o que foi feito com o resultado dessa produção? (*Pausa.*) O que foi feito, Sr. Fábio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Bom, Excelência, aí, eu fiz essa produção e logo, em seguida, eu me desliguei da empresa. Então, eu não sei se ela foi vendida, se foi comercializada, se foi destruída...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabia que o senhor estava cometendo um crime contra...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... a saúde pública quando o senhor iniciou a produção desse medicamento e quando o senhor assinou, indevidamente, como responsável técnico pela empresa e, portanto, pelo medicamento?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não sabia disso, mas o senhor fez isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Fiz.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor sabia que a empresa não tinha registro?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Pois é...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor sabia que ela não teria condições legais de produzir sem o registro. Isso o senhor sabia? (*Pausa.*) O senhor acabou de dizer. O senhor repita o que o senhor já respondeu. Só estou pedindo para repetir o que o senhor já falou aqui, Sr. Fábio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Você não pode mentir.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Não estou mentindo. Eu, realmente, na...Eu pensei que poderia mesmo, mas, infelizmente... poderia estar usando esse registro da H&J para isso. Que seria permitido isso. Infelizmente, eu não tinha conhecimento profundo disso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Vanessa, uma questão de ordem.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pois não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - É fundamental, quer dizer, ele está dizendo que não se lembra a quantidade que fez. Mas como é que alguém produz



alguma coisa sem ter a noção mínima da quantidade? Há que ter um balanceamento para produzir esse remédio, quer dizer, o senhor não lembra nem da proporção que o senhor usou, não lembra da quantidade, não lembro de nenhum detalhe relativo à quantidade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, lembro que mais ou menos foram umas mil seringas. Mas a quantidade exata, realmente, eu não me lembro.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas não é exata. Eu quero, pelo menos, aproximada. O senhor tem de ter uma idéia bastante próxima, porque o senhor ordenou a produção, acompanhou a produção, então, tem de ter alguma idéia. Qual é esse volume?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Aproximadamente mil unidades.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mil.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - No mínimo mil para poder fazer aquele lote?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Não me lembro.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Está bom. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vanessa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Fábio, o senhor disse que não sabe...Estamos aqui na polêmica sem saber a quantidade. Esse produto era enviado para alguma outra empresa para fazer parte do processo que compõe a produção?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Como? Não...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele era esterilizado onde? Porque um produto oftalmológico tem de ser esterilizado. Os senhores que faziam a esterilização?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - A gente esterilizava ele a vapor, que é... a vapor fluente. Não, minto, desculpe, esqueci. Em autoclave, mas...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Esterilizavam o gel em autoclave?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ou esterilizavam a embalagem, a seringa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, esterilizava a embalagem. Ela pronta. Eu não me lembro o termo exato da... o termo técnico. Mas era esterilizada em autoclave por nós. E, posteriormente, seria feita uma análise para, realmente, constatar se estava estéril ou não o produto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Uma análise onde?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Em laboratórios terceirizados.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Você já ouviu numa empresa chamada ACECIL?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que empresa é essa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ah! Sim. É verdade. Eles esterilizavam apenas a embalagem da... por fora. Era colocado num invólucro e esterilizada aquela embalagem.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem esterilizava?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ACECIL.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ACECIL. Essa empresa fica onde?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Em Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quantos produtos vocês enviaram? O senhor tem idéia de qual enviaram para esterilização junto à ACECIL...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não tenho idéia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... dos produtos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Olha, Sr. Presidente, eu vou passar... eu vou devolver a palavra a V.Exa. Entretanto, eu gostaria de chamar atenção da situação do Sr. Fábio. O Sr. Fábio, como ele próprio disse, é um técnico de nível médio que foi contratado e trabalhou no período como responsável técnico de uma empresa de cosméticos e que, em seguida, se associou a outra, se associou a outra. O Sr. Fábio assinou a responsabilidade técnica, Sr. Presidente, de uma



empresa que não tinha registro na Vigilância Sanitária e que produziu produtos que foram amplamente comercializados pelo País todo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Ele está qualificado para assinar a responsabilidade técnica?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu gostaria apenas, nesse início do debate, de chamar atenção a isso, para que os colegas possam ter maior clareza da situação e dos atos praticados pelo Sr. Fábio, até para que os colegas possam também fazer os seus questionamentos ao Sr. Fábio. Então ele, sabendo que não tinha capacidade profissional para ser responsável técnico, sabendo que a empresa da qual ele participava como sócio não tinha capacidade legal de produzir medicamentos, mesmo assim ele acabou de relatar que deu o nome como responsável técnico. Nós temos aqui a cópia de embalagem do produto. Em um deles, dos milhares, que foram, possivelmente, mais de 6 mil produtos comercializados pelo Brasil inteiro, consta o nome dele e consta um registro aqui, como se o produto tivesse registrado, Sr. Fábio. Que registro é esse aqui que tem na embalagem do medicamento Methylcelulose Visc Lens Hypac? *(Pausa.)* O senhor sabe que registro... a que produto se refere? Porque se não havia registro...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Seu nome está na capa do produto. O senhor está responsável... por que tem seu nome lá?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu... Realmente, eu disse, eu fiquei responsável apenas pela parte de cosmético. Eu nunca assumi a responsabilidade técnica desses produtos. Era para eu ter assumido, mas eu não assumi.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas o senhor desconhecia. Desculpa, Presidente, só pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Mas aqui está... A Relatora... aqui está o seu nome como responsável técnica.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor desconhecia esse fato?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Como?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor desconhecia o fato de que seu nome iria ser usado como responsável técnico da empresa? O senhor desconhecia isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, eu, realmente, quando foi...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Responda à pergunta dele.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim ou não.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu não desconhecia. Eu sabia que eles iam usar, mas eles tinham me falado que iam colocar outra pessoa...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eles quem, Sr. Fábio? Eles quem?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - O Sr. José Soares e a Gildenice.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quer dizer, mas eles lhe falaram que o senhor iria ser o responsável técnico, que seu nome iria constar na capa da embalagem do produto.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Se fosse, realmente, adiante...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Qual era a sua experiência anterior desse trabalho?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Senhor...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Só um minutinho, porque tem uma informação que eu gostaria que... Qual era a sua informação? O senhor tinha trabalhado onde antes?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Antes daqui, eu também havia trabalhado no Laboratório For Eyes.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E antes desse laboratório?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Antes desse laboratório, na Antartica. Companhia Antartica Paulista.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Na realidade, a sua maior experiência era na Companhia Antartica Paulista?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim, sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Eu gostaria de registrar isso também, viu, Vanessa. A experiência profissional dele maior...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É na AMBEV.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - ...é na AMBEV, na Companhia Antartica Paulista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Quer dizer que fabricar cerveja não se põe dúvida a capacidade dele. De cerveja para remédio... Vamos fazer o



seguinte, eu peço aos Deputados que ao falar se identifiquem, por favor, porque está sendo registrado. Então, nós vamos passar para a Deputada Laura Carneiro, depois o Deputado Josias Quintal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Fábio...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... me explica uma coisa: o que a Gildenice era do Cláudio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, eu não cheguei a conhecer. Mas, se não me engano, eles eram marido e mulher. Ele era marido da Gildenice.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele era proprietário de alguma empresa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Da H&J Cosméticos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você trabalhou lá, não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De maio a...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - De março...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De março a maio, não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E depois... Me explica uma coisa: como é que você foi parar na For Eyes?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na For Eyes, porque eu trabalhava já na H&J. Aí, eu tive o convite da Gildenice para entrar nessa... nessa firma, na For Eyes.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem eram os sócios da For Eyes?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eram a Gilda, o Decio, o Decio Toni e o Filho dele, Fábio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E eles trabalhavam... Vocês trabalharam onde?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Em Hortolândia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em Hortolândia. Num galpão, é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso. Sim.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Me diz uma coisa: vocês produziam cosméticos, nessa época, é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na... Diz onde? Na H&J?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, na For Eyes.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O que vocês produziam lá?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ela ia começar a produção também de... de medicamentos, da... dessa parte de oftalmologia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ia, por quê? Não chegou a começar?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Começaram, mas logo me desliguei também da empresa, fiquei ali, na verdade, de... acho que 3 meses só. Aí, foi quando eu tive o convite da Gilda para participar dessa outra sociedade.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Na verdade, você sempre participou das sociedades com a Gildenice. Não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. De sociedade não. Sociedade só na...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas estava sempre das empresas ligadas a ela.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Primeiro, estava na...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na H&J.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... na H&J, depois você para a For Eyes, depois você foi para a Lens. Não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, me diz uma coisa: por que eles nessa segunda empresa, ou seja, na For Eyes, não trabalharam com medicamentos? Quer dizer, eles chegaram a trabalhar com medicamentos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, chegaram, sim. Eu trabalhei...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você estava trabalhando lá?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Estava trabalhando lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você era assistente técnico?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Era técnico em laboratório lá.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Me explica uma coisa: é verdade que no seu depoimento na Polícia Federal você disse o seguinte: *“que quando começaram a produzir os medicamentos no local, na For Eyes, eram”*. Lê para mim aqui de novo.

(Não identificado) - Pararam de produzir.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pararam de produzir os cosméticos, porque era proibido.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, pararam?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, você chegou a produzir medicamentos, embora fosse proibido, na For Eyes. Eu estou na For Eyes ainda, não cheguei na Lens. Vocês produziram medicamentos embora fosse proibido?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, era proibido fazer... o que a gente ficou sabendo é que era proibido fazer cosméticos juntamente com a parte da oftalmologia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quer dizer que vocês ficaram sabendo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espera aí, Fábio, faz a gente entender, deixa eu te explicar, aqui não tem nenhuma criança.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu imagino que se você é diretor técnico de uma atividade...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Uma dúvida, aqui, da Relatora.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu não ouvi direito a resposta.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eles produziram...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Juntos?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Os medicamentos...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... na For Eyes Medicamentos, embora não pudessem produzir, porque era proibido.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Eles produziam juntos?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas a produção do Methyl Lens era feita onde?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, o Methyl Lens ainda é...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas onde que era? Em que local físico?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - No barracão.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Lá no barracão da... em Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que barracão? O da H&J?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Lá, o barracão que produzia os cosméticos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Então, nessa época, havia parado de fazer os cosméticos. Isso que eu estou querendo dizer.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Havia parado?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - A pergunta concreta é a seguinte: se produzia medicamento e cosmético no mesmo lugar?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eles produziram, primeiro, o cosméticos. Aí, pararam de produzir cosmético e passaram a produzir medicamento no barracão.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sempre no mesmo barracão.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, você há de concordar comigo que as empresas são a mesma empresa. Só tem vários nomes. Mas é a mesma empresa. As pessoas são as mesmas, o barracão é o mesmo, o trabalho é o mesmo. Vocês foram mudando de razão social. Eu estou errada? (*Pausa.*) E, aí, você foi subindo de posto. Ou estou errada?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, eu não... não sei se eu entendo dessa maneira. Mas eu acho...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você deve entender mais disso do que eu. Vamos lá ver se você me explica.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu, realmente, não sei explicar. Eu acredito que não. O que houve foi tentativa, realmente, de reerguer outro negócio e foi ficando para trás.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro, então, começou com um... Vocês começaram... Você começou na H&J tentando produzir cosmético.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Hum, hum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí, essa H&J sumiu, foi para For Eyes.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A For Eyes também não conseguiu...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Aí, ela saiu de lá e foi para Hortolândia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí vocês foram... Aí vocês, então, abriram nesse momento a Lens?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas sempre usando o mesmo galpão. Portanto, era tudo uma fraude, porque a empresa é sempre a mesma, as pessoas são as mesmas, o diretor técnico... o responsável técnico é o mesmo. Estou errada? *(Pausa.)* Eu estou raciocinando. Quero que você me diga se eu estou certa ou se estou errada no meu raciocínio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, responda.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas não olha para ele não. Olha para mim. Olha para mim.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Eu, realmente... Pelo que a senhora está falando, eu acho que é. A senhora está certa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É. Eu estou certa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Era uma fraude?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Na verdade, são várias empresas que foram se transformando (*falha na gravação.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, Deputada Laura. Pode ligar o seu som. Ligou o som?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ligou. Quer dizer, todas com o mesmo objetivo e de vez em quando apareciam uns personagens. Então, vamos aos personagens, porque você já concluiu que eu não estou tão errada, ou, ao contrário, que eu estou certa. Quem era Ana Maria? De onde surgiu Ana Maria?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ela era para ser a farmacêutica responsável pela For Eyes.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pela For Eyes?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas você chegou a trabalhar também lá?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, então, você também foi responsável técnico na For Eyes?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, lá não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não? Tem certeza?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Tenho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha só, aqui, no teu depoimento... Espera aí, antes disso, na For Eyes, vocês produziram Methyl For Eyes a 2%?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim. Foi produzido ali.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi produzido na For Eyes. Você que produziu?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Foi, foi eu que produzi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você que produziu?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, para você produzir na For Eyes, viu Vanessa, para você produzir o medicamento você assinou?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, porque eu não era o responsável técnico por lá. Eu acompanhei junto com a Ana Maria exatamente isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O que eu estou lendo aqui é que você disse o seguinte: *“que já tinha uma responsável técnica e que iam retirar o seu nome. Mas com aquele produto você era o responsável”...*

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Infelizmente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... ainda na For Eyes.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Infelizmente, eles deixaram o meu nome lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, deixaram o seu nome lá e você não sabia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Porque eles falaram que eles iam colocar, exatamente, essa...

(Intervenção inaudível.)

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu estou na For Eyes. Não estou na Lens ainda. Na Lens aconteceu a mesma coisa, por coincidência. É óbvio. Na Lens aconteceu a mesma coisa. Mas na For Eyes aconteceu isso, ou seja, você também não era o responsável técnico, também produziu o Methyl e também assinou e também não sabia. É isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu estou perguntando. Eu não estou considerando. Estou perguntando. É verdade ou é mentira a minha afirmação?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Não estou mentindo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não. Não estou dizendo nada. Estou lhe perguntando se é verdade que na For Eyes o senhor foi assistente, embora o senhor não quisesse ser, mas o senhor foi assistente técnico...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Iam colocar um outro nome no seu lugar, mas não colocaram...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - E deixaram o meu nome lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... mas não colocaram.



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, foi o seu nome, e o senhor produziu o Methyl. É isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Verdade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Essa mesma situação aconteceu na Lens Surgical. É isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. É, na Lens Surgical...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A mesma situação.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Na Lens Surgical...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A mesma situação. Vamos lá. Só que lá não era Ana Maria, lá era a filha do José Soares, que seria assistente técnico e que não foi também, e que também esqueceram o seu nome. Não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí, por conta disso tudo, o senhor, também assistente técnico, também produziu o Methyl. É isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. O que eu realmente deixei claro também é que ficou da parte deles realmente estar tirando o meu nome e colocando outra pessoa. O que o Delegado me disse é que eu realmente deveria ter denunciado, alguma coisa assim. Mas eu me desliguei da empresa e achei que eles realmente iriam tirar essas coisas do meu nome.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espera aí. O senhor se desligou da empresa, não. O senhor concordou comigo, na primeira pergunta, que as empresas são as mesmas, o grupo é o mesmo, as pessoas são as mesmas.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, digo da Lens Surgical...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - As pessoas são as mesmas, está certo? Os donos são os mesmos. As empresas, uma passa para a outra. O senhor concordou comigo quando o senhor disse que era uma tentativa, no meu entendimento, de burlar. Mas, enfim, era uma tentativa de mudar de empresa e ter maior lucro. Portanto, a For Eyes, a Lens Surgical ou a H&J são a mesma coisa; são os mesmos donos, é o mesmo barracão, é a mesma sede, é a mesma empresa,



embora com nomes diferentes. Vamos lá. A mesma sociedade com nomes diferentes, para ser mais exata. Estou errada? Não. Então, estou certa. O senhor já concordou com isso. Se o senhor concordou com isso e está me dizendo que aconteceu na For Eyes e aconteceu na Lens Surgical a mesma situação, ou o senhor está se chamando de burro ou o senhor está me chamando de burra. Eu acho que o senhor não é burro e nem eu. Está certo? Então, vamos conversar agora com outro nível. Vamos responder direitinho. Fica absolutamente nítido para mim — e eu quero que o senhor diga se é verdadeiro ou não — que o senhor sabia que estava produzindo Methyl nas duas ocasiões. Sabia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor sabia que estava produzindo Methyl nas duas ocasiões. O senhor sabia, também, que não tinha qualificação, nas duas ocasiões, para produzir o medicamento?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu achei que eu tinha, mas depois, agora, eu sei...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, espera aí. Desculpa. Se o senhor me mandar fazer uma planilha de custos na área de transportes, eu vou dizer ao senhor que eu não sou capaz. Se o senhor me mandar fazer uma petição, eu vou dizer ao senhor que eu sou capaz. Qualquer um de nós, partindo de nossa qualificação profissional, sabemos da nossa capacidade. O senhor tem a qualificação e a capacitação necessárias para produzir o Methyl For Eyes 2?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, eu creio que sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor tem?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Tenho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor tem. O senhor tem certeza do que está dizendo? O senhor tem qualificação profissional para isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tem?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu não sei se eu posso estar respondendo como técnico responsável.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como técnico o senhor tem qualificação para isso?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Como técnico, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Para produzir?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Para produzir.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E para assinar?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Para assinar, eu fiquei sabendo, depois, que não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não tem. O senhor ficou sabendo depois? O senhor não sabia das possibilidades da sua profissão?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Porque, quando ele foi para Hortolândia, o pessoal da Vigilância falou que poderia ser um técnico, um químico, mesmo, ou um farmacêutico. Dependeria ali da situação. Então, ficou esse negócio meio vago, no ar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor acha que lhe enganaram? Alguém é culpado. O senhor acha que foi enganado?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Bom, se for realmente a ver... nua e crua, eles falaram que...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A pergunta é clara: o senhor acha — sim ou não — que foi enganado? Sim ou não?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Bom, eu acho que sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor acha que sim. Quem o senhor acha que o enganou? O senhor não se esqueça que são 2 episódios idênticos, embora, entre aspas, “empresas diferentes”. Quem o enganou?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Bom, os outros sócios. Eles acabaram me...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que outros sócios? Eu quero os nomes.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na For Eyes, o Decio, que ficou, na verdade, na sociedade; e, da Lens Surgical, o Sr. José Soares, que ia colocar outra pessoa como responsável.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a D. Gildenice era boazinha nessa história? Ela o acolheu em todas as empresas, lhe deu uma... Bom, eu ia falar uma palavra politicamente incorreta, mas, enfim, ela o acolheu em todas as empresas.



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela lhe possibilitou o emprego.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E lhe possibilitou o processo a que o senhor está respondendo. Ela é a santa da história?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, acho que a senhora... Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela é o quê? Pode falar.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Fábio, acho que o senhor tem o dever, não só pode, mas tem o dever, até para se resguardar, de falar absolutamente tudo o que o senhor sabe sobre esse caso aqui para nós.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Fábio, deixa eu te explicar o que é uma CPI. O Presidente desta CPI funciona não como um juiz, até porque somos Poder Legislativo, mas ele pode, no seu processo, ir ao juiz e dizer assim: *“Olha, o Dr. Fábio nos possibilitou encontrar todas as decisões sobre o caso, ou seja, nos possibilitou a investigação desse caso. Então, se o Sr. Fábio vai receber uma pena ‘x’, se for condenado, obviamente, eu queria pedir ao senhor, Dr. Juiz, em função de como ele colaborou com os trabalhos da CPI, que o senhor não faça isso com ele, faça assim, faça assado”*. Obviamente, talvez o senhor não queira falar isso publicamente, isso é um outro problema. Depois que os Deputados perguntarem, eventualmente, o senhor pode falar em sessão reservada para nós. Mas coloque na sua cabeça que ou o senhor se defende ou ninguém mais o vai defender. Porque se o senhor me diz que foi enganado, vão continuar enganando. Mas eu vou continuar perguntando aqui. O senhor disse aqui em seu depoimento que a D. Gildenice... Bom, vamos continuar, depois eu pergunto isso. Então, a D. Gildenice não é tão santa assim, não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É, eu acho que estava... Realmente, eu acho que ela não tinha intenção... A intenção de ninguém era ali realmente prejudicar ninguém, mas houve esse prejuízo da minha parte.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Me diz uma coisa: quando acabou a For Eyes, vocês... Aí a Gildenice pegou o senhor e disse: *“Vamos ser sócios aqui? Vamos montar a Lens Surgical?”* Foi assim?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela o convidou. *“Pô, já que você faz o que eu quero, na hora que eu quero, assina como eu quero, produz o que eu quero, vamos comigo?”* Foi isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não assim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como foi?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Como eu tinha realmente essa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor foi um bom funcionário.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Fui um bom funcionário.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor fez o que ela quis, colocou o seu nome onde ela quis — não é isso? —, mesmo não podendo. Quer dizer, você correu os riscos junto com ela. O mínimo que ela poderia fazer era te convidar para sócio, não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É, acho que foi pelos serviços prestados a ela. Viu que eu era de confiança, uma pessoa eficiente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso, a palavra é esta: “confiança”. O senhor tem toda a razão, só que confiança para a fraude, mas confiança. Vamos continuar aqui. Aí o senhor pegou e ficou sócio dela. E aí vocês montaram, então, junto com o José Roberto Coelho... Quem é esse José Roberto Coelho? Quem ele é na história?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ele é um amigo da Gildenice, também como eu falei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele entrou com muita grana?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Aí eu não sei. Eu acredito que... Eu acho que ele tinha... Na verdade, foi ela, porque ele só...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele entrou por que na sociedade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Aquilo que eu falei. Ela não podia ter, estava com restrição nome e pegou ele como... pela amizade que ele tinha...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, ele foi só um laranja, como a gente diz na gíria?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não sei a definição de laranja.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Laranja é aquela pessoa que é utilizada só para se usar o nome dela. Por que o nome dela não podia ser usado? O nome dela estava sujo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Aí realmente eu não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas foi o que o senhor afirmou. O senhor sabe, sim, porque, na Polícia Federal, o senhor disse o seguinte: *“que José Roberto Coelho é amigo de Gildenice e entrou somente com o nome da Gildenice, pois estava com o nome sujo”*. Então, o senhor sabe. Cuidado, porque o senhor não pode mentir aqui.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu não sabia se eu podia usar a palavra “sujo” ou “protesto”.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pode, sim. Eu usei. Estou lhe perguntando: então, a Gildenice estava com o nome sujo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor sabia que ela estava com o nome sujo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Só fiquei sabendo quando eu entrei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor sabia. O senhor declarou isso aqui.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Então, eu sabia quando entrei na sociedade.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quando o senhor entrou na sociedade. E como o senhor cai numa dessas? Olha como o senhor... Olha, eu estou impressionada com a sua ingenuidade, digamos. Como é que o senhor sai... O senhor, primeiro, assina lá o Methyl sem poder assinar, embora o senhor não soubesse que não podia assinar — mas vamos considerar que o senhor não sabia. A Ana Maria, que não é boba, não assina, que era a responsável técnica, só assina naquela... O senhor só assinou o Methyl ou assinou outros remédios, outros medicamentos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só o Methyl?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Só o Methyl.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, foi só o Methyl que o senhor assinou?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Na verdade, eu não sei a definição de assinar, porque, realmente, eu era...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O nome dele está aqui na... O seu nome está aqui na capa do remédio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, na For Eyes. Na For Eyes o senhor só assinou o Methyl. Não cheguei na Lens Surgical. Na For Eyes, o senhor só assinou o Methyl, não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor sai, essa senhora o convida e o senhor afirma que, quando o senhor entrou para a sociedade — o senhor acabou de dizer —, o senhor sabia que o nome dela estava sujo.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como é que o senhor vai para uma sociedade com uma pessoa que o senhor sabe que tem o nome sujo e ainda o fez assinar — o senhor não sabia, mas o fez assinar — um remédio que o senhor não podia assinar? Quer dizer, será que o senhor é ingênuo, ou nós é que estamos sendo, eu estou sendo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, o senhor é que é ingênuo.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu acho que acabei, realmente, na vontade de ter alguma coisa, de estar crescendo...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Entendi, na sua ambição.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ... enfiei os pés pelas mãos nisso daí.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, então, que bom, assim, o senhor vai ajudar a gente mais. Por que o nome dela estava sujo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Aí eu não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor sabia que estava sujo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, mas eu não...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não teve a curiosidade de perguntar?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, ela tinha...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela era sua sócia. *“Pô, o que aconteceu aí? Por que o seu nome está sujo?”*

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, ela tinha alguns problemas no banco, mas aí entrar em detalhes também... Às vezes a pessoa não se sente à vontade. Então, realmente, eu não sabia o porquê de estar ali. Eu sabia que era com bancos, mas, infelizmente, eu não entrei em detalhes com ela a respeito do quê, do porquê e como.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, resumindo, só para eu tentar entender, o senhor, tanto na Lens Surgical, como na For Eyes, produziu medicamento, como na H&J... Na H&J também o senhor produziu medicamento?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, na H&J foi cosmético só.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só cosméticos. Mas nas outras duas o senhor produziu medicamento, vamos dizer, ilegalmente. É isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É, produzi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ilegalmente. Então, o senhor confessa, em outras palavras, que o senhor produziu medicamentos ilegalmente na For Eyes e na Lens Surgical. É isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Obrigada, Presidente. Eu estou absolutamente satisfeita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputada Laura Carneiro. Agora vai falar o Deputado Josias Quintal. Por favor, Deputado Josias Quintal, é a sua vez de fazer o interrogatório.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Antes de fazer perguntas ao nosso réu, eu queria fazer algumas observações para que, no decorrer do seu depoimento, o senhor vá fazendo as suas reflexões. Quero alertá-lo acerca do crime que o senhor possivelmente teria cometido. Ele pode ser classificado como crime hediondo, que faz com que o senhor possa vir a ser preso e não cabe fiança, dentre as diversas imposições da lei. Mas também quero alertá-lo que a própria lei... A



Laura falou de algum modo, a Deputada Laura, mas falou com base em uma outra lei. Mas eu quero falar com relação à lei dos crimes hediondos, que estabelece, no art. 8º, parágrafo único, o seguinte: *“O participante ou associado que denunciar à autoridade o bando ou a quadrilha, possibilitando o seu desmantelamento, terá a pena reduzida de um terço a dois terços”*. Então, eu estou fazendo essa leitura para que o senhor, sabedor do que fez, possa fazer as suas reflexões e, até mesmo no curso do processo, do interrogatório, tomar uma decisão. Bem, mas vamos às perguntas. O senhor sabia que a empresa que o contratou não tinha registro na Vigilância Sanitária para produzir aquele produto, aquele creme, aquele medicamento, aquele colírio? O senhor sabia disso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sabia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É, eu fiquei sabendo depois, quando já estava trabalhando lá. Mas eu não tinha conhecimento; pensei que...

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Não tinha conhecimento anteriormente, mas, uma vez sabendo, o senhor continuou trabalhando na firma e produzindo aqueles produtos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, aí foi quando eu realmente saí da Lens Surgical.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Saiu de uma e foi para outra?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E, na outra, o que o senhor fez? O que o senhor continuou fazendo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu fiz esse lote para testes, realmente, mas não era a fim de... Não foi com o intuito de, realmente, estar comercializando, mas apenas testando, fazendo testes e tudo o mais.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Mas, se foi um lote para testes, como esse produto veio a ser distribuído e aplicado em pacientes?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Bom, aí, realmente, eu já não estava mais lá na Lens Surgical.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor não tinha o controle sobre o estoque, sobre a guarda desse material?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu não tinha.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Na confecção desses produtos.. O senhor acompanhou a produção desse medicamento, a confecção desses produtos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - A formulação dele coincidia com o que estava previsto, escrito na bula?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O processo de fabricação obedecia a todas as regras sanitárias?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, o laboratório era totalmente esterilizado, com sistema de, como é que se diz, de esterilização do ar, eu não lembro o termo correto. Mas era feito tudo dentro de uma exaustão de ar para realmente não ter contaminante através do ar e tudo o mais.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E a que o senhor atribui a constatação feita posteriormente à aplicação desses remédios em pacientes que levou muitos deles à perda de visão, inclusive ao luxamento do globo ocular? A que o senhor atribui a constatação por outros laboratórios de que esse produto estava infectado por uma bactéria? Como o senhor acha pode ter havido essa contaminação desse produto?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Bom, eu desconheço alguma contaminação ali no local de trabalho, mas como ele foi aplicado, infelizmente, eu não sei como lhe dizer o porquê de ter realmente contaminado.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Bem, estando esse medicamento dentro de um invólucro, dentro de um recipiente lacrado, certamente o lacre só é retirado no momento da aplicação. Então, eu não vejo, e quero saber se o senhor vê, a possibilidade de esse medicamento ter sido contaminado no trajeto do laboratório para o local da clínica. Enfim, como o senhor esclarece ou justifica essa contaminação do produto?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu realmente não sei lhe responder.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor, como técnico, tinha capacidade legal para assinar como responsável técnico a produção de medicamento?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, acredito que não.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Tinha conhecimento disso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Soube nessa época justamente.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Mas quando o senhor faz um curso...

O senhor fez o curso onde?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Fiz em Campinas.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E, durante o curso, não fica estabelecido qual é o limite de um técnico? Isso não é esclarecido durante o processo de formação, qual é a capacidade legal de um técnico?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Realmente não fica claro, porque a gente pode atuar tanto em indústrias farmacêuticas, químicas, de alimento, enfim, onde tiver uma produção necessária um químico, não tem...

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Os proprietários da empresa sabiam, o senhor teve conversas com eles durante o processo da sua, sobre essa condição ilegal, a sua condição ilegal? O senhor, em algum momento, conversou com eles acerca desse assunto?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Da responsabilidade, o senhor está falando?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - É, da questão da responsabilidade que o senhor não tinha para assinar como responsável por aqueles medicamentos. O senhor, em algum momento, conversou com eles acerca dessa restrição?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, foi quando realmente eu me desliguei ali da Lens Surgical, eu não pude realmente ali estar e como eu não tinha entrado com dinheiro, eu não tinha mais nada a receber, eu abandonei a sociedade.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E foi para uma outra empresa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É, aí depois eu me retirei e fui para uma outra empresa.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E foi como sócio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, não, eu digo da Lens Surgical já, que eu realmente soube que não poderia ser o técnico químico, que teria que ser um farmacêutico mesmo, de formação farmacêutica. E foi daí que eu realmente me desliguei da firma, saí da sociedade e fui procurar algum outro serviço, algum outro emprego para mim.



O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor, uma vez sabedor de que não tinha essa responsabilidade técnica, não tinha essa condição legal, o senhor providenciou, após a sua saída, para que fosse dada baixa de seu nome daquela responsabilidade, enfim?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Então, doutor, Excelência, o que aconteceu é que eu não tinha o meu nome como responsável técnico, eu não tinha um contrato de responsabilidade técnica. Eu saí de lá e só realmente falando: "*Eles não vão*"... tinha, assim, para colocar outra pessoa no meu lugar, um farmacêutico mesmo, uma farmacêutica, eu não sei, e eu realmente ia me desligar da firma.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Então, eles te colocaram como responsável de uma maneira aleatória, aleatória à sua vontade, contra a sua vontade, sem o seu conhecimento?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, após eu ter saído, sim.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E quem foi a pessoa que tomou essa iniciativa? Qual foi o proprietário, qual foi o sócio que teria tomado essa iniciativa sem o seu conhecimento?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - De continuar com o meu nome lá?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Isso.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Provavelmente o Seu Soares, acredito, porque ele realmente ia colocar, agora eu não sei, se ia pôr a filha dele ou alguma outra pessoa.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor trabalhou quanto tempo na empresa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Em qual empresa o senhor está falando?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Na Lens?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - De maio de 2002 até agosto de 2002.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Maio de 2002 a agosto de 2002?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Presidente, embora o Fábio demonstre ser uma pessoa bastante ingênua, na verdade isso não cabe a quem tenha realizado um curso, a quem tenha se diplomado como técnico. E, com certeza absoluta, nesse processo de formação fica muito claro quais são os limites da



peessoa. E fica muito claro para nós também que ele não agiu com ignorância durante o tempo em que trabalhou na empresa. Ele produziu esses medicamentos com a consciência de que estava praticando algo ilegal, algo criminoso. Certo? O senhor sabia que o laboratório, que a empresa não tinha registro?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, mas ela estava exatamente tentando no registro. Por isso ...

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sim, mas não tinha registro, não estava credenciada?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Eu queria requerer ao Presidente que fosse decretada a prisão provisória do nosso... eu quero requerer a decretação da prisão provisória dele. Gostaria que o Presidente analisasse esse requerimento e submetesse à Comissão para que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Tá bom, nós vamos analisar e consultar os nossos técnicos e consultar os Deputados. Até o final da sessão nós tomaremos uma decisão coletivamente.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Tá bom.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não, Deputada... Ele quer consultar o advogado? Pode consultar. Deputada Vanessa Grazziotin.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu Fábio, eu gostaria de dar continuidade a algumas perguntas, porque quando eu lhe fiz os questionamentos iniciais eu não sabia de uma série de coisas que foi perguntada pela Deputada Laura, pelo Deputado Josias. Mas, antes disso, perguntaram ao senhor... O nome do seu advogado é como mesmo, Sr. Fábio? Não, eu perguntei ao senhor.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Renato.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Renato de quê? O nome do seu advogado.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - O sobrenome dele?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É, o nome completo.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele chegou aqui a Brasília... Ele reside onde o seu advogado?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Em Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Campinas. Ele veio para cá como?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Junto comigo no avião.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Veio no avião?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabe me dizer se a Câmara dos Deputados... O senhor recebeu sua passagem da Câmara dos Deputados?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Recebi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O seu advogado recebeu também?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem pagou o deslocamento dele até aqui?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Nós pagamos. Eu paguei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nós quem?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ah...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu perguntei para o senhor, Sr. Fábio.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - A Gilda e eu. A Gildenice e eu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor e a Sra. Gildenice que pagaram?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, é o senhor que está pagando o advogado e a Gildenice? São os 2 pagando o ...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Além da passagem, o traslado, os senhores estão pagando o mesmo advogado? Constituíram o mesmo advogado, e o senhor...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Provisoriamente só, provisoriamente.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, mas provisoriamente, quanto custou esse provisoriamente?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu realmente eu não sei o valor. A gente não fechou ainda, foi meio de urgência isso daí e eu não fechei valores ainda com ...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas, então, o senhor tem ainda tem ligação com a Sra. Gildenice ainda, mesmo tendo saído das empresas?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. É que eu infelizmente eu não tenho... uma pessoa que não tem condições financeiras para realmente estar bancando tudo. Então, eu pedi, pelo menos até eu conseguir um dinheiro, fazer alguma coisa, para ter um advogado para mim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor pediu a quem para ajudá-lo financeiramente? À Gildenice?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não foi ela que ofereceu advogado?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - A Família, a família.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, eu estou perguntando sobre o advogado. Quem está pagando o seu advogado? Quem pagou a passagem, quem está pagando o advogado que aqui está?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não eu... quem realmente pagou a passagem dele não fui eu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Foi quem?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Foi a Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Foi a Gildenice?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Deputada, pela ordem só um minutinho?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pois não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Eu sou o Deputado Júlio Lopes, sou Vice-Presidente da Comissão. Na realidade, não foi o seu pai, que entrou de sócio da D. Gildenice, que pagou a passagem?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O seu pai não é sócio da D. Gildenice?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, meu pai ...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas ele era sócio da D. Gildenice?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas no relatório do Cláudio, aqui, do Antônio Luís, ele disse que foi o seu pai que o colocou na...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Meu pai é falecido.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então mentiram para a Polícia Federal?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Meu pai é falecido desde 88.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor chegou a ler os depoimentos do Sr. Antônio Luís de Melo Fochezatto na Polícia Federal?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu queria fazer um aparte a V.Exa. sobre esse assunto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só um segundo. Então, só para deixar claro... Sobre o advogado?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sobre o advogado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pois não, Deputada Laura.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu posso estar errada, mas quando o senhor sentou, que o Deputado o Presidente lhe perguntou se o senhor tinha advogado, o senhor disse que não.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É porque eu estava justamente nessa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deixa eu só terminar. O senhor disse que não tinha advogado. O senhor olhou para lá e, provavelmente, o Dr. Renato deve ter-lhe acenado dizendo: "*Eu seguro*". E o senhor, então... E o Dr. Renato veio. Mas, que eu saiba, o senhor acabou de mentir, porque ele não era seu advogado, ele virou seu advogado agora. Ou eu estou errada?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, ele estava por dentro do meu caso também.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não foi isso que eu lhe perguntei. O senhor mentiu para a Deputada, e estou ouvindo a mentira. Esperei o senhor terminar a mentira para lhe perguntar. O que eu ouvi foi que ele não era... O senhor respondeu, aqui, primeiro, que não tinha advogado.



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Provavelmente, o senhor olhou para lá, para o pessoal da D. Gildenice, que é natural, o Dr. Renato lhe olhou, disse com os olhos: "Eu vou", e o senhor pediu que ele viesse. Eu estou errada no meu raciocínio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor mentiu para a Deputada?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É porque foi tudo assim...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor mentiu para a Deputada?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Olha, não foi minha intenção.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor mentiu.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - A senhora está falando.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Eu estou lhe perguntando. O senhor está dizendo. O senhor disse, há 2 minutos, que ele era seu advogado, que foi de urgência que o senhor preparou, que o senhor sabia que ele vinha, porque ele conhece... Não é verdade. Ele não era seu advogado, o senhor nem sabia que podia vir com advogado.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, não sabia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele passou a ser seu advogado agora.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, eu só quero lhe perguntar: por que o senhor não falou a verdade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Porque realmente eu pensei que era melhor ter um advogado aqui comigo pelo menos para...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas porque o senhor não falou isso: "*Deputada, eu não tinha advogado. Olhei para o Dr. Renato e o Dr. Renato veio*". Não era mais fácil falar a verdade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aqui não tem criança, doutor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Eu lhe pedi aqui... Eu lhe fiz um pedido até formal. O senhor jurou falar a verdade. Agora, se o senhor mente sobre seu advogado, imagina sobre o produto de fabricação. Eu pedi ao senhor que não mentisse aqui porque, na Câmara dos Deputados, um dos mais graves crimes é o crime da mentira. Quando um Deputado mente num processo ele é sujeito à cassação, ele é cassado por mentira. E eu pedi ao senhor que não mentisse. Eu queria saber se a Relatora tem mais alguma pergunta.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu tenho ainda, Sr. Presidente, antes de devolver a palavra a V.Exa. Eu acho que... Sr. Fábio, para nós está claro que quem está pagando o advogado que o acompanha é a Sra. Gildenice.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Está claro. Qual a sua atual ligação com a Sra. Gildenice?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Nenhuma.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, ela está lhe prestando um favor, somente.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Por que ela teria que lhe prestar? Qual a razão de ela lhe prestar esse favor?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Bom, ela viu que realmente eu não tinha condição de pagar e se ofereceu, até realmente para um favor para mim. Não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu vou lhe perguntar sobre algumas pessoas, o senhor vai nos dizer se conhece ou não. O senhor conhece o Sr. Acacio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca ouviu falar numa pessoa chamada Acacio Renato Pereira?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Já ouvi falar. Ouvi falar agora, recentemente. Ele era de uma outra farmácia de manipulação em Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era de uma outra farmácia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor não conheceu, nunca teve contato com ele? O senhor conhece o Sr. Eric?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é o Sr. Eric?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Quando eu estava entrando no H&J, ele estava saindo da sociedade, da H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, ele é o ex-proprietário da H&J?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Esse Sr. Eric tem alguma relação com a Sra. Gildenice?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Que eu saiba, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não? O senhor conhece o Sr. Cláudio Torres?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ele foi marido da Gildenice, mas eu não conheci ele.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele foi esposo da Sra. Gildenice?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não conheceu o Sr. Cláudio Torres?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual o conhecimento que o senhor tem em relação ao Sr. José Soares, seu sócio?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, apenas que ele tem um negócio lá em Goiânia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que negócios ele tem em Goiânia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Acho que é, se não me engano, uma distribuidora de medicamentos, de produtos oftalmológicos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como é o nome da distribuidora?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Lens Produtos Médicos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, ela tem um nome semelhante à Lens Surgical.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, porque *lens* em inglês é lentes.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Claro. Sabemos disso.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas nem todos precisam usar isso no nome de fantasia da empresa. Mas o senhor continue falando sobre o Sr. José Soares.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Conheço, geralmente isso daí, que ele realmente investiu dinheiro na Lens Surgical e tudo o mais...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele que investiu dinheiro?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ... e consórcio foi nesse período de pouco tempo, esses meses aí.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quantas vezes o senhor encontrou com o Sr. José Soares em Campinas?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Acredito que umas 10 vezes, mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Dentro do laboratório...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - ... dentro da cidade de Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas no laboratório onde funcionava a Lens Surgical.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Lá o senhor encontrou com ele. Então, ele ia com certa frequência.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor ficou só 4 meses lá e em 4 meses o senhor o encontrou 10 vezes lá, então ele ia com uma certa frequência?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, ele ia com uma certa frequência.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu não lhe fiz nenhuma pergunta sobre uma empresa chamada For Eyes, apenas ouvi os questionamentos feitos pela Deputada Laura. O senhor chegou a ser sócio dessa empresa For Eyes?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor apenas trabalhava?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era o mesmo contrato informal que o senhor tinha com a For Eyes?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, tinha carteira de trabalho, mesmo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor falou sobre Hortolândia. Era lá que funcionava...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em Hortolândia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Hortolândia fica distante de Campinas?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, é uma cidade vizinha.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quantos quilômetros?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Oito quilômetros, se não me engano.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí ela tinha toda sua estrutura, seu laboratório lá?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Funcionava lá?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Os senhores nunca produziram nada da For Eyes na Lens Surgical?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Infelizmente, Sr. Fábio, temos aqui o depoimento... O senhor prestou depoimento à Polícia Federal?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em Campinas? Em que data foi?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Foi segunda-feira.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Segunda-feira, dia 21?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor prestou depoimento à Polícia Federal? Por que na Polícia Federal o senhor disse uma coisa e aqui diz diferente para nós?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Como assim?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor acabou de dizer que a produção da For Eyes, ou seja, de outra empresa que produzia também produtos oftalmológicos, se dava em Hortolândia, mas o senhor disse diferente na Polícia Federal. O senhor disse na Polícia Federal que a For Eyes Oftalmológica Ltda. — é este o nome, não?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... que a For Eyes Oftalmológica Ltda. funcionava, na época, no mesmo barracão onde eram anteriormente produzidos os cosméticos.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, mas depois foi exatamente para Hortolândia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas eu lhe perguntei: nunca produziu nada no local da For Eyes? O senhor disse que não.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Produziu na For Eyes...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não. Eu lhe perguntei: os produtos da For Eyes eram produzidos nas instalações da Lens Surgical? O senhor respondeu taxativamente: “Não”. Diferente do que o senhor disse à Polícia Federal.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, o que eu disse foi que começou ali, mas foi transferida para Hortolândia e lá foi feita a produção da For Eyes.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E lá o senhor chegou a ver a produção? O senhor chegou a ver?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sabe o que a Vigilância Sanitária nos disse? Que em Hortolândia nunca funcionou absolutamente nada, nunca foi produzido um medicamento em Hortolândia. Nunca. O que foi que o senhor viu em Hortolândia, então?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Foi feita a produção lá, foram levados os medicamentos lá. Agora, se realmente eles constataram que não tinha nada ...



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Temos muitos problemas, Sr. Fábio. Em resposta à Deputada Laura o senhor disse que se responsabilizou ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Só uma questão de ordem. Estou sendo advertido que há alguém no plenário induzindo a testemunha, passando sinal para a testemunha. Peço que ninguém do plenário se manifeste, sob pena de eu pedir à Segurança para agir no plenário e decretar a prisão da pessoa que estiver no plenário passando, em códigos, informações para o réu. Há gente no plenário passando informação para o réu, disse-me a Segurança da Câmara. Se isso se repetir, a pessoa sairá daqui presa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - V.Exa. pode considerar desacato à sua autoridade neste momento e decretar a prisão em flagrante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Apenas fiz a advertência e essa pessoa já foi localizada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Fábio, o senhor disse, em resposta à Deputada Laura, que o senhor aceitou ser o responsável, que usassem o seu nome, portanto, o senhor ser o responsável técnico pela produção do Methyl Hypac, do medicamento do gel. E o senhor disse que foi só dele.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu falei também alguns colírios que nós produzimos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor tem certeza que o senhor falou alguns colírios?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, falei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor falou que ...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que colírios seriam esses?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Colírios específicos. Não lembro assim, porque tinha a fórmula lá e eu apenas seguia ela, não tinha nada ...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quantos lotes desses colírios?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Foram feitos alguns apenas, comigo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E eles eram comercializados onde?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na Lens Surgical, que a senhora está falando?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Então, eu não cheguei a ver a comercialização deles.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eram testes também?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tudo teste?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só faziam testes?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E de onde o senhor adquiriu a experiência anteriormente para produzir colírios, para produzir medicamentos oftalmológicos, uma vez que o senhor trabalhava na AMBEV?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Aprendi junto com a Gilda. A Gilda que fazia...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Gilda é farmacêutica?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, mas ela aprendeu a fazer junto com o marido dela.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O marido dela era farmacêutico?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, ela aprendeu a fazer com ele. Então, eles já faziam isso há muito tempo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Aí eu já não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não sabe?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só um aparte. A Sra. Gildenice produzia outros medicamentos junto com o marido? Quem era o marido dela?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Dr. Cláudio, se não me engano.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Me diz uma coisa: o Cláudio tem uma farmácia, alguma coisa assim?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, quando eu entrei ele já tinha falecido, não tinha farmácia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já tinha falecido?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espera aí, volta: quando você entrou...

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na H&J ele já tinha falecido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... na H&J ele já tinha falecido.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Eu conheci, assim, ele por nome, alguma coisa assim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pouco tempo depois que você entrou? Você... quando entrou, ele estava vivo. Não sou louca. Vou ler para você o que você disse: *“Que conheceu Gildenice Mendes de Oliveira, mulher de Cláudio Roberto Torres, que era sócio-proprietário da Cosméticos, e faleceu pouco tempo depois”*. Então, não é verdade que, quando você entrou, ele estava morto, ele estava vivo.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, quando eu entrei na sociedade, ainda estava no nome dele. Aí eu acho que foi passado para a Gilda. Na época eu não tinha...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas ele estava vivo quando você entrou?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, mas eu não conhecia ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tudo bem, mas ele não estava morto, ele estava vivo. Pelo menos foi o que você disse.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu me confundi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Cada hora você muda, eu fico meio tonta aqui.

(Intervenção inaudível.)

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas você não sabe se ele tinha uma farmácia? O senhor não pode falar no meio do depoimento, doutor. Obrigada.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não sabe...



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, ele tinha uma farmácia em Botafogo, mas eu não...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Se chamava Ortofarma? Você sabe?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Era de manipulação?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, era de manipulação.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Era de manipulação. Nesse grupo tinham mais farmácias?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas a Gilda não era D. de uma outra farmácia, Oftalmica Campinas?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Acho que essa farmácia que era do Cláudio? Não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A do Cláudio era Oftalmopharma.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu não sabia disso, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas quem é que manipulava lá? Era você?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Era ela?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem era?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Devia ser algum farmacêutico que tinha lá. Não sei, Excelência.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês produziam... Mas, espera aí, normalmente... na farmácia não tem nem espaço para manipular? Vocês tinham um laboratório que era dessas 3 empresas. Será que não era nesse laboratório que manipulavam tudo e mandavam para a farmácia deles? Se era um grupo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu não sei, doutora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você não trabalhava lá dentro?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Trabalhava, mas...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você nunca viu o material indo para a farmácia? Você nunca viu o material da farmácia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Tinha farmácia, mas realmente eu não ia na farmácia, eu ficava na...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, claro que você não ia na farmácia. Mas era uma farmácia de manipulação.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Qualquer um sabe que, na farmácia de manipulação, normalmente se manipula num laboratório. Não é isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O laboratório é onde você trabalhava?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, na própria farmácia, eu acho. Acredito que sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, era na própria farmácia. Tinha um outro laboratório lá?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É um laboratório como se faz cápsulas, cremes, essas coisas assim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, era lá, não era na Hortolândia que se fabricava o remédio, não?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Como?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não era lá no galpão que se fabricava o remédio, não?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Qual galpão?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Onde você trabalhava.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Era lá que começava a produção ali, mas não na farmácia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Da farmácia também?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Da farmácia, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Da farmácia, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado. Eu queria saber se a Relatora tem alguma consideração final.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, Sr. Presidente. Eu só sugeriria que, seria interessante que o depoente permanecesse aqui. Talvez, após os próximos, tivéssemos que ouvi-lo novamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O depoente vai para uma sala reservada, sem contato com os que vão depor agora, porque nós ainda vamos fazer alguns interrogatórios. Com a palavra o Deputado Julio Semeghini.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sr. Presidente, só uma última pergunta, porque acho que é muito importante para o que vai começar a acontecer daqui para frente. Eu gostaria de perguntar ao Fábio o seguinte: o senhor trabalhou 3 meses nessa farmácia e conheceu tudo isso daqui. Durante esse período todo o senhor fez alguma reclamação, alguma denúncia, alguma consulta a alguém para saber onde é que o senhor está envolvido, que risco tinha tecnicamente ou comercialmente das coisas que o senhor estava envolvido? O senhor teve... o senhor fez alguma coisa que pudesse hoje inocentá-lo ou, na verdade, o senhor nunca tomou nenhuma atitude desse tipo, sabendo profissionalmente formado como o senhor é?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - O que eu fiz realmente foi quando eu tive que ir até o CRQ, o Conselho Regional em São Paulo, para fazer minha responsabilidade técnica no H&J.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Quando o senhor foi lá fazer essa responsabilidade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Em 2001, em março de 2001. Só iam realmente analisar se eu poderia ser um técnico responsável pela parte de cosméticos. Foi o fiscal lá, ele viu que estava tudo de ordem e não teve problema nenhum.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Tá o.k. E nesse período todo que o senhor fez que não deu problema o senhor teve outros fiscais, o senhor serviu para receber autoridade, para algum processo de credenciamento, o senhor fez alguma coisa desse tipo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Nada disso? Tá. O senhor sabia, estava claro que não era uma empresa autorizada e que ela ia pedir, na verdade, o credenciamento.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Isso. Exatamente.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Quem que disse para o senhor e quem era responsável na empresa para fazer esse credenciamento? Quem havia prometido para o senhor ou está cuidando desse processo do credenciamento na empresa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Na For Eyes, o Sr. Decio, o agente administrativo dele também...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Como era o nome desse administrativo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Carlos Levin.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E o senhor nunca acompanhou para saber se de fato estava acontecendo alguma coisa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Estava, estava acontecendo alguma coisa. Estavam indo na vigilância fazer algum protocolo, alguma coisa assim. E na Lens Surgical eu também estava indo atrás da Vigilância para estar legalizando isso. Na época em que eu estava dentro, eu estava acompanhando isso também, eu fui duas vezes na Vigilância, mas aí foi quando eu me desliguei, não estive mais...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Dessa vez o senhor esteve na Vigilância, o senhor estava... alguma vez o senhor teve... Eu estou tentando dar qualquer oportunidade para que depois o senhor possa usar. Nesse processo todo o senhor desconfiou da incapacidade, do despreparo ou da irresponsabilidade das pessoas com quem o senhor estava envolvido nesse processo que o senhor estava fazendo, alguma coisa?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Eu acreditei que realmente ia conseguir fazer essa documentação e tudo o mais e que eles realmente iam trabalhar da maneira correta.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Tá o.k. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado. Deputada Laura Carneiro, por favor, para suas considerações finais também.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu estou ficando triste, Fábio. Cada vez que eu leio mais um pedaço aqui, mais um furo eu acho seu. Eu estou sentindo que você está mentindo direto. É complicado. Diz uma coisa para mim aqui. Você me disse — você disse para a Polícia e confirmou aqui agora — que o Cláudio teria... quando você entrou na empresa o Cláudio ainda estava vivo. Logo depois ele morreu. É o que está escrito aqui. Você disse também que entrou na empresa em março de 2001. Você conviveu com o fantasma do Cláudio, porque o Cláudio morreu em janeiro de 2001. Então, de janeiro a março você conviveu com o fantasma do Cláudio, mas não foi com o Cláudio. Fala a verdade.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, era para eu ter entrado em dezembro, mas eu só entrei realmente em março para a responsabilidade. Isso é verdade mesmo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, você estava na empresa antes.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu não estava. Só que eu...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas como é que você conhecia o Cláudio? Ele estava morto em janeiro.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu conheci... Não, em janeiro não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você tem que ter conhecido ele antes.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Foi. Eu conheci ele antes, mesmo. Não ele pessoalmente, mas quando eu fiz o currículo, quando eles me entrevistaram, ele ainda estava vivo. Então, eu conheci ele lá, dessa maneira. Não conversei com ele nunca pessoalmente, assim, mas por telefone uma única vez exatamente para isso. Depois entrei e fui contratado em março.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, você conheceu o Cláudio em que mês?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - No final do ano.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em dezembro?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Em dezembro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi entrevistado em dezembro, então? E aí ficaram de dezembro a março para te chamar?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, sim, porque eu acho que tinha algum responsável por lá e não precisou. Por isso que eu realmente entrei só em março.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você conheceu o Raimundo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Conheci.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Raimundo?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Raimundo?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele era o quê?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ele era amigo da Gilda, da Gildenice.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Amigo? Vivia lá?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ele trabalhava em banco. Ele era um gerente de banco.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em banco?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele começou no banco, mas depois ele trabalhava gerenciando a farmácia. Você não sabia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, ele estava sempre ali. Ele sempre trabalhou, mas acho que realmente por amizade, que eu saiba é isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quanto tempo... quantas vezes ele ia lá? Qual era a frequência da visita dele?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Ah, várias vezes por semana. Não sei. Duas, 3 vezes por semana. Depois...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você achava que era só amigo dela?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, ele ajudava ela ali com as coisas. Eu acho que queria ajudar realmente ela a erguer o negócio, mas daí para lá não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá bom. E o Eric você conheceu?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Só, realmente, quando entrei lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá bom. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Sr. Fábio Luís da Silva. Então, o que eu peço é o seguinte: eu peço ao Dr. Sílvio que encaminhe o Fábio Luís da Silva para uma sala separada...



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Presidente, pela ordem. Eu estou inscrito. Eu tenho uma pergunta aqui que eu acho importante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, Deputado Júlio Lopes.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor tinha conhecimento, Dr. Fábio, que a D. Gildenice fazia adulteração de rótulo?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Só uma correção: ele não é doutor, não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim, perfeito. Sr. Fábio, o senhor tinha conhecimento de que a D. Gildenice fazia adulteração de rótulos?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor nunca presenciou ela trocando rótulo de um produto por outro?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Isso nunca foi visto?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Esse Raimundo, o senhor conheceu só superficialmente?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Depois ele... essa convivência aí, conversava algumas vezes com ele, mas só profissionalmente mesmo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Qual era a relação do Raimundo com a Mônica?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu acho que eles tiveram uma filha, se eu não me engano.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E a outra, a sobrinha da Gildenice, como era o nome?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Mônica.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E a mulher do Raimundo como era o nome?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não lembro. Não sei.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ele primeiro tinha um caso com a Gildenice, não foi isso?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, que eu saiba, não.



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Esse senhor que deu esse depoimento, o Sr. Antônio Luís Melo Fochezatto, o senhor conhecia ele?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim. Sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor teve conhecimento? O senhor leu o depoimento dele?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor não se interessou em ler o depoimento dele?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu nem sabia que ele ia depor. Eu não soube.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Por que razão o senhor acredita que ele foi depor?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Quando ele saiu da firma eu acho que ele ficou ressentido com alguma coisa ali, achou que não recebeu o que deveria. Eu acho que foi isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas no depoimento dele ele faz graves acusações ao senhor. Ele fala que o senhor não tinha capacitação para assinar, sabia que não tinha, tinha assinado. E que a Gildenice fazia, usualmente, a transferência de rótulo de um produto para o outro.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu não sabia disso, não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor nem se interessou em ler o depoimento dele?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu estou falando, eu não sabia que ele tinha deposto.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor, quando se formou, o senhor sabia para que é que se servia o seu diploma? O senhor se formou com um grau bem... O senhor é bom aluno? O senhor tem conhecimento para que é que servia o seu diploma?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, para poder estar trabalhando nas funções químicas.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O seu diploma está regularmente inscrito?



O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Agora, o senhor não tem conhecimento do nome do seu advogado?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Oi?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O nome inteiro do seu advogado o senhor não sabe?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu já expliquei. Ele foi... ele veio aqui agora comigo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Perfeito, mas então o nome do seu advogado o senhor não sabe? Só para registrar.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor disse que o senhor pagou a passagem dele para vir para Brasília. Qual é o preço da passagem que o senhor pagou para o seu advogado para vir para Brasília?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu falei que na verdade quem pagou foi a Gildenice.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas então o senhor não pagou nada da passagem?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Não, porque primeiro o senhor disse que o senhor tinha pago.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - É que na verdade vai ficar... eu vou ter que pagar realmente a passagem dele também, por ele estar me representando.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Vamos só rememorar os fatos aqui. O senhor disse que tinha pago. Agora o senhor está dizendo que não pagou e que não sabe sequer o preço.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, o preço eu sei. É trezentos e... Acho que 370, alguma coisa assim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Onde é que o seu advogado vai ficar hospedado aqui? O senhor tem idéia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, porque eu também... não me falaram nada a meu respeito de hospedagem.



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor administrava, enfim, com o esse mesmo rigor lá os remédios que o senhor manipulava e as proporções que o senhor manipulava? Era com esse rigor que o senhor administrava remédios que poderiam cegar pessoas?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não. Mas é que... infelizmente, essas coisas eu não sei.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim, mas quando o senhor estava manipulando um remédio que podia cegar várias pessoas que estão cegas por causa disso, o senhor não se preocupou em saber o nome integral daqueles produtos? O senhor sabia?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu sabia o nome deles.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas o senhor nem se lembra da proporção dos remédios que o senhor manipulou, porque o senhor disse aqui que não sabia a quantidade?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Não, eu não sabia a quantidade que foi feita.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O que o senhor sabe, Dr. Fábio? O senhor tem conhecimento de alguma coisa na vida? O senhor não sabe nem o nome do seu advogado. O senhor não sabe a quantidade de remédio que o senhor manipulou. O senhor não sabe as proporções que o senhor usou. O que o senhor sentiu quando aquelas pessoas ficaram cegas, quando começaram a surgir aqueles casos? O senhor tomou alguma providência?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Qual foi a providência que o senhor tomou?

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Eu... primeiro eu procurei junto ao CRQ, mandei uma carta, também enviei uma carta para... para a Polícia Federal também.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor é um homem cuidadoso, Sr. Fábio. Lidando com coisas da seriedade que o senhor lidava, o senhor tem vaga lembrança do que o senhor fez. Quando usavam o seu nome, o senhor sabia que usavam o seu nome, porque no seu depoimento mesmo o senhor confirma que sabia que usariam o seu nome. No seu depoimento à Polícia Federal o senhor diz que sabia, e o senhor, portanto, sabia das responsabilidades da utilização do seu



nome. Eu sugiro que o senhor leia os depoimentos que têm aqui do Dr. Antônio, depois vai ter que ler, são graves as acusações, e eu sugiro que o senhor trate a sua vida com um pouco mais de responsabilidade, inclusive para conosco.

O SR. FÁBIO LUÍS DA SILVA - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor precisa lembrar melhor das coisas que o senhor fala e das responsabilidades que o senhor tem, como cidadão, inclusive. O senhor deve estar se esquecendo bastante das suas responsabilidades como cidadão. Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputado Júlio Lopes, obrigado aos Deputados. Sr. Fábio, o senhor não está dispensado, o senhor vai ficar numa sala reservada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não, pois não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nós temos todos os próximos depoimentos aguardando numa sala, todos juntos. Entretanto, há um segurança da Casa que não permite a interlocução entre eles.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - A conversa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Entretanto, Sr. Presidente, eu sugeriria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Ele não vai para a mesma sala.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... que o Sr. Fábio fosse para outra sala.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Acato a sugestão da Relatora Vanessa Grazziotin. O senhor vai para outra sala, sem contato. Tem condições técnicas disso? (*Pausa.*) Então, por favor.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sr. Presidente, se me permite, eu gostaria de sugerir ao senhor que decidisse sobre a prisão cautelar dele e, em vez de mandar para a sala, mandar logo para a Polícia Federal, para a prisão da Polícia Federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputado Josias Quintal, nós vamos analisar o pedido de detenção, de prisão dele junto com os outros



Deputados, no final, depois de ouvirmos todas as seis pessoas acusadas, seis que estão sendo acusadas hoje. Tudo bem?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Então, por favor, obrigado pela presença, Sr. Fábio Luís da Silva. O senhor aguarde na sala reservada. Eu convoco o indiciado José Roberto Coelho. Já foram buscar o José Roberto Coelho? *(Pausa.)* Atenção, Srs. Deputados, vamos recomeçar a nossa sessão da CPI da Pirataria. Gostaria que convidassem os Srs. Deputados a adentrar ao plenário. Talvez estejamos realizando a mais importante sessão. Por favor, gostaria que todos os Deputados... Atenção, gostaria que os Srs. Deputados adentrassem ao plenário para que possamos recomeçar. Esta é uma sessão muito importante da CPI da Pirataria. Estamos investigando a falsificação de remédios que causaram problemas, cegaram pessoas, deixaram pessoas prejudicadas. E estão sendo ouvido todas as pessoas acusadas. Atenção, Srs. Deputados, vamos recomeçar. Quero convocar para a Mesa o Sr. José Roberto Coelho. Por favor, Sr. José Roberto Coelho. Sr. José Roberto Coelho, eu lhe faria a seguinte recomendação: que o senhor falasse a verdade, somente a verdade. Talvez o crime mais grave na Câmara dos Deputados seja a mentira. Quando um Deputado mente num processo, ele perde o mandato. Então, gostaria que o senhor falasse a verdade, somente a verdade. Nós estamos investigando falsificação de remédio. E eu passo a palavra para o senhor para o senhor dizer quem é, em que o senhor trabalhava, o que o senhor fazia, para o senhor se identificar, por favor. E depois vou passar a palavra para os Deputados, que farão o interrogatório. O senhor tem advogado?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Sr. Presidente, pela ordem. Ensiná-lo a ligar o microfone, para ele poder falar ao microfone, por favor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - A pergunta é a seguinte: o senhor tem advogado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, tem o advogado da firma, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Quem é o advogado da firma? Que firma?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Da empresa lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Que empresa?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É o senhor que tá sentado, esse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Ah?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Dr. Renato?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Como é o nome dele?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Dr. Renato.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não sei, ele veio com um pessoal aí de Campinas, né? Disseram que ele vai... é da empresa, é da firma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Da firma? Que firma?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - A Lens Oftálmica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - É? Então, por favor, o advogado da empresa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É o Dr. Renato. Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deixe ele se identificar primeiro, não?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É uma questão de ordem que me foi levantada pelo advogado, por isso eu queria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Dr. Renato chegou a mim pedindo que V.Exa., se eventualmente essa testemunha for depor como indiciado, que possa informar sobre que crimes ele está indiciado. Como o indiciamento é feito pela Polícia Federal, talvez fosse melhor que a Assessoria da Polícia Federal pudesse auxiliar os trabalhos da Secretaria, se é que ele vai depor como indiciado. Eu não sei nem se ele foi indiciado ou não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Tá bom. Ele foi indiciado pela Polícia Federal, ele vai depor na qualidade de sócio dos laboratórios. E o indiciamento virá a posterior. Tá bom? Por favor, se identifique, diga quem o senhor é, o que o senhor fazia, quais são as suas pretensões, por que o senhor está aqui.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Meu nome é José Roberto Coelho. Vou começar desde o início, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Como é que é? Fala perto do...



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Vou começar do início, como que começou. Eu, para falar a verdade, a única coisa que eu fiz foi ajudar uma pessoa, a Sra. Gildenice. Ela...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Silêncio, por favor.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu a conheço há mais ou menos uns 10 anos. Ela sempre teve... O marido dela, que era farmacêutico conceituado em Campinas, ele sempre teve o laboratório de soros oftalmológicos, tal. E há 3 anos, mais ou menos, ele veio a falecer. E um dia, depois do falecimento dele... Eu já conhecia o Cláudio há 10 anos, né, a esposa dele, e ele veio a falecer. Daí a esposa dele, Gildenice, veio até mim, até a minha casa, em São Paulo, e pediu... dizendo que queria abrir novamente a firma, a empresa, né? Só que ela tinha... ela precisava de mais uma pessoa para a firma... a empresa ser limitada. E como o nome dela...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Para ser o quê?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu gostaria que a empresa fosse limitada, teria que ter mais de um sócio. Como ela havia... O seu Soares, que era um outro sócio... E o nome dela estava negativo, foi o que ela me falou, o nome negativo, e não poderia abrir no nome dela. Aí ela chegou até a minha casa e pediu se eu poderia fazer no meu nome. Eu, como a conhecia, conheci o marido dela, nunca houve nada de errado, eu aceitei. E falei: *“O que eu preciso fazer”*. Ela falou: *“Você assina os papéis, e não vai ter problema nenhum. Você só... É como se fosse sócio, 50%”*. Mas já deixei bem claro na época que eu entrei: *“Eu não quero nada, eu estou fazendo um favor pra você, não quero receber nada”*. Como nunca recebi nada dessa firma, dessa empresa, né? Pra falar a verdade, a única pessoa que eu conheço aqui, dessas pessoas que vieram aqui, é a própria Gildenice e o Raimundo, assim de vista, não conheço profundamente, assim, pessoalmente, né, assim, mais a fundo. E a minha participação na... nessa empresa é essa. Eu nem sei, pra falar a verdade, nem sei onde... eu sei que ela fica em Campinas, mas eu nunca frequentei, nunca... Vocês podem achar que eu seja um bobo, um laranja, né, como o pessoal diz, mas eu sabia que era uma firma de soros e tal. Mas a única coisa que eu sei é isso. Minha participação é essa daí. *(Risos.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado. O senhor está rindo de quê?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Nada, desculpa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O senhor está rindo de quê?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, de nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Bom, eu passo a palavra à Deputada Vanessa Grazziotin.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor tem quantos anos, Sr. José Roberto?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Trinta e nove.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual é sua profissão?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sou coordenador de loja.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor trabalha no comércio?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Trabalho no comércio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual é... Mas é uma cadeia de lojas?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, é uma só.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É uma loja. O senhor é o gerente da loja?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É como se fosse um subgerente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Subgerente.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hum, hum.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Onde fica essa loja?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ela fica na região do Morumbi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - São Paulo Capital?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - São Paulo Capital.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É lá que o senhor reside?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Lá... Sim?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor reside em São Paulo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ah! Sim, resido em São Paulo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A sua formação profissional é qual?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É... Sempre trabalhei em comércio, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, mas o senhor tem algum curso de nível médio? É técnico?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não; fiz só... apenas o colegial.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O colegial?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor trabalha no comércio há quanto tempo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Desde os 20 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor pode nos dizer qual é o valor do salário que o senhor recebe, qual é o seu salário?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, registrado na carteira, 908 reais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor só tem essa função?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Somente essa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só tem essa ocupação?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Só essa ocupação.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Sra. Gildenice reside onde?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Campinas. O senhor disse aqui que conhece a Sra. Gildenice há 10 anos.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mais ou menos 10 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mais ou menos 10 anos.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hum, hum.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o esposo dela quanto tempo o senhor... falecido?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É... Ele faleceu há 3 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor conheceu ele também há...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Conheci juntamente, no mesmo momento.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eles já eram casados quando...?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Já eram casados.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que tipo... Como foi que o senhor conheceu essas duas pessoas, o Sr. Cláudio e a Sra. Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hum, hum. Em... quer ver: eu trabalhava de fiscal de caixa na rede de Supermercados Sé, era fiscal de caixa, e lá entrou uma moça, a Mônica, né? A Mônica é sobrinha dela.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mônica?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mônica.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mônica de quê?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É... Silva de Oliveira.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mônica Silva de Oliveira.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sobrinha...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sobrinha da Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Da Sra. Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso. Aí fizemos amizade. Fiquei amigo dela e tal. E conheci a família dela — o pai, os irmãos — e, por conseqüência, a tia, né? Aí ela me levou em Campinas. Tudo como amigo, né? Todo mundo lá. E...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor namorava essa Mônica? Tinha algum relacionamento?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Cheguei... cheguei a namorar uns meses, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí, através dessa Mônica...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, conheci a Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Conheceu a Gildenice e o senhor...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Cláudio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o Sr. Cláudio.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em Campinas?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Em Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a partir daí o senhor começou a freqüentar a casa dessas pessoas?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, algumas vezes, né? Sei lá, uma vez por mês, eles faziam churrasco, eles me convidavam e eu acabava indo, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E depois que o senhor... O senhor terminou o seu relacionamento com a Sra. Mônica?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E depois disso o senhor continuou freqüentando a casa de Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Algumas vezes. Continuo sendo amigo dela.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual é a profissão da Gildenice? O senhor sabe?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A profissão do seu Cláudio?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Era farmacêutico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele era farmacêutico?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Farmacêutico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ele trabalhava, o senhor falou mas eu não... Trabalhava com que o seu Cláudio?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É... é soros, né, soros pra... como diz... é... pra fazer... operação de catarata.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Soros pra fazer operação de catarata?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hum, hum. Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E isso... Desde que o senhor conheceu ele, ele já trabalhava com isso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso, já trabalhava com isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tem 10 anos mais ou menos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mais ou menos 10 anos.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele já produzia...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Já.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... esses soros?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hum, hum.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a Sra. Gildenice ajudava ele? Trabalha junto com...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - No caso, na época não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na época não.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ele tinha... Ela era uma D. de casa apenas, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela era D. de casa e era ele que fazia a produção?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso, ele fazia a produção.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor chegou a ir ao local de trabalho dele, do seu Cláudio?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Na época, quando eu o conheci, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Onde é que ficava?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Em Campinas, só que eu não conheço assim a fundo Campinas, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, não...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ah! sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... não a localização. Mas era o quê? Era uma fábrica?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Um grande laboratório?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O que era?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, um laboratório pequeno, não era muito grande, era...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ele fabricava soros...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Fabricava.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... e comercializava?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Comercializava.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não sabia pra quem ele vendia?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca teve contato com nenhuma das pessoas que comprava o produto?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não. Eu sabia que ele vendia pra muita gente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E nesse local onde ele trabalhava era assim tipo um comércio, onde as pessoas chegavam pra comprar, ou era só de produção mesmo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, era só de produção. Ele tinha uma pequena parte assim, um escritório que... mas era mais pra fora, né, não era assim pra pessoas normais, era mais pra firmas e hospitais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Vendia pra firmas e hospitais?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso, isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Isso há quase 10 anos.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Há aproximadamente 10 anos ele trabalhava com isso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É mais ou menos, porque eu conheço...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor chegou a ver algum desses produtos embalados ou pegar, ver alguma coisa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu cheguei a ver nos vidros só, né, nos vidrinhos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor não lembra o que estava escrito nos vidros?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Alguma coisa sobre soro, né, mas...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não lembra?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu sei que é difícil pro senhor, mas nem fazendo um esforço o senhor não consegue lembrar de nada nas embalagens?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu sei que era um soro, era um líquido assim bem denso, mas eu nunca entrei a fundo, procurar saber, né? Nunca eu tive interesse pra essa parte.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O Sr. Cláudio era um senhor de idade?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ele tinha... Ele faleceu mais ou menos com 44, 45 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Foi quando que ele faleceu? Em 2001?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Há 3 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Há 3 anos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hum, hum.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quarenta e quatro anos ele tinha quando faleceu?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, mais ou menos, 42, 44, por aí, não sei a fundo, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a partir do falecimento dele, o senhor continuou a ter contato com a Sra. Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã. Continuei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Porque daí... Mas a sua amizade era com a Mônica a partir daí, ou com a Gildenice, ou com ambas?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Era com ambas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor hoje é casado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, solteiro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor mantém ainda alguma relação com a Sra. Mônica?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só amizade?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Só amizade.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E com a Sra. Gildenice também?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Amizade.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aí foi quando que o senhor foi procurado... Como foi quando o senhor foi abordado pela Sra. Gildenice pra fazer parte aí dessa sociedade?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu estava em casa...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em São Paulo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Em São Paulo. Sim, ela foi me visitar e, de repente, assim, chegou e falou: *“Você não está a fim de ser meu sócio?”* É o que eu falei, né, que ela precisava de mais uma pessoa pra ser limitada. E, como havia uma pessoa só, e o nome dela estava negativo, ela me pediu se poderia fazer no meu nome.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor perguntou pra ela por que o nome dela estava...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ela disse que estava negativo, mas não entrou em detalhes, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor também não perguntou?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não perguntei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual foi a resposta que o senhor deu a ela quando ela fez essa proposta?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ah! eu fiquei de pensar, né? Eu falei: *“É uma coisa assim... não é abrir um crediário, né, é abrir uma firma, né?”* Eu falei: *“A gente tem que pensar”*. Ela falou: *“Não, mas não vai ter problema nenhum. Você conheceu o Cláudio”* — é o esposo dela, né? — *“sempre correu tudo bem, não vai dar problema nenhum. Temos os farmacêuticos, são de confiança”*. É que... que ela estava assim meio desamparada, precisava de ajuda e tal, e eu acabei ajudando.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor acabou ajudando.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Fazendo no meu nome, né?



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, na hora em que ela lhe fez essa proposta, o senhor pensou, ali, naquele momento mesmo, e já deu a resposta...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, eu fiquei...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... depois da conversa...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, durante o dia, durante o dia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... de que colocaria seu nome?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor sabia qual era o percentual que o senhor entraria na empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É... 50%.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Cinqüenta por cento.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hum, hum.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, na realidade, o senhor entrou na empresa substituindo a verdadeira proprietária, que era a senhora...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Gildenice. Então, o senhor aceitou isso. O senhor nos confirma que aceitou...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... essa condição. O senhor emprestou o seu nome à Sra. Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Na época, ela não chegou a falar emprestar, né, ela pediu pra fazer... sei lá... eu acabei fazendo. Ela não usou a palavra "me empresta o seu nome".

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabe dos riscos que as pessoas têm quando ingerem qualquer tipo de medicamento, o senhor não sabe?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim, sei.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor já deve ter ido a médico...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... já deve ter sido consultado, deve ter recebido prestação médica.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Já.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabe disso. O senhor sabe que ela lhe propôs uma sociedade numa empresa de produção de medicamentos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabe disso? E o senhor não perguntou nada a ela sobre isso, como funcionaria?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É aquele negócio: eu conheci o Cláudio, sempre foi tão bem. Tudo bem que ele já tinha falecido, mas eu achava que ia continuar na mesma maneira, muito bem feita, nunca ocorreu nada de errado. Ele era bem conceituado, sempre foi muito profissional.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor considera que uma pessoa que produz medicamentos sem ter registro na ANVISA, que tem uma empresa que também não tem registro na ANVISA, o senhor considera isso uma pessoa profissional, Sr. José Roberto?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mas ele, na época, ele tinha o MS, tudo certinho, e, quando assinei os papéis, também achava que era tudo certo...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele tinha... como é, o senhor viu o MS... o registro no Ministério da Saúde, para o senhor afirmar que na época ele tinha?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, mas é que nunca ocorreu nada com ele; nunca havia acontecido nada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas só o fato de nunca ter ocorrido nada já é suficiente para o senhor achar que ele já tinha o registro? O senhor viu o registro do Ministério da Saúde, à época?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não vi.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, como é que o senhor sabe que as coisas iam tudo bem?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, eu imaginei, porque nunca ocorreu nada assim que fosse...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca ocorreu nada, como está ocorrendo agora.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ou seja, nenhuma pessoa, nenhuma cidadã, nenhum cidadão brasileiro teve qualquer problema de saúde por conta das ações de Seu Cláudio.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso; isso mesmo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas isso é suficiente para dizer que ele estava legalizado perante o Ministério da Saúde e tudo mais?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E, mesmo assim, o senhor, ali... a Sra. Gildenice estava acompanhada de alguém, quando lhe fez a visita para lhe fazer essa proposta?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Estava só?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Só.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela viajou de Campinas até São Paulo, de carro, para lhe visitar e lhe fazer essa proposta?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor aceitou? E depois de o senhor ter aceito, como as coisas fluíram? O senhor deve ter ido com ela a algum cartório; o senhor conte aqui, para nós, como foi o procedimento depois disso.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, ela trazia papéis na minha casa, para eu assinar, e falava que, depois de assinado, ia mandar para um cartório... sempre trazia alguma coisa para eu assinar, abrir conta no banco...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Conta em banco também o senhor abriu?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, conta em banco, por causa da firma, né? Precisava ter assinatura do sócio, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor leu algum desses papéis que o senhor assinou?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Li.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem eram seus sócios?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - O Seu Soares.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Soares; o nome todo dele, o senhor lembra?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - José Soares.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - José Soares. Ele também reside em Campinas?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, em Goiânia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em Goiânia. O senhor conheceu o Sr. José Soares?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca viu esse senhor?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Nunca vi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, nunca.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Somente hoje, aqui, não é?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Somente hoje, aqui.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ela lhe falava alguma coisa sobre esse Sr. José Soares?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Falava que ele que tomava conta, na verdade... ele que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vanessa, ele não conhecia o sócio dele?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O senhor não conhecia o seu sócio?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não conhecia.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o que ela falava sobre o Sr. José Soares?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Que ele que mandava o dinheiro... ele que era o... na verdade, o sócio mesmo, que mandava... tinha... tudo era ele, não é?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, ele que detinha o comando efetivo da empresa Lens Surgical?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era ele, esse Sr. José Soares? Esse José Soares é um cidadão de posses, é um homem rico? O senhor sabe se ele tem outros negócios?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não sei; não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não sabe. E, durante esse processo, qual era a participação dessa Sra. Mônica nisso tudo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ela era uma espécie de telefonista, secretária...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela é empresária, essa Mônica?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca teve nenhuma empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor tem certeza?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Que eu saiba, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É? Nunca teve empresa nenhuma, a Sra. Mônica?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Que eu saiba, não. Eu a conheci como operadora de caixa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Operadora de caixa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Operadora de caixa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela é prima da Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Prima... sobrinha...



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sobrinha da Sra. Gildenice, né? Sr. José Roberto, o senhor teve algum problema com a Receita Federal, nesses últimos anos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não? Mas o senhor, como um trabalhador de comércio, com salário de 900 reais por mês, se associar a uma empresa com 50% das ações, o senhor nunca foi chamado... o senhor declarava Imposto de Renda? O senhor declara Imposto de Renda?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu nunca declarei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor é isento; óbvio, com 900 reais, é isento. Mas o senhor nunca foi chamado pela Receita Federal?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mesmo sendo sócio-proprietário e possuindo 50% de cotas da ação de uma empresa chamada Lens Surgical o senhor nunca foi chamado pela Receita Federal?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Nunca fui... nunca fui.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca foi incomodado. E de quem... Nos papéis que o senhor leu, quem eram os proprietários dessa Lens Surgical, anteriormente ao senhor ingressar como sócio? Estava lá, escrito nos papéis, não é?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu não me lembro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem foi que lhe passou as cotas? O senhor já ouviu falar no Sr. Walfrido?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ineide, Inida... já ouviu falar?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não época, eu assinei os papéis; existiam uns nomes, mas não estou lembrado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Esse Walfrido, o senhor não lembra de ter lido?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não conheço também.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E essa Ineide?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Também vi só no papel, como...



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como é o nome da mãe da D. Mônica?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - E a Lourdes, hein, Relatora?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Lourdes, o senhor ouviu falar?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não estava no papel?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Esposa do Walfrido.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ineide, já ouviu?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Então, eu lembro desses nomes, quando eu assinei, mas não conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como é o nome da mãe da Sra. Mônica?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - D. Dionília.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Dionília... era a mãe. Sr. José Roberto, o senhor já teve algum problema com a Justiça, com a Polícia... pequeno?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Graças a Deus, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca teve nenhum problema?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nada, nada?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Nada, nada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nem leve, nem médio, nem grave? Nunca teve problema de envolvimento com a Justiça, nunca respondeu a nenhum processo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Durante a sua intervenção inicial, o senhor falou num Sr. Raimundo. Eu ouvi bem?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ah! Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é Sr. Raimundo?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Seu Raimundo, no momento agora, ele está casado com a Mônica, essa que eu conheci, que era operadora de caixa e tal. Ele apresentou...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É esposo da Mônica?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele estava junto com a Sra. Gildenice quando...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ele faz parte da empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Que eu saiba, ele, na época, era uma espécie de gerente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Gerente de quê?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Gerente da empresa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - A Lens.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ah! Ele era gerente da Lens?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hum, hum.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor conheceu, sabia no que ele trabalhava antes de trabalhar na Lens?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Gerente de banco.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Gerente de banco. De qual banco?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não sei dizer se é o Itaú ... Se não me engano é o Itaú.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Gerente do Banco Itaú?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, Itaú.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na Capital de São Paulo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, interior.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - No interior?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Em Campinas mesmo.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em Campinas?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o que o senhor sabe dele é só isso? Ou sabe alguma coisa mais?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Nada. Mais nada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor conhece o Seu Mineiro?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca ouviu falar no Seu Mineiro?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ouvi falar do Seu Mineiro. Se não me engano, era motorista.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Motorista de quem?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Da empresa. Ouvi falar de Mineiro, mas também nunca vi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca conheceu?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor visitou a empresa de sua propriedade alguma vez?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor acha — agora é uma pergunta subjetiva que vou lhe fazer —, o senhor acha que o senhor cometeu algum crime, alguma coisa prestando esse favor a uma amiga sua?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - No momento que assinei os papéis estava ajudando uma pessoa, mas agora, devido a tudo isso que aconteceu, não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor tinha consciência de que aquele seu ato não era um ato legal?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E hoje? O senhor tem consciência disso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hoje, sim.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Hoje, o senhor tem consciência de que o senhor é proprietário de uma empresa que produz ilegalmente, clandestinamente, falsifica medicamentos? O senhor tem consciência, o senhor sabe disso hoje, não sabe?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hoje, eu sei, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Acusada de cegar pessoas.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Então. Fiquei sabendo através dos jornais. Li um jornal, e estava lá o nome da empresa. Imediatamente liguei...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ligou para quem?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Para a pessoa em Campinas, perguntando: Deu algum problema aí, está acontecendo alguma coisa? Daí eles falaram: Aconteceu isso, a Vigilância Sanitária apareceu aqui, estávamos fazendo cosméticos...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Cosméticos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, xampu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem lhe falou isso? Quem lhe prestou as informações? A Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - A Gildenice. Com o MS...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, espera só um minutinho. Então, quer dizer que eles estavam produzindo cosméticos ainda?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Acabamos de ouvir falar que a produção de cosméticos havia parado, havia cessado.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Então. Era assim: fiquei sabendo que tinha cosméticos, estavam usando o MS dos cosméticos. Para mim, até então...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O que é MS? Eu sei, mas muitas pessoas que aqui estão que não sabem. O que é MS?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É sobre o Ministério da Saúde.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ministério da Saúde. É o registro, no caso seria o registro.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso. Então, para mim foi novidade, não sabia de nada disso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O senhor está sendo advertido de que o senhor não pode mentir aqui.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Está bom? Estamos fazendo uma investigação muito séria, as acusações são muito graves. Estive no Rio de Janeiro e vi 3 pessoas que foram cegas, e supõe-se que seja do remédio fabricado pela sua empresa. Então, peço ao senhor que realmente se detenha aos fatos e não minta. A Relatora...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu já concluí, Sr. Presidente. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Já concluiu? Pela ordem, o que era? Porque tenho uma ordem de inscrição aqui. Posso seguir? A ordem de inscrição é a mesma: Deputada Laura Carneiro, Josias Quintal, Julio Semeghini, Júlio Lopes e Bispo Wanderval. Convido todos os Deputados — nós temos já a presença de 20 Deputados — a participarem, virem à Comissão. A sessão de hoje é uma sessão muito importante. Nós estamos investigando a falsificação de remédio, a falsificação de produção de remédio em Campinas, que prejudicou pessoas, cegou pessoas. Mais tarde, estarão entrando alguns requerimentos e vamos ter que nos pronunciar sobre esses requerimentos. Eu gostaria que nos pronunciássemos sobre requerimento de prisão, inclusive, com a presença de todos os Deputados aqui. Então, por favor, peço que convoquem todos os Deputados a participarem da audiência. Então, dando prosseguimento, está inscrita a Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Zé Roberto, Sr. José Roberto, queria primeiro saber... Você me permite chamar só de Zé Roberto? Só pelo primeiro nome?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Tudo bem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Obrigada. Fica mais fácil. Diz uma coisa. Você estudou até que ano, pra quê?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Fiz o colegial.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só fez o colegial?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Só o colegial.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O que você fazia antes de conhecer... quando você conheceu a Gildenice? Você diz que foi há 10 anos, mas como?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Assim, eu era fiscal de caixa na época no Supermercado Sé.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você era caixa no supermercado.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, era fiscal de caixa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Era fiscal de caixa.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso. Aí, então, entrou a Mônica, de operadora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso. A Mônica também era operadora de caixa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Operadora de caixa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela ficava no caixa registrando.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso, isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - No supermercado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - No supermercado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você conhece... Quantos anos a Mônica tem?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hoje... Nasceu em 76... Não, não, ela nasceu em 81.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela nasceu em 81?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Desculpa, 76, 76.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Setenta e seis. Então ela tem 27 anos, é isso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Vinte e sete anos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Novinha.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E quem é o marido dela, você conhece?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, conheci há pouco tempo, depois que casou.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é o marido?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - O Raimundo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Raimundo é o marido dela?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Marido dela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o que o Raimundo apita lá na empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não sei, para mim ele era o gerente da empresa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O gerente da empresa. Então, é ele que lida com o dinheiro da empresa, é isso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, mais ou menos, né.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mais ou menos... É ou não é?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, é.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você pode ter sido fiscal, mas agora tu é o sócio, afinal de contas.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É o gerente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele é o gerente da empresa. Então, ele cuida da parte financeira, é isso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Da parte financeira.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Raimundo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, rã.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Diz uma coisa, quando ela... Como é que ela chegou para você e disse... Conta como é que foi a cena. A gente finge que você está...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Como assim?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... num cinema. E eu quero que você conte para a gente como foi a cena dela te propondo ser sócio da empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ah, sim. É, ela foi em casa, eu freqüentava a casa dela, nesse dia ela chegou na minha casa, conversou normalmente comigo, e o marido dela tinha falecido, ela estava na pior, estava triste.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quanto tempo depois que o marido dela faleceu que ela te convidou, você se lembra?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Foi agora, o ano passado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O ano passado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, o ano passado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela te convidou no ano passado?

Mas o marido dela morreu em janeiro de 2001, ela estava triste durante 2 anos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não sei. Ela me chamou o ano passado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O ano passado em que mês?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ah, não me lembro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você não lembra?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não lembro. Sei que foi o ano passado.

Me chamou...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas foi antes das férias, depois das férias?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi no primeiro semestre, no segundo semestre? Estava frio na época? Ou muito calor? A gente consegue identificar o início.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu não lembro. Acho que no início do ano.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - No início do ano passado. Então, 1 ano depois da morte do marido.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, por aí.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mais ou menos. Ele morreu em janeiro de 2001.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Janeiro de 2001, é, né?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que ele morreu. Mas ela chegou lá muito triste, deprimida.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, muito triste, deprimida.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Devendo no mercado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ah, isso eu não sabia.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu estou perguntando. Devendo, cheia de dívidas, eu quis dizer.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, aí falou que ia novamente abrir a empresa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - E apareceu esse José Soares e precisava de mais uma pessoa para a firma ser limitada, para a empresa ser limitada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Precisavam de 3.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, duas pessoas. Esse José Soares...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela não era sócia, não?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, ela não. Porque o nome dela estava no negativo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, o nome dela estava sujo.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu imaginei que fosse isso, SERASA, SPC, cheques devolvidos, essas coisas. Aí, ela pediu se eu podia ser o sócio do José Soares.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas ela te disse quem era o José Soares?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Disse que era um comerciante de Goiânia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um comerciante de Goiânia.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - A única coisa que ela falou. Um comerciante de Goiânia. Aí quando eu falei, fiquei de pensar, falei: *“Mas isso aí não dá problema? Eu não estou abrindo um crediário, estou abrindo uma empresa”*. Ela falou: *“Não, mas...”*

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que vantagem ela te ofereceu?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, eu não pedi vantagem. Ela falou: *“Mais para frente, se der dinheiro, se as coisas melhorarem, eu posso dar um dinheiro para você”*. Eu falei: *“Não, eu não quero”*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas ela te ofereceu pelo menos um emprego em troca? Nada em troca?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, então, na época eu estava trabalhando já. Aí ela falou assim: *“Caso um dia você precise, a firma está lá, a empresa está lá. Se você quiser sair e trabalhar com a gente”*.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quer dizer que você foi o laranja, aquela laranjinha que a gente nem liga para ela, porque nem cuidar de você ela cuidou! Você era o laranja, você disse isso.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, eu disse que vocês podem achar que eu sou um laranja; laranja, que eu saiba, é a pessoa que entra sem saber o que está fazendo, assim...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É, mais ou menos. Então, você sabia o que você estava fazendo, sabia que estava abrindo uma empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sabia que estava abrindo uma empresa, mas eu não sabia...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E que você era fantasma, na verdade?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - ... mas eu não sabia das conseqüências, e assim, para mim, a empresa estava certa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele era um “semilaranja”, entendeu?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, desculpa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Era uma maçã, assim. Desculpa, é que essas coisas me irritam um pouquinho, mas continua. Vamos lá. Então, você sabia que estava entrando na firma, só não viu que tinha conseqüência nenhuma?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Como eu disse, para mim o MS era totalmente certo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas eu quero entender qual era a vantagem que você tinha de entrar numa firma...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu só queria ajudar. Eu só quis ajudar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só para ajudar pela amizade que você tinha a ela?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Só pela amizade que eu tinha a ela.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E se você sabia que o nome dela estava sujo... Portanto, você mesmo disse que o nome dela estava no SERASA...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Para mim, eram cheques devolvidos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por isso? Cheque devolvido só devolve sem fundo. Não é muito legal dar cheque sem fundo, você concorda comigo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu sei. É verdade.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, ela estava te propondo... Você sabia que era uma coisa que não estava certa, porque ninguém vai entrar numa empresa sem ser...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu sei. Assim, eu não sabia das conseqüências...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não estou perguntando das conseqüências. Eu estou querendo entender o que te motivou a aceitar ser sócio de uma empresa que não existe, vamos dizer, sem ser. Ser de direito e não de fato.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu fiquei com pena dela, na época. Eu falei: "Vou..."

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi por pena.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Por pena, vou ajudar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Para ajudar?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Para ajudar ela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E quem mais conversou com você nessa época?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Somente ela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só ela?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Só ela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Diz uma coisa: você conheceu o Cláudio?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu conheci o Cláudio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Qual é o teu grau de relacionamento com o Cláudio?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não era profundo, eu apenas conhecia o Cláudio quando eu ia na casa dele, a gente fazia churrasco. Mas ele, assim, nunca freqüentou a minha casa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você é casado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sou solteiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a Gildenice, qual é o teu grau de relacionamento com ela.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - A mesma coisa. Eu tenho amizade, assim, de freqüentar a casa dela, em churrasco no final de semana, uma vez por mês.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mesmo depois da morte dele?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, depois da morte dele diminui mais.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Diminuiu?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, rã.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você chegou a conhecer... quem que você conheceu de todo mundo aí das empresas?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Para falar a verdade, daqui, que veio hoje, só conheço a Gildenice e o Raimundo, das pessoas que vieram aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não. Vamos lá. Você conheceu a Ana Maria?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca conheceu? Você conheceu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputada, aqui está a relação. V.Exa. a quer?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, aqui por aqui mesmo. Você conheceu a Lourdes?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Walfrido?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Também não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A mulher do Walfrido?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Também não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - As únicas pessoas que eu conheci dessa empresa foram os 2 que eu falei: a Gildenice e o Raimundo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Só.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí, você passou a trabalhar lá? É isso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, nunca trabalhei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nunca trabalhou?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não. Eu tenho carteira registrada. Trabalho há 3 anos na mesma firma, na mesma empresa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E como é que o pessoal da tua empresa ficou, quando soube dessa história?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ficaram todos assim meio que assustados, falando: *"Como é que você fez uma coisa dessa?"* Daí a mesma maneira que estou falando para vocês, eu fiz para ajudar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você conheceu seu Acacio?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. A Ineide?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, hoje que você sabe que tudo isso é um... toda a conseqüência, como você disse, o que você acha? Que ela te enganou, te usou? Ou ela é boazinha, realmente era muito sofrida.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não. Não vou dizer boazinha, mas, é... Não vou dizer que ela me usou... Ah, sei lá. Eu tô falando a verdade, tão surpreso quanto vocês de tudo isso aí, porque eu achava que era uma coisa, e é totalmente diferente. Achava que eu estava ajudando uma pessoa com tudo direito, tudo nos conformes, como dizem, e fiquei tão surpreso quanto vocês, quando vi nos jornais tudo o que aconteceu.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Hum, hum. Mas o que você acha, hoje, da D. Gildenice? Que ela o usou?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - De certa forma, porque, como vocês mesmo estão dizendo, SERASA não é uma coisinha assim à toa. Tinha cheques, tal...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não sei o que tinha. Eu só usei suas palavras.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, eu sei. Eu... Para mim, era uma coisa assim: era um cheque, dois cheques, três cheques devolvidos. Uma coisa, assim, sem fundos, ela cobriu, mas o nome ficou sujo, entendeu? Agora, vendo as proporções das coisas, estou vendo que eram coisas mais sérias.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, se sente enganado hoje pela Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mais ou menos, não. Ou mais, ou menos.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, me sinto, me sinto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Se sente enganado. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputada Laura Carneiro. Mais uma vez, eu convido todos os Deputados CPI da Pirataria para que não só assinem a lista de presença, mas que também participem desta reunião, deste interrogatório. Convido a todos os Deputados da CPI da Pirataria que estão nos seus gabinetes que venham participar desta sessão. A sessão de hoje é muito importante. Estamos ouvindo o pessoal de Campinas acusado de montar laboratórios e vender remédios sem autorização da ANVISA, do Ministério da Saúde, que podem ter levado à cegueira algumas pessoas, causado prejuízo físico a algumas pessoas, no caso, a cegueira, no Rio de Janeiro e em outras partes do Brasil. Então, mais uma vez, convido todos os Deputados. Passo a palavra agora para o Deputado Josias Quintal.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sr. José Roberto.

O SR. JOSÉ ROBERTO - Sim.



O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Quando o senhor assinou o contrato social da firma, o senhor foi induzido por quem a assinar aquele contrato, quem o levou àquele compromisso, àquela sociedade?

O SR. JOSÉ ROBERTO - A Gildenice.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Naquela ocasião, o que ficou estipulado com o senhor em termos de rendimentos que o senhor teria? O senhor um salário, teria uma participação nos lucros da empresa, ou ficaria apenas como sócio pela amizade.

O SR. JOSÉ ROBERTO - Pela amizade.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor freqüentou a empresa algumas vezes, chegou a conhecer o local onde a empresa fabricava aqueles produtos?

O SR. JOSÉ ROBERTO - Não.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Não. O senhor tinha conhecimento de que a empresa, ela não estava legalizada diante da vigilância sanitária e outros órgãos afins?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não. Para mim, era totalmente correta.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Em momento algum o senhor visitou a empresa.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Em momento algum.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Não conhecia absolutamente nada?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Então, está encerrado da minha parte, Sr. Presidente. Ele se afigura, ao que parece, uma pessoa que tenha sido usada pelo grupo, se verdadeiro. O senhor, em momento algum, recebeu qualquer remuneração por conta desse grupo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Em momento algum.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Quantas pessoas dirigiam essa empresa, ou seja, na sua visão, na sua percepção, quem eram as pessoas que mandavam nessa empresa? Além do Raimundo, que conforme o senhor afirmou presumivelmente era o gerente, quem mais tinha influência, ascendência sobre os funcionários dessa empresa?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - O José Soares e a Gildenice. Os 3.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Os 3: o Raimundo, o José Soares e a Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, rã.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Esses, os que mandavam. Em momento algum, então, o senhor visitou a empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Em momento algum.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sabia dos produtos que ela fabricava?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu sabia que eram os soros. A única coisa que eu sabia.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sabia que eram os soros oftálmicos usados?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Soros oftálmicos.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Tá bom. Então, muito obrigado. Da minha parte, está bom.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputado Josias Quintal. Mais uma vez, eu convido os Deputados da CPI da Pirataria para que compareçam aqui ao plenário. Precisamos da presença de todos os Deputados porque vamos ter que votar aqui alguns requerimentos muito importantes. A presença dos Deputados é importante, não só pela lista de presença — temos já mais de 20 Deputados na lista de presença, no total somos 23 Deputados da CPI —, mas porque eu gostaria que todos os Deputados assistissem pessoalmente a este depoimento, para que a gente possa julgar e para que a gente possa votar alguns requerimentos no final da sessão. Nós não vamos fazer intervalo para o almoço. Vamos fazer a sessão direta. Estamos analisando aqui a falsificação de medicamentos. Eu passo a palavra agora ao Deputado Julio Semeghini.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Obrigado, Sr. Presidente. Sr. José Roberto.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu aqui não vou repetir, porque acho até que... O senhor tem-me convencido. Não sei se, tendo ou não, mas na



verdade, pelo menos pela sua sinceridade, pela sua intenção de ajudar. Agora, nós esperamos que o senhor tenha a mesma intenção de nos ajudar a esclarecer o fato da consequência que este País vive. Estamos vivendo um momento terrível. Se as pessoas puderem se achar no direito de fabricar um remédio que pode acabar com a vida de uma pessoa, é o fim de qualquer organização que a gente possa estar estabelecendo. Então, a sua responsabilidade hoje é tão grande ou maior do que a nossa. Muito maior do que a nossa. A nossa é de esclarecer e a sua é a de tentar colaborar. Então, eu quero que o senhor me responda algumas perguntas. Durante esse período, o contato que o senhor teve com essa família, com esses amigos no churrasco ou alguma coisa, há alguma informação, alguma comentário, alguma pessoa que não esteja envolvida nesse processo, que seja importante para a gente tentar saber, que tinha um papel de distribuir, de colaborar com dinheiro, de incentivar, que realmente se formasse esse abre e fecha de empresas e de se especializar nesse setor? Há alguma denúncia que o senhor tenha ouvido falar, alguma dúvida, alguma pessoa que não esteja envolvida nesse processo das pessoas que foram perguntadas ao senhor?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Não há?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Se eu conheço alguém? Não conheço.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O senhor, reservadamente, não quer perguntar para nenhum de nós, dos Deputados, alguma coisa que o senhor gostaria que fosse esclarecida, alguma coisa pela qual o senhor se sente traído, por estar sentindo o prejuízo que o senhor causou para tantas famílias neste País? Há alguma coisa que esteja, hoje, em dúvida na sua cabeça, e que depois o senhor não terá outra oportunidade de esclarecer, porque aqui, até hoje, o senhor pode ter tido a intenção de ajudar. Hoje, o senhor está consciente da responsabilidade do problema que, direta ou indiretamente, o senhor ajudou a causar neste País. Então, eu acho que essas suas respostas agora podem ser definitivas para o processo que vai acabar de se esclarecer a partir de agora. Tem alguma coisa que, reservadamente ou aqui em público, o senhor gostaria que fosse esclarecida, para que não pudesse depois ter nenhuma pena sobre o senhor futuramente?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Quando foi fechada... A empresa foi fechada em fevereiro. Assinei os papéis. Disseram-me que a Vigilância Sanitária havia aparecido lá, e o MS não estava correto. Falaram-me que o laudo médico dos remédios consta que está em perfeito estado. A minha dúvida é esta: eu queria saber se está mesmo ou não, conforme me disseram.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Certo. Mais uma última coisa que eu acho: depois que o senhor ficou sabendo, que o senhor leu nos jornais e viu a gravidade do problema... Aí eu queria que o senhor me contasse rapidamente, além de ligar para a D. Gildenice, na verdade, que o senhor ligou, eu quero um pouco mais do que ela falou para o senhor, porque depois nós vamos ouvi-la e eu quero saber quanto irresponsável ela foi depois de já estar sendo informada do que foi. Eu quero que o senhor me conte um pouco mais de detalhe, o que ela falou e que providências o senhor tomou, se o senhor comentou com mais alguém, por favor.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu logo que soube fui a Campinas. Fui até a casa dela.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O senhor não foi à firma? O senhor foi à casa dela?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Fui à casa dela. A firma eu não conheço. Vocês podem achar que é mentira, mas eu não conheço.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu não estou achando... Eu quero só que o senhor seja bem objetivo.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu fui até a casa dela e queria saber mais informações e o que estava acontecendo. Até então eu vi isso nos jornais, né, o que tinha acontecido, as pessoas no Rio, o nome da empresa. Eu falei: *"Vou lá saber o que está acontecendo"*.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E o que ela lhe falou, nos detalhes?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim. Chegando lá, ela me falou que, em princípio, havia ocorrido que a Vigilância Sanitária tinha ido lá porque o MS da empresa estava vencido, estavam usando os cosméticos, e que no laudo, como eu disse agora, constava, em fevereiro, que estava totalmente correto, não havia problema nenhum com o remédio. *"Esse problema que aconteceu agora foi em*



abril”, foi o que ela me disse. Eu falei: *“Então, por que está acontecendo tudo isso?”* *“Não, o problema maior é porque está sem a licença médica”*, foi o que ela me disse.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ela falou se, naquele momento, ela fecharia a empresa, se ela estaria tomando alguma providência para o senhor? Que data foi esse dia? O senhor se lembra, mais ou menos, quando é que o senhor esteve na casa dela? Qual foi a notícia exata do jornal e em que período o senhor esteve na casa dela? Quando ela teve essa conversa com o senhor?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Foi logo que eu soube, agora em junho, na metade de junho, mês passado.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Que notícia o senhor já tinha lido no jornal nesse momento? Qual era a gravidade? Que informações o senhor tinha?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu tinha visto a notícia inteira: *“Sete pessoas ficam cegas no Rio de Janeiro”*.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E o senhor acha que era razoável ela dizer só que o laudo não estava correto?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ela me disse mais. Ela disse que não era a empresa em si. Havia todas as empresas relacionadas com esses tipo de remédios que estavam sendo investigados, que não tinham prova nenhuma contra as empresas.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E o senhor procurou a Polícia, procurou alguém, alguém da sua família, alguém da sua confiança para poder ver em que enrascada o senhor havia se metido nesse momento?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu fiquei preocupado, né? Eu falei: *“Poxa...”* Comentei em casa. O pessoal falou: *“Por que você foi fazer isso? Por que você foi entrar?”* Eu falei: *“Eu fui para ajudar”*. Até então, ficou assim. Até que um dia a Polícia Federal foi em casa, foi revistar, apreensão e busca, se acharia alguma coisa. Revistaram a minha casa, a da minha avó, a da minha tia e não encontraram nada, porque ali não tem nada. Daí foi a surpresa do pessoal de casa, né? Porque, até então, ninguém sabia que eu tinha assinado nada, minha avó principalmente.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está o.k. Acho que para mim é o suficiente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputado Julio Semeghini. Mais uma vez reforço o convite aos Deputados a participarem da CPI da Pirataria. Nós estamos investigando falsificação de remédios em laboratórios de Campinas. Passo a palavra, agora, para o Deputado Júlio Lopes.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sr. José Roberto, o senhor está falando que tem uma avó na sua casa. Quantos anos tem a sua avó?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Oitenta e nove, 90 anos.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor sabe que nós fizemos uma audiência pública esta semana, lá no Rio de Janeiro, e tinha uma senhora da idade da sua avó que só tem 20% da visão de um olho e o outro olho está completamente cego, inclusive murcho, em decorrência da irresponsabilidade das pessoas com as quais o senhor está envolvido?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu não sabia.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor não falou que leu no jornal?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mas eu não sabia dessa senhora, né?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Dr. José Roberto, qual o nome da empresa que o senhor trabalha?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Marché.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O quê?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Marché Places Rouges. É um nome francês. É um mercado.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor veio direto de ser supervisor lá do Supermercado Sé, não é isso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu saí da rede Sé...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor saiu por quê?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu pedi para sair porque eu ia montar um comércinho, uma mercearia.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor ia montar uma mercearia? Então, o senhor tinha recursos para montar uma mercearia?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, peguei uma indenização da...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas dá para montar uma mercearia com...



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Uma pequena mercearia, um barzinho. Montei, não deu certo, fechei. Aí fui trabalhando por aí. Trabalhei de caminhão, trabalhei de taxi, trabalhei de repositor...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim, mas o que eu quero lhe perguntar concretamente é que o senhor disse que conheceu a D. Mônica, que o senhor teve um caso com ela, ela era caixa do supermercado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Era caixa do supermercado.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Em que o senhor era supervisor?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Era fiscal de caixa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor, como fiscal de caixa, sempre soube que cheque sem fundo... O senhor vendia em cheque lá no supermercado, não vendia?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Não vendia em cheque?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O supermercado nunca aceitou cheque?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Cheque? Ah, já vendi em cheque, sim. Vendi em cheque.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Todo supermercado vende.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Para vender em cheque, o senhor tinha que assinar no cheque como supervisor de caixa...

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, hã.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Porque eu sei que, quando um cliente vai pagar com cheque, o caixa aperta um botãozinho e chama o supervisor de caixa.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Por que ela chama o supervisor de caixa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Para a gente analisar o cheque, se o cheque tem procedência, se...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Para saber se a pessoa tem o quê?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Uma boa procedência, né? Se ele não tem...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Por que eles querem saber se a pessoa tem boa procedência? Por que o senhor, como fiscal, era sempre chamado quando um cliente ia pagar com cheque?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Por causa de problemas de cheques devolvidos, cheques roubados, cheques sem fundo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E o senhor, quando verificava que a pessoa tinha um ou mais cheques sem fundo, o senhor autorizava o recebimento daquele cheque?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Não?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas no caso da D. Gildenice, lá, o senhor achou que ela emitir 3 ou 4 cheques sem fundo para fabricar remédios, o senhor achou que era irrelevante? O senhor não se lembrou que o senhor, como fiscal de caixa, tinha a responsabilidade de verificar exatamente se pessoas como ela poderiam ou não adquirir mercadorias no supermercado que o senhor trabalhava?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mas eu achava que os cheques ou alguma coisa parecida que ela estivesse devendo não seriam relacionados com remédios, seria com alguma coisa que ela comprou e não pagou e ficou devendo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então, o senhor julgou que isso não era importante?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Para mim era coisa pouca, uma loja... Vamos supor, uma televisão que ela comprou e não pagou e estava com dívidas atrasadas, e o nome foi para o SERASA. A impressão que eu tive foi essa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A única motivação que o senhor teve, então, foi de ajudá-la?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - De ajudar.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor não tem uma pessoa de confiança que o senhor consultou? Quando lhe vieram com essa proposta, o senhor



não disse: “Bom, vou procurar saber qual é a minha responsabilidade, vou perguntar a alguém...” O senhor não perguntou a ninguém?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, porque eu confiava nela, 10 anos.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas confiava nela mais do que em todo mundo? O senhor não tinha uma outra pessoa, uma pessoa do supermercado, dessa outra loja que o senhor trabalha, de qualquer outro lugar para perguntar qual era a responsabilidade de o senhor estar assinando aqueles documentos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, eu não perguntei para ninguém.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A ninguém?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ninguém.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A responsabilidade foi toda sua?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu simplesmente pensei um pouco, dei um tempo durante o dia que ela estava em casa e aceitei.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor não pensou em nenhuma outra consequência?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas, agora, o senhor tem pelo menos uma idéia da gravidade?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Agora, sim. Hoje em dia eu sei.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Está bom. Eu só queria que o senhor me dissesse, porque o Julio já perguntou, mas certamente quando o senhor foi intimado, porque nós vamos aqui conversar com a D. Gildenice e o Dr. Raimundo, ela deve ter-lhe falado alguma coisa. Quando foi indiciado, achou que estava tudo bem, perguntou a ela, ela disse que não era nada, e o senhor achou que estava tudo bem? Ficou só por isso?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, eu sei que é um negócio grave.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim, mas aí ela não falou nada também para o senhor, mesmo quando o senhor foi indiciado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Como assim?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quando o senhor recebeu a notícia que a Polícia Federal foi na sua casa, que esteve lá, o senhor não ligou para ela de novo?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Então, ela me disse: *“Fala somente a verdade”*. É o que eu estou dizendo: que fui na sua casa e pedi... essas coisas que eu te falei, que você me ajudou por amizade. É o que aconteceu.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor usa produtos cosméticos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor não usa nenhum cosmético?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ah, sim, xampu, essas coisas...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Que xampu que o senhor usa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não tem uma marca definida, né?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Aquela empresa de cosméticos nunca lhe deu nenhum produto lá que fabricava? O senhor disse que era uma empresa de cosméticos.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Já me deu uma amostra.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Que amostras lhe deram?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Me deu um xampu e um condicionador.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Era esse xampu que o senhor usava, não?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, ele me deu uma vez só. Usei uma vez só.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E era bom?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Normal, como qualquer outro.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Era o único produto que eles fabricavam que o senhor tinha conhecimento?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso. O soro e o xampu.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor nunca soube de colírio nem de outros produtos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - O soro que eu digo é o colírio.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Esse o senhor nunca recebeu de presente?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, esse não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Está bom. Era isso, Presidente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Muito obrigado, Deputado Júlio Lopes. Eu gostaria, mais uma vez, de lhe pedir, Sr. José Roberto... O senhor está sendo acusado, o senhor e a sua empresa, de ter cometido crime hediondo. O senhor está... O artigo do Código Penal é crime hediondo de falsificação de remédio que levou pessoas à cegueira. Então, eu gostaria que o senhor procurasse se ater à verdade.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - E quero, mais uma vez, convidar a todos os Deputados a participarem desta sessão. Nós já temos maioria dos Deputados. O Deputado Júlio Delgado acabou de assinar requerimentos, não é verdade? Temos requerimentos importantes. Então, vamos ter que votar esses requerimentos em sessão reservada aqui da Câmara dos Deputados. Passo a palavra, agora... Temos mais 2, depois vamos liberar. Temos mais 2. É o Bispo Wanderval e o Deputado Rubinelli. São os últimos inscritos. Por favor, Bispo Wanderval, a palavra é sua.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Obrigado, Sr. Presidente. Sinceramente que nas minhas perguntas eu teria pouco a fazer porque a Deputada Vanessa Grazziotin, com muita competência, ela que esteve presente em Campinas, quando, na oportunidade, ouvimos o Sr. Walfrido, que também entrou no mesmo barco que o Sr. José Roberto... Há quanto tempo, Sr. José Roberto, o senhor conhece a D. Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mais ou menos uns 10 anos.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Dez anos? Como é que começou, como é que foi essa aproximação? Como é que o senhor conheceu ela?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Com eu disse. Eu era fiscal, conheci a Mônica...

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Que é a filha dela?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sobrinha.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Sobrinha? Que também casou com o Raimundo?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso. É ela mesma. Ela me levou, conheci os pais da Mônica e tal. E foi todo mundo. Eles iam fazer festa, Natal, churrasco, e me chamavam para ir junto.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Tudo bem. O senhor morava em São Paulo....

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Moro em São Paulo.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - O senhor mora em São Paulo e ela em Campinas?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, a Mônica, na época, morava em São Paulo também.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Em São Paulo. E a Gildenice em Campinas?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Em Campinas, sempre em Campinas.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Como é que nasceu a idéia de montar a empresa? Ela foi lá na sua casa... Pelo fato de o senhor morar em São Paulo e ela em Campinas, certamente que a aproximação... Era muito, era pouco, como é que era? Você ia na casa dela sempre?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, eu ia uma vez por mês, quando o Cláudio era vivo. Depois que ele faleceu, eu vou a cada 3, 4, 5 meses.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Por falar em Cláudio, o Cláudio, é... Ele era o que da Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Esposo.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Era esposo da Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Esposo da Gildenice.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Ele morreu há quanto tempo atrás mesmo?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Há uns 3 anos.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - O senhor sabe me dizer de que ele morreu?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - O senhor não sabe dizer?



O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Olha, eu vou falar a verdade: ele morreu de HIV.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Para falar a verdade? O senhor tem de falar a verdade.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Desculpe. HIV.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Ele morreu de AIDS?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - AIDS.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - HIV?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - HIV.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Ele morreu de HIV.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É porque era uma coisa íntima eu não queria falar.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Não, mas... Como é que o senhor soube? Como foi o comentário?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Depois que ele estava doente já, com problemas, estava quase no fim da vida é que falaram para mim.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Ele morreu com quantos anos mais ou menos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Uns 44, 45 anos.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - E qual era a atuação dele na empresa?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - A dele, na época?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - É.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ele tinha a empresa dele. Ele era farmacêutico.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Ah, ele era farmacêutico?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É. Farmacêutico.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Sr. Presidente, não tenho mais nada a perguntar não, até porque a Vanessa e outros Deputados já... Até porque, não que ele não tenha que ser incriminado, ele sabe que ele está falando, até que nos prove o contrário... Parece que já há uma atitude da CPI de quebrar o sigilo bancário. A única forma que há de sabermos se ele está falando ou não a verdade é



na quebra do sigilo bancário, tendo em vista ele ter dito aqui várias vezes que não teve nenhum tipo de remuneração. Não é isso, Sr. José Roberto?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É isso mesmo.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Nenhum tipo de remuneração?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Nenhum tipo.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Então, Sr. Presidente, é basicamente isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, as suas perguntas ajudaram a esclarecer. Convido, mais uma vez, os Deputados a assinarem os requerimentos. O Coronel Alves está ali, já assinou todos os requerimentos. Os Deputados que queiram devem assinar todos os requerimentos aqui, que são requerimentos que serão votados, em sessão reservada, pelos Deputados. São requerimentos importantes. O último... Nós ainda temos 5 pessoas a serem interrogadas. Cinco indiciados a serem interrogados. O último Deputado a interrogar é o Deputado Rubinelli. Por favor, Deputado Rubinelli.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Sr. José Roberto Coelho, eu gostaria que o senhor fizesse um esforço em sua memória para responder a uma única pergunta. Assim que o senhor foi intimado, houve alguma conversa ou alguma reunião entre vocês, envolvidos, para tratar como seria o depoimento de vocês hoje aqui? Quero dizer para o senhor o seguinte: que se houve essa conversa entre as partes envolvidas antes de vir aqui à Comissão nós queremos saber e o senhor tem a obrigação de falar se houve ou não essa conversa, se vocês se reuniram antes de virem aqui para prestar os depoimentos. Houve alguma conversa em algum escritório ou em algum outro local em que o senhor tivesse participado para que as partes pudessem vir para cá, digamos assim, falando uma linguagem relativamente parecida. Houve ou não essa reunião?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não. A única vez que eu falei com eles foi por telefone, ontem à noite, antes de vir para cá. Eles falaram: *“Olha, chega lá e fala só a verdade”*.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - O senhor ligou para eles ou eles ligaram para o senhor?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, eles me ligaram.



O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Quem ligou para o senhor?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - A Gildenice.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - E ela pediu para o senhor vir aqui falar só a verdade?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, ela falou: "*Fale o que o você falou na Polícia Federal*". Eu falei na Polícia Federal...

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Eu quero dizer uma coisa para o senhor. A gente pode, a gente tem condições de saber quantos minutos vocês ficaram no telefone. Essa ligação foi de quantos minutos ou segundos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Uns 2 ou 3 minutos, no máximo.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Três minutos vocês conversaram? E nesses 3 minutos qual foi o termo da conversa entre vocês?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Ela falava assim: "*Vai lá, você tem que chegar e falar apenas o que aconteceu na verdade. Você quis me ajudar e não pegou nada, não ganhou dinheiro nenhum*". É o que eu estou dizendo aqui. Ela não pediu nada a favor dela.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - O senhor ligou para ela ou ela ligou para o senhor. Quero dizer para o senhor que nós temos como descobrir quem ligou para quem.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Eu sei. Durante o dia eu ligava e falava assim...

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - O senhor ligou para ela durante o dia também?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, porque a moça me ligou dizendo que eu ia ser, que eu fui intimado. Daí eu disse que não tinha condições de vir até aqui. Ela ficou de me ligar e mandar a passagem de avião. Aí tudo o que acontecia eu ligava lá e falava assim: "*Vocês receberam a passagem? Como que a gente vai fazer? Como que eu vou poder ir até lá?*"

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Então, o senhor ligou para a Gildenice várias vezes?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É, durante... para saber...



O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Várias vezes o senhor ligou? Quem forneceu a passagem para o senhor vir aqui foi a Gildenice.

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, foi o Governo aqui.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Sim. Então, o senhor ligava para ela para quê?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Para saber como que faz. Eu ligava para o advogado também, o Sr. Daniel, e falava para ele: "Como é que eu faço, como é que eu vou poder ir?"

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Para o advogado? Esse advogado é do senhor ou da Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Da Gildenice.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - O senhor ligava para o advogado da Gildenice?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Isso.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - E conversava com ele?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Hã, rã.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - E ele não falava para o senhor como o senhor tinha que proceder aqui, como o senhor tinha que depor?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não. Na primeira vez...

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Ele não deu nenhuma orientação para o senhor nesse aspecto?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, simplesmente falou: "*Fale somente a verdade. O que você fez para entrar na firma, para querer ajudar*". Somente isto.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - O senhor não acha estranho o senhor, em vez de ter um advogado do senhor, o senhor ter consultas com o advogado da Gildenice, que já estava envolvida até o pescoço?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É como eu disse, ela falou assim: "*Fica com o advogado que está tomando conta, está sabendo o que está acontecendo desde o início*". Eu acreditei.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Então, ela colocou o advogado dela à sua disposição?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - É.



O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Certo. Eu queria dizer para o senhor que nós vamos depois... Essa última ligação do senhor foram 3 minutos?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Mais ou menos, 3 minutos.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Em 3 minutos ela só falou para o senhor falar a verdade?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Sim.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Foi ela mesmo que ligou? E o advogado dela ligou para o senhor quantas vezes?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Umas 2 vezes, no máximo.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Em que dia?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Logo que eu recebi a intimação. Foi no dia 21. No dia 21 eu liguei para ele dizendo que havia recebido a intimação e que não tinha condições de vir até aqui. Daí ele falou: *“Não, tem o telefone. Você liga”*, como eu fiz, para dizer que não tinha condições. Daí, logo em seguida, ele me ligou novamente e me falou assim: *“Conversei lá com o delegado aqui de Campinas, e ele disse que não vai ter condições de ir o pessoal todo porque está muito em cima. E vamos marcar uma outra reunião, outro dia”*, que seria hoje. A única coisa que ele falou. *“Espera, então, para ver se até lá eles conseguem mandar a passagem, e aí vocês vão”*.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Pessoalmente o senhor não teve nenhum contato com esse advogado?

O SR. JOSÉ ROBERTO COELHO - Não, não o conheço, pessoalmente não.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Muito obrigado, Deputado Rubinelli. Vamos dispensar a presença do senhor agora. O senhor vai para uma sala reservada, onde está o Sr. Fábio Luís da Silva, que também já prestou depoimento. O senhor fica à disposição da CPI. O senhor poderá ou não voltar aqui, dependendo do requerimento dos Deputados, se os Deputados quiserem lhe ouvir. Pediria ao senhor que não conversasse com o Sr. Fábio Luís, porque ele também pode prestar depoimento. O senhor vai ter direito a café, o senhor vai ter direito a todas as, o tratamento digno, lá, todas as regalias.



O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Sr. Presidente, não teria condições de colocar separado?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vou consultar aqui a Assessoria da Câmara.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - É melhor colocar separado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Dentro da medida do possível, se houver condição, colocaremos separado, mas peço a sua contribuição nesse sentido, está bom? Então, eu faria o seguinte. Vamos ouvir agora a sugestão... A sugestão é a seguinte: é que... A Gildenice é a principal... Os dois grandes articuladores parece que são a Gildenice e o Raimundo. Então, vamos ouvir o Raimundo agora e, posteriormente, vamos ver quem a gente vai ouvir. Então, pediria, se for colocado dentro da sala, que o senhor, por gentileza, o senhor sabe o que está fazendo, que o senhor não conversasse. Faria a seguinte proposta: não vamos interromper para o almoço, vamos fazer direto e ainda temos mais... Como? Ainda tem mais 5 pessoas a serem interrogadas. Então, para que ele não saísse daqui, pediria à Câmara que, na medida do possível, além de uma água e um cafezinho, se tivesse um lanche para os Srs. Deputados e para as pessoas que estão sendo ouvidas, seria muito bom. Então, vamos fazer um intervalo de 5 minutos. Peço aos Deputados que não se ausentem do plenário. Enquanto um chega, o outro sai se o pessoal quiser ir ao toalete, ao banheiro, mas rigorosamente 5 minutos. Então, muito obrigado pela sua presença. Convoco então o Sr. Raimundo José dos Santos. São 5 minutos de intervalo. Peço aos Deputados que não se ausentem do plenário. Obrigado.

(Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Atenção, Srs. Deputados e convidados, vamos recomeçar a sessão da CPI. Por favor, Deputada Relatora, por favor, todos os Deputados, vamos recomeçar. (Pausa.) Atenção, Srs. Deputados, vamos recomeçar a sessão plenária da CPI da Pirataria. Eu gostaria de ter acesso à lista de presença. Quantos Deputados já assinaram a lista de presença? Atenção, Srs. Deputados, vamos recomeçar. Eu gostaria de pedir ao Dr. Silvio que trouxesse o Sr. Raimundo José dos Santos para prestar o seu depoimento, por favor. Mais



uma vez, gostaria de convidar todos os Deputados a comparecerem à plenária da CPI da Pirataria. Esta é uma sessão muito importante. Nós estamos interrogando o pessoal de Campinas, de Goiás e de Minas Gerais acusado de envolvimento com uma empresa que teria falsificado medicamentos. Esses medicamentos teriam causado a cegueira de algumas pessoas. Algumas pessoas tornaram-se cegas, perderam parcialmente ou totalmente a vista no Rio de Janeiro e em outros Estados. Gostaria, então, de convidar todos os Deputados. Convoco para a Mesa, queria convocar, se já estiver presente, o Sr. Raimundo José dos Santos. O Raimundo José dos Santos ainda não chegou. Nós fomos a Campinas, não conseguimos... Tudo bem, Deputado Aires? Deputado Ortiz, do PV. O Raimundo, que vai ser ouvido aqui, nós estivemos em Campinas e tivemos muita dificuldade de ouvi-lo. Quero convidar para a Mesa, deve estar chegando, o Sr. Raimundo José dos Santos. Nós fomos a Campinas, ouvimos todo mundo, e a Polícia Federal não tinha identificado ainda o Sr. Raimundo. Mas o Sr. Raimundo está chegando. Vamos, então, ouvir o Sr. Raimundo. Aproveito para convidar... A lista de presença onde está? *(Pausa.)* A nossa lista de... São 23, não é? A nossa lista de presença... Nós já atingimos 22 Deputados. Estão presentes o Deputado Guilherme Menezes, o Deputado Rubinelli, o Deputado Marcelo Guimarães Filho, o Deputado Marcos Abramo, o Deputado Julio Semeghini, o Deputado Júlio Lopes, o Deputado Sandes Júnior, o Deputado Alex Canziani, o Deputado Ronaldo Vasconcellos, o Deputado Coronel Alves, o Deputado Medeiros, que sou eu, o Deputado Josias Quintal, o Deputado Júlio Delgado, o Deputado Rodolfo Pereira, a Deputada Vanessa Grazziotin, a Deputada Laura Carneiro, o Deputado Eduardo Barbosa, o Deputado Bispo Wanderval, o Deputado Neucimar Fraga, o Deputado Lupércio Ramos, o Deputado Jovino Cândido, o Deputado Ortiz, do PV de São Paulo, mas ainda estão faltando alguns Deputados. Nós vamos tomar decisões aqui importantes. Esta plenária é muito importante, porque nós estamos interrogando o pessoal acusado de falsificação de remédio que teria levado algumas pessoas à cegueira. Então, dando prosseguimento, nós já ouvimos o Fábio, o José Roberto e ainda faltam 2, 3, 4, 5. Agora convido para a Mesa o Sr. Raimundo José dos Santos. Por favor, Sr. Raimundo José dos Santos. *(Pausa.)* O senhor é advogado? O seu nome, por favor. Tem a carteirinha? *(Pausa.)* Ah, está bem, está aqui a procuração. Dr. Carlos Henrique Cardoso Pereira.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - *(Fora do microfone.)* A OAB dele é número... *(inaudível.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Muito bem, Deputada Laura Carneiro. V.Exa. tem uma memória que não é brincadeira. Sr. Raimundo, eu pediria que o senhor se identificasse. Antes, gostaria de lhe dizer o seguinte: há graves acusações contra o senhor. O senhor é acusado de cometer crime hediondo da falsificação de remédio que levou à cegueira de pessoas. Eu pediria que o senhor se identificasse, dissesse por que o senhor está aqui, dissesse o que o senhor faz, enfim, desse alguma identificação por completo sua. Agora peço-lhe uma coisa: não minta. Mentira aqui é um grave crime. Para o senhor ter uma idéia, um Deputado, quando é processado, se ele mentir, a sua cassação é automática. Então, peço ao senhor... Nós estamos tratando de coisa muito séria. Eu vi, no Rio de Janeiro, 3 pessoas cegas. A sua empresa é acusada. Peço ao senhor que não minta. A CPI, praticamente estão todos os Deputados aqui participando para ouvir o seu depoimento. Então, peço ao senhor que faça a sua identificação, por favor. Silêncio, por favor. Pode falar, perto do microfone. Está ligado.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Boa tarde a todos. Primeiro, não sou dono... Desculpe, eu não entendi. Mais próximo? Bom, primeiro que eu não sou dono de nenhuma empresa. Eu sou, fui funcionário, na verdade, da empresa e hoje trabalho com cosméticos. Sou representante comercial, tenho uma microempresa com o nome de Dominium Cosméticos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Como é o nome da empresa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Dominium Cosméticos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Muito bem. Então, nós vamos... Cadê a lista de pessoas que irão, de Deputados que irão perguntar? Não, espera aí, calma, ela vai falar primeiro, mas eu quero a lista. A lista que eu tenho aqui é a mesma. Se algum Deputado quiser continuar se inscrevendo, quer dizer, os que estavam inscritos na vez passada automaticamente estão inscritos nesta vez. Passo a palavra, então, à Relatora, Deputada Vanessa Grazziotin.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Raimundo, o seu nome todo é?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É Raimundo José dos Santos.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor tem que idade?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu tenho 39 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A sua profissão?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Atualmente eu sou vendedor de cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Vendedor de cosméticos.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E antes de ser vendedor de cosméticos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Antes de ser vendedor de cosméticos, eu trabalhei um período de 6 meses na empresa H&J Cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - H&J. Qual a função que o senhor tinha na H&J?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Na verdade, eu fui convidado para estar trabalhando lá logo que faleceu o Sr. Cláudio. E, chegando lá, 8 dias depois ele faleceu e não teve condições de se continuar os negócios, não é? Foi onde houve a indicação. Eu indiquei, na verdade, o Sr. Decio Toni para dar seqüência aos negócios e tudo o mais. Uma das pessoas indicadas... Na verdade, eram 3 negócios: uma farmácia de manipulação, uma parte de cosméticos e a parte de oftalmologia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas para a gente compreender melhor, a sua formação profissional qual é?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu tenho o 2º grau.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tem o ensino médio.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - O ensino médio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas é habilitado, tem alguma... É técnico?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, em absoluto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não é técnico.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu trabalhei 17 anos no Banco Itaú.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor trabalhou 17 anos no Itaú. Qual era a sua função no Banco Itaú, o seu cargo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Quando eu me desliguei do banco, eu era gerente de contas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor era gerente onde, em qual agência?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Gerente do Banco Itaú, no Município de Campinas, Estado de São Paulo.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É, gerente de contas, não gerente geral.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor saiu do Banco Itaú por quê, Sr. Raimundo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu saí do Banco Itaú porque o banco estava cortando funcionários, não é? Eu fui desligado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor foi desligado... O senhor pediu desligamento ou foi desligado?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É, eu fui desligado, na verdade, não é?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor foi desligado. Houve algum problema no Banco Itaú, o senhor enfrentou algum problema, responde a algum processo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, em absoluto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Há alguma queixa, alguma reclamação contra o senhor no Banco Itaú?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em absoluto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando o senhor foi desligado do Banco Itaú, o senhor foi trabalhar onde?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu fui trabalhar... Na verdade, houve a morte, houve a doença dessa pessoa, do Cláudio, que era meu amigo, e eu fui ajudar, fui chamado para estar auxiliando lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Para auxiliar...



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Para auxiliar.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor foi chamado por quem?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu fui chamado pelo próprio Cláudio, pela pessoa dele. Oito dias depois, ele foi hospitalizado e veio a morrer.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele faleceu em seguida.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - E aí, como eu não entendia absolutamente de nada daquilo, porque é uma coisa bem técnica, eu conhecia... No caso, eu conhecia o Sr. Decio e indiquei o Sr. Decio para o negócio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é Sr. Decio?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - O Sr. Decio Toni foi um dos sócios da Sra. Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Sra. Gildenice, pelo que...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É esposa do Sr. Cláudio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É esposa do Sr. Cláudio e foi quem continuou os negócios do Sr. Cláudio após o falecimento dele.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor disse, acabou de falar que os negócios tinham 3 ramos. Quais seriam? Pode repetir para nós?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Uma farmácia de manipulação...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como é que se chamava essa farmácia de manipulação?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Oftálmica Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Oftálmica Campinas. O que mais?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Cosméticos, xampu. Na verdade, na ocasião, não era xampu, era só um gel, era um gel para motéis, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Gel para quê?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Para motéis, porque eles tinham acabado de adquirir essa empresa, não é?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tinham adquirido a empresa H&J.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O que é gel para motel? Desculpe, fiquei curioso.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Olha, eu na verdade, não conheci. Não chegou nem... A empresa fabricava isso na época, quando foi adquirida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Está bem, desculpe.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu também não, não cheguei a usar.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Certo, era uma empresa de cosméticos. Então, o senhor já falou da farmácia de manipulação, que manipulava produtos oftalmológicos. Era isso, ou não?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, essa farmácia era de manipulação, era normal, de mercado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Farmácia de manipulação, que era a Oftálmica Campinas.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí tinha a fábrica de cosméticos desse gel...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Essa fábrica de cosméticos eles tinham acabado de adquirir.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... que, na época, não era xampu, era só um gel.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A H&J.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Essa farmácia tinha sido adquirida pelo Sr. Cláudio? Tinha sido adquirida pelo Sr. Cláudia essa H&J?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual era o outro que o senhor falou?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Decio, o Sr. Decio.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, Decio é o nome da pessoa. O senhor disse que havia 3 linhas de atuação: a farmácia de manipulação, a H&J...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, a parte de oftalmologia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual era a parte de oftalmologia?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Como, qual a parte? Não entendi a pergunta.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Onde a parte de oftalmologia era feita?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não sabia. Eu ficava na farmácia de manipulação, não é?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor disse que o senhor foi convidado por uma pessoa que tinha um negócio dividido em 3 ramos: farmácia de manipulação, produtos oftalmológicos e cosméticos. O senhor já explicou a farmácia de manipulação e já explicou os cosméticos. E os produtos oftalmológicos eram feitos...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Essa foi a informação que me fora passada, porque, na verdade, quando eu me deparei com o problema da morte dele, imediatamente, eles me informaram que tinha esse negócio. Eu indiquei o Sr. Decio Toni, que mandou analisar o negócio, mandou pessoas, evidentemente, competentes para estar analisando. E a partir daí, eles passaram a conversar sobre o negócio, a Sra. Gildenice e o Sr. Decio, na época.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aí o senhor aceitou esse serviço, o senhor foi contratado pelo Sr. Cláudio.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Exato.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Com carteira de trabalho assinada?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não foi com carteira.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como foi o contrato?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Na verdade, como eu tinha me desligado do banco, não é... Como eu disse, logo em seguida...



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor pode falar mais próximo ao microfone?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Logo em seguida, veio a morte dele. Aí, como você ia falar de carteira assinada...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, mas a Sra. Gildenice não continuou os negócios do esposo falecido?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Tanto que foi indicado o Sr. Decio Toni para continuar, fizeram um acordo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor, mesmo assim, não assinou carteira de trabalho?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, o Sr. Decio não aceitou, me dispensou, disse que não havia necessidade da minha pessoa, que ele tinha um administrador próprio, que não havia necessidade da minha pessoa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas isso em qual, na farmácia de manipulação ou...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - No negócio de oftalmologia, que era a empresa For Eyes.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ah, que era a empresa For Eyes.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então agora o senhor nos falou por onde caminhava a produção de produtos oftalmológicos: era através da empresa For Eyes. Aí, ele o dispensou da empresa For Eyes.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É, ele disse que não precisava, não ia contar com os meus serviços.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aí o senhor continuou ajudando a Sra. Gildenice somente na H&J...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, foi aí que entraram os cosméticos, porque eu tinha que arrumar alguma coisa para fazer. Aí eu passei a representar eles, a vender os cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A vender os cosméticos.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E onde é que entra essa Oftálmica Campinas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A Oftálmica Campinas é a farmácia de manipulação, não é?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual era a sua função lá?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, como eu disse, eram 3 empresas juntas. Eles venderam...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A H&J, a Oftálmica Campinas e a For Eyes. Eram essas 3?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Exato, mas eles venderam essa Oftálmica Campinas. Tanto que está até hoje lá, é uma farmácia de manipulação normal.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eles venderam para quem?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Para... Acho que é Roberto. Eu não me lembro exatamente dos nomes. Eu acho que é Eliseu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Hã?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eliseu. Chama-se Gileade hoje.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Hoje chama-se Gileade.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Posso, por uma questão de esclarecimento, Relatora?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pois não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora está de forma brilhante, mas queria dizer só o seguinte, para a gente acompanhar melhor: como é que eram esses 3 negócios? Eles davam-se no mesmo endereço, a compra e venda eram juntas, a comercialização, eles eram fisicamente separados, deslocados? Como é que funcionavam esses 3 negócios fisicamente, comercialmente, tecnicamente, licença? Por favor.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eram separados, não é? Havia a farmácia de manipulação... Posso tomar uma água?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pode. (*Pausa.*) Pode tomar o café também.



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Obrigado. A farmácia de manipulação era onde eu ficava, não é? E existia um outro barracão, onde tinha a atividade da H&J, no caso.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Esses barracões eram próximos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu queria que o senhor realmente descrevesse, para que nós pudéssemos entender o funcionamento e o envolvimento do senhor e das outras pessoas aqui nesses 3 negócios. Então me permite? Muito obrigado.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Era em 2 bairros diferentes. A farmácia de manipulação ficava num bairro e a H&J, no caso, ficava em outro bairro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a For Eyes?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, a For Eyes, foi montado outro barracão na cidade de Hortolândia, não é?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E eles produziam lá?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, daí para a frente, como eu fui afastado, eu não passei a ter conhecimento, inclusive, nem das quotas das empresas como é que era, porque, a partir do momento em que o Sr. Decio acertou com a Sra. Gilda, Gildenice...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mais próximo ao microfone.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Desculpe. Eles mudaram lá da farmácia, porque ela também vendeu a farmácia de manipulação para esse pessoal, não é?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Agora, veja bem, Sr. Raimundo, o senhor fala aqui que o senhor trabalhava, então, na H&J. O senhor atuou mais a partir do momento em que o senhor foi dispensado da For Eyes. O senhor atuava na H&J e na Oftálmica Campinas, e a Oftálmica Campinas teria sido vendida e que hoje funciona uma farmácia de manipulação chamada Gileade. Mas nós não estamos nos referindo a essa Oftálmica Campinas a que o senhor se refere. Essa — e o senhor sabe disso melhor do que nós — Oftálmica Campinas chama-se Oftálmica Campinas M&O.



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Esse é o nome fantasia, é o nome...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu estou me referindo a outra empresa, chamada somente Oftálmica Campinas. Qual é a sua participação nessa Oftálmica Campinas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não a M&O, a outra.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu entendo. A confusão aí é porque a marca... Eles utilizavam a mesma marca Oftálmica Campinas tanto para a farmácia de manipulação quanto para essa parte de oftalmologia, não é? Então é por isso que é meio confuso e não dá para compreender isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, Sr. Raimundo, não há nada confuso aqui. Pode parecer, mas não há. A Oftálmica Campinas M&O tem o CNPJ 04383 e aí por diante; a Oftálmica Campinas tem um outro CNPJ, de número 04869. Estou me referindo a esse, 04869. Não me refiro à Oftálmica Campinas M&O. Refiro-me à Oftálmica Campinas. Que participação o senhor tem nessa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Absolutamente nenhuma.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nenhuma?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nenhuma.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabia da existência dessa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Que eu saiba, sempre existiram duas marcas com o mesmo... Porque o Sr. Cláudio gostava dessa marca, Oftálmica Campinas. Tanto que era usada na parte de oftalmologia quanto na parte de farmácia de manipulação.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então vamos lá, vamos por partes. O senhor, quando chegou aqui, nas suas breves palavras iniciais, foi logo dizendo: eu não sou sócio dessas empresas, eu não sou proprietário dessas empresas. Aliás, eu tenho uma outra chamada Dominionium. É isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Dominionium.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Dominionium ou Dominus?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Dominionium.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Dominium, Dominium Cosméticos. O senhor trabalha com cosméticos. Mas o senhor conhece o Sr. Walfrido?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Conheço, conheço, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é o Sr. Walfrido?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - O Walfrido é meu amigo

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu amigo.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - De muitos anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor costuma pedir favores ao Sr. Walfrido?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em absoluto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca pediu nada ao Sr. Walfrido?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nunca pedi nada. O Sr. Walfrido é muito amigo meu, participa da minha casa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pois vou lhe dizer uma coisa, Sr. Raimundo. Sr. Raimundo, eu vou lhe dizer uma coisa: nós estivemos em Campinas. O senhor deve saber disso.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Fiquei sabendo, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor conhece o Walfrido, não é? O senhor conhece a Sra. Lourdes?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é Sra. Lourdes?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A Sra. Lourdes trabalhou na farmácia por, se não me engano, 3 meses, não é? E foi sócia inclusive da Oftálmica M&O.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Foi sócia?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Foi sócia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela tem alguma ligação com o Sr. Walfrido?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ela é esposa dele.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela é esposa do Sr. Walfrido, a Sra. Lourdes...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Lourdes.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... que foi sócia da Oftálmica Campinas M&O?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - M&O.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor nunca pediu nada a ela também?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Absolutamente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nem ao Sr. Walfrido? O senhor confirma isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Confirmo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pois então, nós ouvimos o Sr. Walfrido em Campinas. O Sr. Walfrido foi ouvido espontaneamente, ele procurou Parlamentares membros da CPI pedindo para ser ouvido.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pois não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele prestou um testemunho, um depoimento por livre e espontânea vontade, e o que ele nos disse, Sr. Raimundo, é que ele foi sócio proprietário da empresa Oftálmica Campinas, não da Oftálmica Campinas M&O; que ele foi sócio na condição de somente estar emprestando o seu nome; que ele fez isso a seu pedido, Sr. Raimundo; que — só um minuto, Sr. Raimundo — o senhor teria procurado o Sr. Walfrido e pedido que ele desse o nome a uma empresa, porque o senhor estava com problemas e que o senhor não poderia; que ele emprestasse o nome dele para ser o sócio dessa empresa Oftálmica Campinas. Ao mesmo tempo, o senhor pediu que a esposa dele, a D. Lourdes, emprestasse o nome dela para ser sócia da outra empresa, chamada Oftálmica Campinas M&O. O senhor nos afirma que o Sr. Walfrido mentiu perante a CPI quando ele afirmou exatamente isso que eu lhe disse?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Olha, eu não posso fazer essa afirmação de que ele mentiu. Pode estar havendo erro de interpretação. O Sr. Walfrido e a Sra. Lourdes, a senhora vai entender já, são amigos meus e da Sra. Gildenice, nós não podemos nos esquecer disso, de freqüentar inclusive a casa



dela. Então, nós somos amigos em comum. Evidentemente que o Sr. Walfrido e a Sra. Lourdes conheceram a Sra. Gildenice através da minha pessoa, porque eu tive um relacionamento com a sobrinha da Sra. Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como era o nome da sobrinha da Sra. Gildenice?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Mônica.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mônica. Pois não, pode continuar.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Perfeito? Então, na verdade, existia um relacionamento de amizade entre também todas as pessoas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito. Mas o senhor não falou nada.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, o que eu quero dizer...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu lhe fiz uma pergunta objetiva.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Silêncio, por favor. Nós estamos num depoimento da maior importância.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu lhe fiz uma pergunta objetiva. O senhor nos informou, aqui, que nunca pediu nenhum favor ao Sr. Walfrido.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não pedi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O Sr. Walfrido, em testemunho à CPI, disse que deu o nome, emprestou o nome dele à empresa Oftálmica Campinas a seu pedido. É o Sr. Raimundo que mentiu? É o Sr. Walfrido que mentiu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, por favor...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não posso fazer essa afirmação.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputada Vanessa Grazziotin, eu quero um aparte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Sr. Raimundo, por favor, eu quero lhe advertir o seguinte: não minta.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não estou mentindo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Não minta, por favor.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A colocação do Sr. Walfrido, quando ele afirma que fui eu que pedi, ele pode está confundindo pelo fato de...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, ele não se confundiu, Sr. Raimundo, porque nós perguntamos inúmeras vezes. Ele foi muito categórico.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, ele mentiu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aliás, ele não foi nem perguntado; ele procurou a CPI, amedrontado que estava diante desse fato que está sendo divulgado permanentemente pela imprensa. Ele procurou os Parlamentares, os membros da CPI, a Polícia Federal e disse exatamente isso: olha, os senhores vão ver o meu nome como sócio. Ele já foi desligado da empresa, o senhor sabe disso, e vai já nos falar como é que esse procedimento ocorreu daí para frente. Ele disse que tinha sido sócio da empresa a seu pedido, que o senhor era o verdadeiro proprietário, um dos verdadeiros sócios da empresa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Deputada Vanessa Grazziotin, pela ordem. Só um minutinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um aparte.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Deputado Júlio, um segundo. Eu só gostaria que ele me respondesse. Eu fiz uma pergunta muito objetiva para ele.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, ele mentiu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor, então, afirma...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ele mentiu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Olha o que o senhor está dizendo é muito grave. O que o senhor está falando a verdade...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu estou falando a verdade.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... e que o Sr. Walfrido mentiu; que o senhor nunca pediu para ele ser sócio, para ele lhe representar numa empresa, nem a ele nem a esposa dele, a Sra. Fátima.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em absoluto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pois não, acho que os Deputados...



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Só para colaborar, Deputada Vanessa, eu queria que o nosso depoente, o Dr. Raimundo, ele está, enfim... O senhor faz como se não conhecesse a Gildenice muito bem, mas o senhor teve um caso com a sobrinha dela, D. Mônica, durante algum tempo. Então, o senhor tinha uma relação de proximidade com ela.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim. Não, não, eu não disse que não conhecia a Sra. Gildenice. Eu conhecia a esposa do Sr. Cláudio, que era meu amigo, e eu conheci através do banco. Está bem?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas a D. Gildenice, no depoimento dela à Polícia Federal, disse que, para a formação da Oftálmica Campinas Indústria e Comércio, que o senhor teria pedido ao seu primo, o Walfrido Oliva Júnior, que ela disse que é seu primo... Quem está dizendo é a D. Gildenice, não sou eu; está no depoimento dela.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pois, não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E que o senhor teria pedido ainda à D. Ineide Maria de Souza, que seria sua irmã. Ela é sua irmã?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ela é minha irmã. Ineide é minha irmã, sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Isso tudo aconteceu por acaso, não é Dr. Raimundo? Tudo aconteceu por acaso. O senhor não conhecia o Walfrido, o senhor não conhecia sua irmã. É sensacional!

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não, não. A grande verdade, como eu me envolvi com a sobrinha da Sra. Gildenice, nós freqüentávamos a mesma casa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim, mas a D. Gildenice disse à Polícia Federal, testemunhando, pela verdade...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pois não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - ... que o senhor é que pediu ao seu primo e à sua irmã para fazerem parte da sociedade. Não foi o senhor que pediu?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não fui eu que pedi. Eu não poderia pedir se o negócio não era meu. Como é que eu poderia? A Sra. Gildenice...



As empresas, aliás, tinham 2 advogados que cuidavam das empresas e tinham contador também. Então, a Sra. Gildenice tinha orientação técnica para isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Tem uma outra moça aqui, a D. Lourdes. O senhor conheceu a D. Lourdes de Fátima de Paulo Oliva?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim, sim, minha amiga.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Era muito sua amiga?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É esposa do meu amigo Júnior.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor se dava bem com ela, então? É uma pessoa próxima ao senhor?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sabe o que ela disse? Que o senhor pediu a ela também para assinar alguns documentos, fazendo parte de uma outra empresa, no depoimento dela à Polícia Federal. Está aqui escrito.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, é a M&O, a Oftálmica M&O, que ela é sócia.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então, o senhor tinha esse hábito, de pedir às pessoas para fazer parte de empresas...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, em hipótese alguma. Ela trabalhou na empresa. Ela é amiga da Sra. Gildenice.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas, lá, na frente, ela disse que o senhor teria pedido também ao marido dela para fazer parte da mesma empresa.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, em absoluto.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Esse pessoal todo está mentindo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Esse pessoal todo é amigo da Sra. Gildenice também. Isso é que precisa ficar claro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É isso que eu queria... Acho que esse é o ponto. Quem é Tânia Cione?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É minha ex-esposa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sua ex-esposa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela conhecia o Walfrido?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ela é prima do Sr. Walfrido.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, então, vamos lá. Começou tudo com a sua primeira esposa, que era prima do Walfrido?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, me explique uma coisa. O senhor disse para o Deputado Julio e para a Deputada Vanessa que o senhor não tem nada com isso. Como é que o Walfrido foi parar....

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu sou funcionário.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espere aí, deixe eu terminar a pergunta.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Desculpe.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como é que o Walfrido foi parar... O Walfrido era seu amigo, não é isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por conta da Tânia, não é isso? Como é que o Walfrido foi parar na vida da Gildenice?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É, eu passei a trabalhar lá, não é?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Hum, hum.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - E ele freqüentava. Ele passava lá na empresa, às vezes. Como ele também vende, vende...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Portanto, foi o senhor que apresentou o Walfrido à Gildenice?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim, sim. Foi isso que eu disse.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Óbvio, não é isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Freqüentávamos os mesmos locais...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro, a pergunta é simples: quem apresentou o Walfrido à Gildenice foi o senhor, não foi?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não necessariamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, ele passou a conviver comigo lá e passou a ter contato com a Gildenice.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas o senhor há de convir... Não, espere aí. Vamos tentar falar a verdade.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, através da minha pessoa, sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi através do senhor.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, quem era o grande amigo do Walfrido? Não era o senhor?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Inclusive por conta da Tânia, não é isso? Não é isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim, senhora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, como é que o senhor quer que a gente acredite que a Gildenice propôs um negócio ao Walfrido e o senhor não sabia de nada?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não disse que não sabia de nada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, o senhor sabia?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, eu... O que eu quis dizer é que eles são amigos, hoje.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Hoje, eu estou falando lá atrás. O senhor não...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, mas lá atrás, passou a ter uma amizade entre eles, não é?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, quer dizer que eles fizeram sozinhos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eles faziam churrasco nos finais de semana juntos também, não é?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor não participava?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Algumas vezes cheguei a participar, sim senhora.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor sabia. O Walfrido nunca foi à casa da Gildenice sem o senhor.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, ele frequenta a casa da Gildenice, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Hoje?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não só hoje como na época.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Naquela época? Eu estou perguntando lá atrás.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha só. Todos os depoimentos do Walfrido, de todo mundo aqui, dizem a mesma coisa: que foi o senhor que, através da sua amizade, o senhor levou o Walfrido a assinar, a ser sócio laranja, digamos assim, do grupo da Gildenice, e o senhor afirma o contrário. O senhor está sabendo exatamente o que o senhor está fazendo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Olha, eu estou sabendo sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor sabe que a gente pode fazer uma acareação do senhor, porque não é só o Walfrido. São várias pessoas que o senhor está dizendo... Eu estou falando a verdade e o Walfrido está mentindo; a Lourdes está mentindo; todo mundo está mentindo.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não posso assumir uma coisa que não é minha, entendeu? Até porque...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não, não, não.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Hum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não estou pedindo para o senhor assumir nada que não seja seu. Eu estou só tentando entender como é que o Walfrido entrou na vida da Gildenice. Foi através do senhor. Aí, o senhor quer fazer a gente entender, depois de todos depoimentos que a gente tem aqui, o senhor quer fazer a gente acreditar, digamos assim, que o senhor não sabia de nada, que não foi o senhor que chamou o Walfrido. Walfrido, venha cá, vamos ajudar a Gildenice que você já conheceu, mas que é minha chefe. Está precisando da tua ajuda.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não foi assim?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Presidente, pela ordem, só um minutinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não foi assim?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor tem certeza do que o senhor está dizendo?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Deputada Laura, deixa eu dar um...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só um segundinho. Também não foi assim com a Ineide?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A Ineide é minha irmã, não é?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - E a Ineide participa da minha casa também. A Mônica que é sobrinha...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor quer me convencer que a sua irmã é mulher do Walfrido. É isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não, não, não. A minha irmã...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Desculpe.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - ... não é esposa do Sr. Walfrido, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas ela era sócia da empresa, não é isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ela figura como ex-sócia da empresa, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A sua irmã também foi um contato direto da Gildenice. O senhor não tem nada a ver com isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nós não podemos esquecer que a Mônica foi minha esposa. Nós moramos juntos um período.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu não estou esquecendo isso. Deixa a Mônica para daqui a pouco. Nós estamos falando é do Walfrido e da Ineide. Eu não estou falando da Mônica. Eu quero entender o seguinte: a sua irmã, o



seu amigo, a mulher do seu amigo, todos eles servem para assinar as firmas fantasmas, as firmas que a Gildenice pede porque ela não podia porque estava com o nome sujo. O senhor é o gerente da empresa, quer dizer, o senhor é o...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não fui gerente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas está lá trabalhando. O senhor levou essas pessoas a conhecer a Gildenice e o senhor não sabia de nada? É isso? Olhe bem o que o senhor vai responder!

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não entendo o que a senhora está querendo dizer. Quer dizer, quando...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu não estou querendo dizer nada. Eu estou lhe perguntando.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Hum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não estou querendo dizer. Eu estou dizendo o seguinte: eu quero saber se a sua irmã assinou seu nome como D. de uma empresa. O seu amigo Walfrido assinou o nome de uma empresa. A Lourdes, mulher de seu amigo, assinou como sócia de uma empresa. E o senhor não sabia de nada? É isso que eu estou lhe perguntando.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não. Eu fiquei sabendo, mas ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor ficou sabendo quando?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não pedi, eu não pedi para ninguém. O que precisa ficar claro que eu não pedi para ninguém, é...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Permita-me um aparte?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pois não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Isso aqui não é brincadeira. Isso aqui é um depoimento. Eu queria que o senhor fosse mais objetivo. A Deputada está perguntando insistentemente, e não é se o senhor só pediu ou não. Então, eu quero fazer a pergunta de outra forma ao senhor.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pois não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Como é que foi constituída essa empresa por essas pessoas? O senhor participou dessas decisões? O senhor participou das negociações? Como é que elas eram participantes de cada uma e em que momento isso ocorreu? O senhor está se atendo a se o senhor pediu ou não



pediu. Isso é um detalhe. Eu quero saber se o senhor participou, se o senhor acompanhou, onde se deu, e com detalhes, por favor. Como é que as pessoas todas, que são irmãs, parentes, amigos, acabaram se envolvendo na mesma empresa da Gildenice, que é o que estamos discutindo. Eu queria que o senhor fosse objetivo e respondesse a essa pergunta, por favor.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A D. Gildenice ela tinha contador, né, que orientava isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual era o nome do contador?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Geraldo Galvão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É essa a resposta?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Seria essa a resposta, porque...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sr. Presidente, eu acho que a gente devia deixar claro o direito dele de não responder, desde que esteja concordando com a nossa pergunta. Aqui está claro que esse moço pode ter sido aquele que organizou, mobilizou e compôs todas essas novas empresas que foram montadas. Ou ele vai ser objetivo e vai responder ou tem que ser lido para essa pessoa o que é o direito dele na lei que ele concorda com o que está sendo acusado. Ele está sendo muito evasivo e não está respondendo à pergunta da Deputada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Deputado Julio, permita-me. Eu acho que nós entendemos o seu estado. O senhor está um bocado abalado — dá para todos perceber — mas o senhor procure se tranquilizar e falar absolutamente tudo o que o senhor sabe. É melhor falar do que mentir. O senhor sabe que nós dispomos de inúmeros documentos, não só cópias de depoimentos, mas vários documentos. Então, o senhor não pense que nós não sabemos de nada. Nós estamos tomando contato com o caso, e o assunto é muito grave, o senhor sabe disso, Sr. Raimundo, neste momento. Então, o senhor colabore se não quiser prejudicar a si próprio ainda mais do que já está.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Só um minutinho. Eu estou aqui, na ordem. É a terceira vez que eu não consigo entrar.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só quero dar seqüência. É para dar... A senhora Ineide é sua irmã.



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É minha irmã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela era sócia proprietária na Empresa Oftálmica Campinas. Qual a idade da sua irmã?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu acho que 43.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - No microfone, Sr. Raimundo.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Quarenta e três anos, eu acho; 43 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual a profissão da sua irmã?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A profissão da minha irmã? Ela vende às vezes cosméticos, Boticário.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela é vendedora? Autônoma?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Vendedora, é.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela deve ter um salário, uma renda de quanto, mais ou menos, por mês?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Uns 500 reais, mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E uma pessoa que ganha 500 reais por mês pode ser sócia de uma empresa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não sei dizer, senhora. Eu não posso falar a respeito da minha irmã.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem foi que pediu à sua irmã para que se tornasse sócia da...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Provavelmente a Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela é amiga da Gildenice?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Freqüenta minha casa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Deputada Vanessa, só um minutinho.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, eu quero saber se a Ineide é amiga da Gildenice.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É amiga, sim.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, o senhor diz e o senhor está disposto a fazer uma acareação com o Sr. Walfrido, com a Sra. Gildenice, com a Lourdes?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Estou disposto, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Com todos o senhor está disposto. E o senhor afirma que o senhor não pediu nada; tudo quem pediu foi a Gildenice?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Exatamente.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Deputada, só um minutinho, por favor.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor era muito amigo da Gildenice?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu era amigo do marido dela, que faleceu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito, mas o senhor continuou trabalhando após o falecimento. Eu não me recordo de qual foi sua resposta, nem se eu perguntei: quanto é que o senhor ganhava para ajudar a Gildenice nos negócios? Qual era o seu salário?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu fiquei lá por 6 meses ganhando 2 mil reais por mês.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ganhando 2 mil reais por mês. Mensalmente, o senhor recebia os 2 mil reais.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nos 2 últimos meses não porque, a partir da negociação com o Sr. Decio, eu acabei me desligando e passando para a parte de cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, o senhor se desligou da For Eyes mas continuou nas outras?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não. Eu passei a cuidar da parte de cosméticos, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas a parte de comércio da H&J?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Deputada.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso da H&J.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Da H&J, que é tudo a mesma coisa. A H&J é a mesma coisa que Oftálmica Campinas. Não é?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não, não. Uma é de cosméticos...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É só do mesmo proprietário? Só são das mesmas pessoas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Mesma pessoa, isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pois não, Deputado Medeiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Uma questão. Só um minutinho. O advogado pediu um tempo para orientar seu cliente.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas só um minutinho. Presidente, eu estou na ordem aqui há um tempão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Tudo bem, tudo bem. Mas vamos só...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Fala.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pela ordem. O advogado só podia orientar o cliente no início do depoimento, não durante o interrogatório.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Tudo bem, mas aqui acho que a coisa é pública, vamos ser generosos pelo menos com o advogado. O senhor pediu, o senhor pode orientar. O senhor não pode usar a palavra, mas o senhor pode orientar o seu cliente. Por favor.

(Intervenção inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O senhor pode tomar água aqui. O seu advogado pode lhe orientar, o senhor pode tomar água aqui. O senhor está passando mal?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, não, não, Sr. Presidente.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Não, Sr. Presidente. Então, tem que chamar um médico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O senhor pode tomar água aqui.



O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - A Câmara dispõe de médicos. Então, aí teria que chamar o médico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O senhor pode tomar água aqui. Não há nenhum problema, nenhum constrangimento. O senhor pode tomar água aqui.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ah! Mas eu queria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Espera aí, espere aí, Júlio, você pede... Ela vai terminar e depois...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Assim acaba, Presidente, e eu não consigo entrar. Eu já cedi minha vez para a Deputada Laura. Eu estou cedendo a vez e...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Mas ela está concluindo, ela está concluindo. Eu interrompi. Eu garanto sua palavra, Deputado Julio. Desculpe. Eu garanto sua palavra.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Senão, eu não falo.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Sr. Presidente, acho que poderia alguém poderia alguém acompanhá-lo. Talvez ele queira ir ao toalete, tomar um ar fresco. Pode estar passando mal. Eu acho que isso não iria, de forma alguma, prejudicar o nosso trabalho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Também acho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Então, vamos fazer o seguinte. Vamos fazer o seguinte. Eu peço ao Deputado Josias Quintal que, por favor, o acompanhe. Ele quer tomar água lá fora. *(Risos.)* Por favor. Eu peço ao Deputado Coronel Alves que o acompanhe. São 2 Deputados e 2 coronéis. Por favor, o acompanhem. *(Risos.)* Está bom. Não é verdade? Sr. Deputado, nós não interrompemos a sessão, por favor. O Raimundo pediu para conversar lá com os 2 Deputados. Ele tem todo direito de...

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Mas esse negócio de médico não cola não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Como é?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Negócio de médico não cola não. Tem médico na Câmara para testar se ele está ou não... *(falha na gravação.)*



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Mas não tem...

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - O médico tem que vir aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Nós temos departamento médico. Não é o caso.

(Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Sr. Deputado. Estamos voltando. Eu quero agradecer ao Deputado Coronel Alves e ao Deputado Josias Quintal. Tomou água? Refez tudo? Conversou com seu advogado?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não conversei com meu advogado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O advogado ficou aqui.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Raimundo... Eu posso, Sr. Presidente? Vamos continuar?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pode. Depois, eu passo para o Deputado...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em seguida eu... É porque eu ainda estou fazendo os questionamentos. Em seguida, passaremos novamente o aparte para o Deputado Julio que, de fato, tem um questionamento extremamente importante. Sr. Raimundo, vamos partir para a segunda etapa dos nossos questionamentos, mas para que a gente possa partir para a segunda etapa, é necessário rever a primeira, que ficou um pouco confusa, eu acho. Talvez o senhor tenha ficado mais nervoso por conta de que vários Deputados, de formas diferentes, acabaram perguntando a mesma coisa e, de certa forma, o senhor se sentiu sob pressão. Vou fazer aquela mesma pergunta simples e o senhor conta exatamente como foi. Já tivemos uma conversa com o seu advogado e achamos que é melhor para o senhor falar a verdade. Ouvimos várias pessoas, dispomos de uma série de documentos onde todos afirmam que foi o senhor quem pediu o favor dessas pessoas para que ingressassem como sócias na empresa. Como é mesmo que aconteceu? Fale a verdade.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Primeiro, eu gostaria de salientar que, em hipótese alguma, eu estou querendo faltar com a verdade. Evidentemente, eu não posso aceitar me impor uma responsabilidade da qual não é minha, porque



essas pessoas conheceram a Sra. Gildenice através de mim, sim. Agora, isso não quer dizer, evidentemente, que eu pedi e me impor isso, entendeu? Porque, na verdade, passou a existir um relacionamento, uma amizade entre essas pessoas, e cada um, evidentemente, tem que responder por si. O fato de eu ter ficado nervoso é devido a isso. É, na verdade, querer que eu admita que fui eu que pedi, quando, na verdade, houve um relacionamento entre as pessoas. Evidentemente que se conheceu a Sra. Gildenice através da minha pessoa, sim, mas é preciso ficar claro que existiram churrascos, existiram festas familiares onde essas pessoas se encontravam. Inclusive, no caso especificamente do Sr. Walfrido, ele freqüentava a casa da Sra. Gildenice e freqüentava chácaras nos finais de semana também. Então, é só isso que eu gostaria de explicar. Em nenhum momento eu estou querendo me ocultar da verdade nem mentir.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só um instante, Deputado Júlio e Sr. Raimundo. Então, veja se nós estamos entendendo corretamente. Na realidade, havia um pedido da Sra. Gildenice para buscar pessoas que pudessem emprestar os nomes para serem sócios...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ...e que esses contatos foram feitos somente através da sua pessoa, o senhor foi somente o porta-voz da Sra. Gildenice junto com esses seus amigos e parentes, somente isso.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Mas é isso que não é verdade, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ah, isso não é verdade?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso é que não é verdade, quer dizer, é isso exatamente...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, o senhor não interferiu em nenhum momento?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - No caso...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não fez pedido nenhum?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não fiz pedido nenhum. Evidentemente, como eu estava na empresa, estava junto, é bem provável que a



minha irmã, por ser minha irmã, querendo ajudar, tenha feito, e aí no caso do Júnior, como sendo meu amigo, possa...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tentamos lhe ajudar, Sr. Raimundo. Não foi possível, infelizmente. Deputado Júlio, concedo o aparte.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sr. Raimundo, eu só queria fazer um aparte que eu acho que é bastante importante para o conhecimento de todos os que estão no plenário, inclusive dos Srs. Deputados que estão participando do processo dessa audiência. O senhor está dizendo que a Sra. Gildenice faltou com a verdade porque, no depoimento dela à Polícia Federal, disse que foi o senhor que arregimentou os sócios, um deles sua irmã e o outro seu primo afastado, o Sr. Walfrido. Faltou com a verdade?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A Sra. Lourdes diz a mesma coisa no depoimento dela, diz que foi o senhor o responsável inclusive pela entrada dela numa outra firma e também do marido dela. Ela também faltou com a verdade?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim, eu diria que sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O Sr. José Roberto Coelho, que esteve aqui prestando depoimento antes do senhor, disse que o senhor era quem mandava em tudo. Na realidade, ele não disse se o senhor era o sócio ou se não era o sócio, mas disse que o senhor era o grande responsável e o gerente de todas as operações lá. Ele faltou com a verdade ou não?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - No caso do José Roberto, talvez ele não tivesse conhecimento, né?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O José Roberto, então, não faltou com a verdade, mas não sabia.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu só quero lembrar que, quando eu fui para lá, 8 dias depois, o Sr. Cláudio faleceu e, diante das circunstâncias, eu passei a indicar o Sr. Decio, que passou a fazer sociedade com a Sra. Gildenice...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Eu só quero que o senhor me responda. O Sr. José Roberto não sabia?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu presumo que sim, porque ele estava distante...



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Já vou chegar lá. Então, o Fábio Luís da Silva, que prestou depoimento antes do senhor, disse que o senhor era quem mandava lá. Ele sabia ou não sabia?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em hipótese alguma. Eu nunca mandei lá.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Em nada?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, quem era o dono da... Quem herdou todos os negócios foi a Sra. Gildenice, que é a esposa do Sr. Cláudio.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Está bom. Mas o senhor conhecia o Sr. Mineirinho, que era chofer do Sr. Cláudio?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Conhecia sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Conhecia bem o Sr. Mineirinho?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Bem não...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas conhecia o Sr. Mineirinho?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - ...porque eu fiquei por 6 meses lá, né?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas o Mineirinho, que era chofer do Cláudio, o senhor conhecia?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Conheci sim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então, eu quero ler aqui para os Srs. Deputados e para a audiência o que disse o Sr. Mineirinho, que era o chofer do Sr. Cláudio, que disse o seguinte: que como o Cláudio estava muito doente, ele chamou o seu grande amigo, Raimundo, para ser seu sócio; mas que Raimundo, de fato, nunca entrou de sócio nas empresas, porque Raimundo tinha um caso com Mônica da Silva, que era sobrinha de Gislene. Mas, na realidade, quem sempre comandou tudo, quem sempre exerceu o comando foi o seu Raimundo, porque o seu Raimundo era gerente do banco com que trabalhava o seu Cláudio. Era o seu Raimundo, inclusive, quem emitia as duplicatas e as notas frias em nome da empresa C Torres. Quer dizer, isso é o que o seu Mineirinho está falando. Agora, o seu Mineirinho também pode ter prestado depoimentos falsos ou com mentiras à Polícia Federal. Eu só quero registrar para a audiência, para os Srs. Deputados a



quantidade de depoimentos mentirosos que houve sobre a sua pessoa. Era isso. Muito obrigado.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É, eu emiti tanta duplicata fria que eu indiquei o senhor Decio Toni que injetou na empresa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Como é que o senhor falou?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Senhor?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O que é que o senhor falou?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É, é, eu não sei o que, a duplicata que Deputado colocou ali. Não é? Se eu tivesse.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor desculpe, o depoimento é do Sr. Antonio Fausto, lá, que é o motorista Mineirinho lá.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É dessa pessoa aqui, o senhor colocou aqui que eu teria indicado o Sr. Decio Toni que colocou 280 mil reais no novo negócio. Está certo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Vamos continuar, Sr. Presidente. É. Bom, então nós já vimos que tem, na realidade, duas empresas com nomes parecidos, mas que são duas empresas diferentes. Uma empresa Oftálmica Campinas MO, que estava em nome da esposa do Walfrido, e a outra empresa Oftálmica Campinas que estava em nome do próprio Walfrido e de D. Ineide, que é sua irmã.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual foi o destino dessa empresa que estava em nome da sua irmã e o nome do Walfrido, que estava no nome dessas duas pessoas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ela é atual sociedade, eu acho que é a Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela foi transformada, a Oftálmica Campinas foi transformada em Lens Surgical ?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E foi vendida para quem?



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso eu não sei, porque isso foi uma, foi depois da sociedade da Gildenice com o seu Decio e, aí, eu não acompanhei mais, porque eu passei a cuidar da parte dos cosméticos. Como eu disse.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí o senhor não sabe de mais nada?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Daí para frente, a...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu Raimundo, o senhor confirma isso que o senhor acabou de falar? Que o senhor não sabe o que fazia a Lens Surgical? Quem era seus novos sócios?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Oftalmológicos, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tá, mas qual era a sua participação nessa Lens Surgical?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nenhuma. Absolutamente nenhuma.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor confirma e reconfirma?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Confirmo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nenhuma.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pela minha filha.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pela sua filha?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pela minha filha.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor confirma, o senhor nunca teve nenhuma participação?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pela minha filha, que tem 11 meses.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nunca teve participação?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu juro por Deus.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Se o senhor não tem participação, o senhor não conhece o Sr. José Soares?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu conheço o Sr. José Soares, é sócio da Sra. Gildenice.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o que ele é dessa empresa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ele é sócio dessa empresa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele é sócio dessa empresa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É sócio juntamente com a D. Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor conhece ele como?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Com a D. Gildenice, não, perdão, com o Sr. José Roberto, na verdade.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Com o Sr. José Roberto que na realidade deu o nome a pedido da Gildenice.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor conhece da onde esse José Soares?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - De... Só um momento.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Da onde o senhor conhece esse José Soares?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Através da Sra. Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor conheceu ele onde? Em Campinas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em que local?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ele freqüentava a casa da Gildenice, às vezes indo lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E freqüentava a empresa onde o senhor trabalhava H&J?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, na verdade, H&J passou a cuidar só da parte dos cosméticos. Ele não ia lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele não ia na H&J?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, ele ia na parte de oftalmologia, que era a Lens Surgical.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Senhor Raimundo, nós acabamos de ouvir o depoente, antes do senhor vir até aqui, que diz exatamente o contrário: que ele ia muito a essa H&J.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu gostaria, só uma questão de ordem.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só um minuto. H&J, onde o senhor trabalhava, produz o que exatamente?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Cosmético.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só cosmético?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Só cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mais nada?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Que eu saiba, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só por isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Só isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual é o nome da sua. Bom, primeiro, senhor Raimundo, para o senhor entender as nossas perguntas e responder muito objetivamente. Quando nós estudamos esse problema, o seu nome não aparecia em canto nenhum. Então, por isso que o senhor chegou aqui não com toda segurança, mas chegou logo afirmando: não sou sócio de nada, não tenho nada, eu tenho a minha própria empresa que chama-se Dominium Cosméticos.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso. Representação.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Representação. Só trabalho com isso. E trabalhei no H&J com a Sra. Gildenice, enfim. Quem é o proprietário dessa empresa Dominium? Como é que se escreve Dominium?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É Dominium.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Isso. Dominium.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é seu sócio nessas empresas? Quem são os seus sócios?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Lenilda.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A Lenilda.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é Lenilda?



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Lenilda é a minha sócia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas ela é sua parenta?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual a profissão dela?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A profissão dela?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ela trabalha num salão de cabeleireiros.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Os senhores somente comercializam produtos cosméticos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - São representantes? O senhor conhece o número de telefone prefixo (19) 3212.2344?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De onde é esse telefone?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Esse telefone é da minha casa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - É da sua casa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Da minha casa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu tenho... eu tenho aqui um documento com esse fax à IPM Dominium. A empresa Dominium funciona na sua casa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, algumas vezes estou lá e uso o telefone de casa, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas está no nome da empresa o telefone ou o fax?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Bom, mas está aqui: IPM Dominium Cosméticos, 19, 3212.2344, Campinas, 24 de outubro de 2002, à ACECIL. O que é ACECIL?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - ACECIL é uma empresa que trabalha com a parte de oftalmologia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não é com cosméticos?



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não. Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas por que o senhor mandou um fax para a ACECIL, então, se o senhor não trabalhou com cosméticos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nós não podemos esquecer que a Mônica...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, não. Eu lhe fiz uma pergunta: por que é que o senhor mandou...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu estou respondendo. Não fui eu que mandei. A Mônica, ela ficou grávida e ficou trabalhando em casa. Quando ela ficou grávida, foi aí até que eu me separei da minha esposa e eu levei para morar em casa. E ela é funcionária da Lens Surgical...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, a Mônica nunca trabalhou na Lens Surgical. Ela trabalhou nessa outra. Ela trabalhou nessa Oftálmica Campinas e M&O, como sócia...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não, não, não...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN -...que foi vendida para a Gileade...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ...que hoje é...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ela foi funcionária da...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não. Mas aí, agora, o senhor está embolando todo o meio de campo. Ela nunca trabalhou na Oftálmica Campinas. Ela trabalhou no M&O por 3 meses. O senhor falou: só 3 meses, local muito fechado e saiu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só uma perguntinha para auxiliar.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Deixa eu concluir, Deputada.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, a senhora Mônica trabalha na Lens Surgical, sim. Trabalhou, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual é a ligação da Lens Surgical com For Eyes?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nenhuma.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E com a H&J?



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Com a H&J é Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, não estou perguntando de pessoas, a ligação de produção, de...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nenhuma.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nenhuma. Bom, o senhor ainda tem que responder à pergunta que eu lhe fiz, não perguntei sobre Mônica,

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, mas eu, eu...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu perguntei como é que saiu um fax da sua residência para a ACECIL, se a ACECIL não trabalha com cosmético, é uma empresa que faz esterilização de medicamentos.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A senhora... a Mônica ficou grávida e trabalha na Lens Surgical... é minha esposa. Como consequência da gravidez, eu levei ela para casa, trabalhando lá. É por isso é que muitas coisas, não só esse fax da ACECIL, como também contatos com clientes eram feitos pelo meu telefone. Se a senhora tiver acesso a minha conta...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Raimundo, esse documento, ele foi apreendido pela Vigilância Sanitária do Município de Campinas, junto com a Polícia Federal. Até agora nós estávamos tentando descobrir de onde era essa empresa Dominion. Acabamos de descobrir que a empresa é de sua propriedade.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Certo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor nos afirma que esse fax, apesar de ter sido enviado da sua residência, não foi pelo senhor. O senhor, portanto, não tem conhecimento dele. Foi pela Mônica.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu não tenho conhecimento dele, foi pela Mônica.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor disse que a Mônica trabalhou também na Oftálmica Campinas, que é hoje, atualmente, chamada de Lens Surgical, não é isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Funcionária da Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Apesar de anteriormente o senhor ter dito que ela nunca trabalhou aí, que a empresa dela era outra, que ficou



só 3 meses lá. Mas, enfim... E o senhor confirma que a Lens Surgical ou a Oftálmica Campinas nunca teve ligação de produção com a H&J?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tá. Então, vamos lá, o que... É, H, Sandra. Solicitamos alterarem o nome da empresa na etiqueta de identificação de esterilidade, a saber, dois pontos: Atual: H&J. Mudar para: Lens Surgical. E o nome do CPF, do CNPJ. Quer dizer, o que tem a haver a H&J com... lá, a empresa que o senhor, a única que o senhor declara ter trabalhado com a Lens Surgical?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu represento, eu vendo cosméticos. E cosméticos, quem produz, é a H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor pode reconhecer essa letra, de quem é, para nós? *(Pausa.)*

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É minha caligrafia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Há, a caligrafia é sua, Sr. Raimundo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É minha caligrafia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Há, pois não. Então, Sr. Presidente, pode passar a palavra a outros Deputados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Olha, vamos seguir a ordem de inscrição. Agora, o Deputado Josias Quintal, por favor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor vai me tirar *(ininteligível)*?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Eu acho o seguinte... Olha, nós temos ainda 5 pessoas. Calma, calma. Temos 5 pessoas a serem interrogadas. Estou considerando que o Deputado Júlio Lopes já falou, que a Deputada Laura Carneiro já falou...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu não falei, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - ... que o Julio Semeghini já falou, entendeu. Porque...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Presidente, o senhor me desculpa, Sr. Presidente, pela ordem. O Deputado Josias Quintal fez um requerimento relacionado ao Sr. Fábio, que era o responsável técnico da empresa



Lens Surgical. Eu gostaria, Sr. Presidente, que fosse adotado o mesmo procedimento em relação ao Sr. Raimundo, por tudo que nós ouvimos, pela documentação que nós dispomos, porque a participação dele eu acho que vai muito além daquilo que ele está afirmando, faltando com a verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputado Josias Quintal, por favor.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - É só confirmando com a companheira Deputada: a senhora está requerendo a prisão cautelar do Sr. Raimundo? Porque no caso do Fábio foi requerido isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O Sr. Raimundo chegou aqui para depor dizendo que não tinha nada a ver com o negócio, falando uma série de inverdades, tergiversando, escondendo fatos, omitindo à CPI, o que é muito grave. Em seguida, voltou a repetir que não tinha nada a ver com essa produção na linha de medicamentos e tudo mais e acabou de reconhecer um documento oficial enviado e que nós recebemos através da vigilância sanitária do Município de Campinas. Acabou de reconhecer a sua caligrafia num fax que enviou a uma empresa de esterilização relativa à mudança de etiquetas da empresa H & J para a Lens Surgical, que ele disse que nem....

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Só para colaborar, Deputada, empresa de esterilização que acabou por resultar num dano provocado nas pessoas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito. E aqui, na minha opinião, caracteriza falsidade ideológica por tudo o que ele disse, por tudo o que ele afirmou diante da CPI.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu só gostaria de lembrar que a Mônica é minha esposa e que realmente transcrevi aquilo ali, sim, mas foi a pedido da Mônica, que é funcionária Lens Surgical. Só isso que eu gostaria de lembrá-los, por favor.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor disse que não tinha conhecimento do fax, quando a Deputada Vanessa Grazziotin lhe perguntou. O senhor disse que não tinha conhecimento.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu nem lembro daquilo ali.



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor escreve sem tomar conhecimento das coisas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Provavelmente foi a pedido dela.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O senhor escreveu e assinou e não lembra?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu assinei?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Está lá com a sua letra. O senhor reconheceu.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Eu queria falar. Eu gostaria que as listas de inscrições fossem respeitada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Josias, você fez uma pergunta para a Vanessa?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Eu estou para iniciar o meu interrogatório, mas a Deputada Vanessa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Se pronuncia na hora do seu interrogatório, tudo bem?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Está certo. É só deixar claro aqui para a Vanessa se efetivamente o que ela requer é a prisão cautelar do Sr. Raimundo. Se é isso que ela acaba de requerer.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Mas ela própria não pode requerer? Desculpa, é só...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Acho que o envolvimento tanto do Sr. Fábio quanto do Sr. Raimundo é semelhante. Ele é direto, tem uma participação direta. Que nós tratássemos, se for possível, obviamente, dentro de um caso só. Que a CPI estudasse. Víssemos aqui com a Consultoria Jurídica da CPI como tratar esse caso, que eu reputo como extremamente grave, muito grave.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - A Assessoria acaba de dizer que devem ser 2 requerimentos separados. Estão inscritos ainda os Deputados Josias Quintal, Bispo Wanderval, Rubinelli...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pela ordem, Sr. Presidente.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Só uma questão de ordem, Sr. Presidente, bem rápido. Me perdoem. Eu sei que V.Exa. tem dado oportunidade a todos participar e vamos ser bem breves.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - V.Exa. também está inscrito aqui.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Isso. Eu só gostaria de dizer o seguinte: só fiz um aparte à Deputada Laura Carneiro, porque achei que ele não estava respondendo à pergunta. Gostaria de fazer uma ou duas perguntas muito objetivas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Claro. V.Exa. fará. A única recomendação é que os Deputados que já falaram...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pela ordem, Presidente. Eu apenas fiz um aparte à Deputada Vanessa Grazziotin sobre o tema Walfrido, e fiquei calada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Quero a colaboração para que todos possam falar. Nós temos mais 5 pessoas que deverão ser interrogadas. Então, os Deputados que já falaram procurem ser o mais rápido possível. Dentro da ordem... Deputada Laura Carneiro, V.Exa. não falou ainda?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu só fiz um aparte sobre o caso Walfrido. Se V.Exa. me permite.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Tá bom. Vejam bem, porque agora é que vai se iniciar a relação dos oradores. Então passo a palavra à Deputada Laura Carneiro, depois aos Deputados Josias Quintal, Julio Semeghini, Júlio Lopes, Bispo Wanderval e Rubinelli. Dessa relação, alguns ainda não falaram. Então pediria uma certa objetividade.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vou tentar ser o mais objetiva possível, Sr. Presidente. No seu depoimento, Sr. Raimundo, o senhor disse à Polícia Federal que ganhava 2 mil reais no banco e passou a ganhar esse valor trabalhando na H & J. É verdade o que estou dizendo? Está certo isso.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Está correto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está correto. Aí o senhor ganhava 2 mil reais para fazer o quê?



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, como eu disse: no dia 16 de janeiro de 2001, quando eu ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. É bem claro. Qual era sua atividade na empresa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A atividade na empresa, mas é preciso falar isso: ele morreu 8 dias depois que eu fui trabalhar lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Eu sei.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu peguei e indiquei o Sr. Decio Toni para tocar o negócio com a Sra. Gildenice. E fui vender xampu, que era o que eu conhecia, gente. Eu não conheço. Tecnicamente, eu não conheço... Você não pode, em 15 dias, aprender sobre medicamentos e sair vendendo para os médicos, ou trabalhar com isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro que não. Claro que não.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É isso que eu gostaria que vocês compreendessem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Eu já compreendi, sim.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - E que eu, por ser mais fácil, passei a vender xampu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor recebia 2 mil reais para vender xampu.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não. Esses 2 mil reais, foi no período que eu fiquei lá. Foi de 6 meses. Está certo? E depois eu passei a representar a H&J, vendendo os cosméticos que ela produzia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Eu estou no começo. Eu estou quando o senhor entrou. Eu já sei essa história. Seu Cláudio o chamou para ajudar nas finanças da casa. Foi o que o senhor declarou. Seu Paulo o chamou para trabalhar na administração da empresa.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí, o senhor que ganhava 2 mil reais no banco passou a ganhar 2 mil reais na empresa, para administrá-la. Não para vender xampu. O senhor está me dizendo agora que é para vender xampu. Era para administrar a empresa ou era para vender xampu?



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Os administradores tinha. Existiam 2 pessoas para cuidar da parte de administração.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pergunta clara: era para administrar, quando o senhor entrou na empresa, era para administrar ou era para vender xampu, que o senhor ganhava 2 mil reais?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nesse momento, era para trabalhar na área comercial da H&J. Ou seja, ela produzia lá gel, um produto lá para motéis, como eu disse...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor quando chamou... Bom, continua, desculpa... Então, era para trabalhar na área administrativa.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Comercial.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então o senhor disse aqui no seu depoimento à Polícia Federal, claramente, que o senhor, verificando a situação financeira, portanto, o senhor tinha acesso aos livros, aos cheques, às duplicadas, a todo o balanço, não é isso, da empresa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não. Eu era informado, porque tinha uma pessoa, que era a Mônica, que era de confiança Sra. Gildenice e do Sr. Cláudio e que cuidava dessa parte. Ela apenas me informou as condições da empresa e, a partir daí, foi que eu até indiquei o Sr. Decio Toni para a Sra. Gildenice.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Raimundo, vou ler o seu depoimento para ver se o senhor se lembra: *“que somente aí pode constar que a situação financeira de empresa não era das melhores”*. Vou antes: *“passando a ajudar na parte administrativa, que 8 dias depois Cláudia, estava doente, e veio a falecer, e que somente aí pode constatar que a situação financeira das empresas não era das melhores, que acertou então o salário, que diante da situação financeira da empresa é que o senhor chamou o Seu Decio”*.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Perfeito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor tinha conhecimento da situação financeira.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Para ter conhecimento da situação financeira de uma empresa é necessário o acesso aos documentos dessa empresa. O senhor não adivinha...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não necessariamente. Tinha uma pessoa que cuidava disso...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... que era a Mônica...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - ... que era da confiança da Sra. Gildenice.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Era a Mônica?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É a Mônica, que é minha esposa. Foi minha esposa. Eu tive um filho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Mônica. A Mônica, qual foi a profissão dela antes? Era caixa de um supermercado, não é isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não sei. Caixa... No passado, a senhora diz?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É. No passado.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É. Caixa de supermercado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, ela de caixa de supermercado foi fazer a administração, e o senhor que era o gerente de banco, gerente da contas, estava acostumado com dinheiro, com números, com cheques, o senhor só soube disso através da Mônica?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Vale lembrar que a Mônica foi para lá...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. só estou perguntando, não estou...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Ela estava lá já fazia 3 anos, não é?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. Mas de qualquer jeito é isso. Quando o Decio chegou... Por que o Decio não queria o seu auxílio?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Porque ele tinha um administrador próprio dos negócios dele.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor diz aqui, em determinado momento do seu depoimento, que o senhor chegou a, era uma pessoa que queria ter o controle, o Decio queria ter o controle...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... como se o senhor tivesse uma desavença com o Decio. O senhor teve uma desavença com o Decio?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em hipótese alguma, mas é o perfil dele. Quando ele foi ver o negócio, ele mandou uma pessoa especializada para analisar o negócio. Deu para perceber que era uma pessoa que detinha controle das coisas. Em nenhum momento eu tive desavença com o Sr. Decio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom. Então o senhor só não trabalhou na For Eyes. Mas o senhor trabalhou no Grupo Gildenice.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu trabalhei, nesse período, no Grupo, na...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, o senhor trabalhava na H&J.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Na H&J.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor disse aí que eles só produziam cosméticos.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - No meu conhecimento, é.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Fábio disse que ele produziu o methyl, lá, na H&J.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu desconheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu desconheço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Eu quero saber o seguinte: o senhor, trabalhando nessa empresa, sua esposa, D. Mônica — viviam juntos —, trabalhava lá, era sócia de uma das empresas, da Oftálmica Campinas e M&O, e o senhor, eu quero saber se o senhor sabia que para essa... que nessa matéria de medicamentos era necessário o Ministério da Saúde? Quer dizer o senhor nunca teve nível de informação ganhando 2 mil reais?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então... Vale lembrar que saía às 8h da manhã e voltava, muitas vezes, às 10h da noite, está certo?



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor saía fazendo o quê?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Vendendo, vendendo cosméticos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, o senhor fazia a venda dos cosméticos.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não a administração mais?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nesse período, eu fui claro aí no meu depoimento. Em 6 meses eu trabalhei...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor fez administração?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Fiz.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E nessa época da administração, o senhor em nenhum momento, em 6 meses de trabalho, o senhor soube que precisava de registro para as coisas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu sou extremamente leigo. Eu trabalhei no banco durante 17 anos, está certo? Eu nem sabia, eu vi uma farmácia de manipulação e eu nem sabia...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor é leigo nisso. Agora, vamos perguntar aqui: o senhor é leigo em gráfica? Eu quero entender o seguinte: se uma gráfica faz um serviço para uma empresa, tem uma nota fiscal, não tem?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu presumo que sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu também presumo que sim. Essa nota fiscal faz parte do balanço, do que gastou da empresa, não faz? Portanto, da parte administrativa dessa empresa. Então, a pergunta é: o senhor trabalhou lá 6 meses administrando a empresa, assim que o senhor Cláudio faleceu. Em nenhum momento o senhor tomou ciência da existência de gráfica que trabalhava com essa empresa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em hipótese alguma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Embora o senhor administrasse a empresa.



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu preciso lembrá-los de que não entendia nada do negócio. Eu tinha saído de uma outra atividade, gente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu só estou perguntando. Eu estou perguntando o seguinte, não estou falando que o senhor entendia do negócio, eu estou lhe perguntando o seguinte: o senhor administrava?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Durante 6 meses. A nota fiscal de uma gráfica faz parte da parte administrativa da empresa ou não?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Então, eu auxiliei na administração. Esse é o termo correto, está certo? Porque a Sra. Gildenice, ela confiava na sobrinha dela, que era a pessoa que cuidava de toda a parte...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Mônica.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A Mônica, que cuidava de toda a parte financeira. Ela não permitia que outras pessoas tivessem acesso a isso. Então, o que eu fiz? Eu apenas sugeri a ela que ela precisava arrumar uma pessoa que tivesse condições financeiras para tocar o negócio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já entendi.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Porque daquela maneira que se encontrava, não tinha condições de continuar...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, para o senhor auxiliar a Mônica e depois para o senhor vender xampu o senhor ganhava 2 mil reais, é isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso, exatamente. Foi por um período bem curto. Aí, como o Decio não tinha necessidade da minha ajuda, tive que arrumar o que fazer, passei a vender os cosméticos que se produzia. Foi por isso que foi acertado isso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o senhor abriu a Dominion, que passou a representar a H&J.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A H&J na parte comercial.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deputada Vanessa, a Dominion, na verdade, é a representante dos produtos da H&J, que é a primeira empresa.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Do cosmético, é bem claro.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, de cosméticos, não de medicamentos.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso, não de medicamentos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em nenhum momento o senhor soube da produção de medicamentos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em nenhum momento.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quando o senhor soube do que aconteceu, enfim, do dano causado às pessoas, da cegueira, o que o senhor conversou com a Gildenice?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Quando fiquei sabendo pelos jornais disso, a Mônica, para a senhora ter uma idéia, eu coloquei ela para fora de casa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, o senhor colocou ela para fora de casa com filho e tudo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu disse a ela que ajudaria, evidentemente, o filho é meu, eu vou ter que auxiliar, mas eu discordava daquilo. Foi aí que fiquei sabendo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor não sabia de nada?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Até então, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nada. Só assim, a título de curiosidade: o senhor acha que o Walfrido, a Ineide e... os 3 sabiam o que estavam fazendo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em absoluto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não sabiam. Foram utilizados, então, pela Gildenice? Foram usados?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Foi pedido um favor para eles, eles fizeram, mas com certeza eles não tinham consciência do que eles estavam fazendo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Para completar, o senhor acha também que o senhor foi usado?



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Olha, foi tudo circunstancial. Eu não tenho dúvidas de que se eu tivesse conhecimento de tudo... Eu trabalhei 17 anos no Banco Itaú. Eu não ia arrebentar a minha vida.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu, de certa forma, sim, eu me sinto usado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, aí a pergunta derradeira, senão o Presidente vai brigar comigo: o senhor acha, por que a Sra. Gildenice lhe acusou no seu depoimento, no depoimento dela?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Bom, eu não sei dizer exatamente o porquê.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ela não tem nada contra o senhor, né?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A única coisa que eu sei é que neste momento eu gostaria que a senhora soubesse é que as pessoas ficam amedrontadas, tá certo? Tanto que a colocação — volto ao Sr. Walfrido — era de que eu indiquei tudo, quando, na verdade, ele não pode assumir que ele também tinha um relacionamento com a Sra. Gilda. Ele poderia simplesmente dizer: *“Olha, foi-me pedido um favor e eu fiz o favor”*. As pessoas ficam com medo, é isso que precisa ser compreendido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Há alguma coisa que o senhor queira falar só para os Deputados, reservadamente, que não possa ser falado em público?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, acho que eu não tenho por que disso, porque eu, em nenhum momento, estou faltando com a verdade. O que estou falando aqui é realmente o que aconteceu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Obrigada, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Eu gostaria, mais uma vez, de pedir objetividade para as pessoas que já falaram, porque ainda temos 5 pessoas. O avançado da hora...

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Sr. Presidente, pela ordem. Eu acho que o senhor deveria adotar o critério de tempo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Tudo bem. Deputado Josias Quintal.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sr. Raimundo, antes de fazer a pergunta, quero fazer uma observação para sua reflexão. Essa observação diz respeito ao que está previsto no Código Penal, o art. 288 do Código Penal, que se refere à formação de bando ou quadrilha. E também me referir à questão dos crimes hediondos, que é definido numa lei especial. Há uma denúncia muito forte, muito consistente, de que empresas relacionadas nos depoimentos, na oitiva de que o senhor faz parte, elas teriam produzido medicamento que veio a trazer males, que veio a causar males em pessoas, levando até, em alguns casos, à cegueira. Isso é atribuído à fabricação de uma dessas empresas. Muito bem, quero inicialmente alertar o senhor quanto aos indícios muito fortes que existem de que o senhor possa incorrer ou ter incorrido neste dispositivo, seja na formação de bando ou quadrilha, porque existem mais de 3, 4 pessoas envolvidas nisso, seja na própria fabricação do medicamento que causou esse dano, e, de forma irregular, caracteriza um crime hediondo, portanto inafiançável. Então, o senhor reflita bastante sobre isso. Até lhe aconselharia que o senhor procurasse colaborar. Tendo o senhor a convicção de que não é, não tem dolo, não tem uma participação dolosa nesse episódio, que o senhor refletisse e viesse a colaborar para usar os benefícios que a própria lei prevê. Mas vou ser muito breve nas perguntas e começaria perguntando ao senhor o seguinte: o senhor trabalhou na H&J?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Trabalhei, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Foi levado pelo Cláudio?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pelo senhor Cláudio.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - A H&J era uma empresa que tinha autorização para fabricação de cosméticos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Cosméticos.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - No entanto, a H&J fabricava cosméticos e colírios.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu desconhecia isso.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor desconhecia?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Desconhecia.



O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Durante todo o tempo desconheceu?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim senhor.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Apesar do Cláudio ter utilizado a H&J, a razão social, o registro dela para fabricar colírios. Ele nunca lhe falou, nunca lhe confidenciou?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Só para esclarecer para o senhor, eu ficava na farmácia de manipulação que fica num bairro, e tudo isso era feito em um outro local, onde fica o barracão da H&J. Então, só para esclarecer isso, está bem? Eu ficava na parte do escritório, na parte administrativa.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Veja bem, existem várias pessoas que ora estão numa empresa, ora estão em outra empresa, e essas empresas todas fazendo a mesma coisa. Então, pessoas inclusive da sua relação, da sua relação pessoal. O senhor, por exemplo, chegou a indicar para dirigir a H&J o senhor Decio, correto?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não foi a H&J.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Foi a For Eyes.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Então, o senhor indicou o Decio?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu indiquei o senhor Decio para a senhora Gilda...

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Estranhamente, ele depois lhe dispensou. Por que ele o dispensou?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, quando foi feito o negócio, ele deixou muito claro que ele faria o negócio com a senhora Gilda, mas que não contaria com a minha participação, já que ele tinha uma pessoa da confiança dele para cuidar dos negócios dele. Então, desde o início...

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Foi uma coisa pré-acordada já, não é?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Perfeitamente.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Muito bem. Mas nós verificamos no processo que uma empresa gerou outra, que outra gerou outra e outra gerou outra, numa indicação, assim, muito clara de que seriam possivelmente empresas laranjas.



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Mas eu posso explicar ao senhor.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Dado o tempo em que elas funcionaram, o tempo em que elas efetivamente funcionaram, então, não era algo assim muito consistente, fabricando produtos, produtos médicos, correto?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Correto.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Nesse processo, o senhor indica a Mônica, que é uma pessoa que o senhor tem uma relação pessoal. Quer dizer, ela fez parte de uma dessas empresas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Do mesmo modo, a sua irmã Ineide.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor indica a Ineide para emprestar o nome para uma outra empresa?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É, não foi emprestar o nome. Havia uma amizade entre a Sra. Ineide e a Sra. Gildenice e foi um pedido de favor, né?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Um pedido de favor, mas sabendo o senhor, sabendo o senhor que a Ineide iria ser apenas uma figura decorativa, apenas iria emprestar o nome para essa atividade. Correto?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É, eram os negócios conduzidos pela Gilda. A partir daí, eu não tinha, eu não sabia exatamente quais eram as intenções da Sra. Gildenice, né?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor não está sendo muito ingênuo em, não foi muito ingênuo em...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, só vou explicar para o senhor, para o senhor compreender. A For Eyes, quando foi indicado o Sr. Decio para a Sra. Gildenice, eles formaram a For Eyes. Houve um desentendimento entre o Sr. Decio e a Sra. Gildenice, e aí se constituiu a Lens Surgical atual, tá? Tanto que esse processo de desentendimento da Sra. Gildenice com o Sr. Decio se encontra na justiça, não é? Então, só para o senhor entender a seqüência das coisas, para não haver uma "misturança" aí. Primeiro existiu a For Eyes, aí houve o rompimento comercial entre a Sra. Gildenice e o Sr. Decio. Depois...



O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Quanto tempo durou a For Eyes?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Olha, eu não tenho assim precisamente a data.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Meses. Durou meses?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Meses, com certeza.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - E com relação ao Sr. Walfrido, seu primo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pois não.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Como é que ele foi parar nessa empresa? Ele foi por sua indicação, o senhor desconhecia também?

Home Irma

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É como eu disse. O Sr. Walfrido, ele passou, ele é meu amigo particular, e ele passou a ter um relacionamento com a Sra. Gildenice também. A Sra. Gildenice também pediu, a título de favor, né, o nome dele para dar seqüência nos negócios.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor pode indicar alguém, além do senhor, que administrava essa empresa, no caso a H&J? Há indicações, há depoimentos que dão o senhor como responsável, o administrador, quem dava as ordens. O senhor contesta isso?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Contesto, né, porque quando do falecimento do Sr. Cláudio, imediatamente quem assumiu o comando das coisas foi a Sra. Gildenice, né?

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor sabia que essas empresas fabricavam colírio oftalmo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu sabia que eram produtos oftalmológicos.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sabia que elas não tinham registro...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Em absoluto. Como disse ao senhor, como já disse e repito, eu saí do banco, de uma instituição financeira, eu não conhecia absolutamente nada do ramo. Aliás, eu não conheço até hoje absolutamente nada de farmácia e manipulação, embora eu tenha ficado lá, como eu disse, 6 meses.



O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Eu vejo a sua postura de uma pessoa muito ingênua e que naturalmente não confere com a sua condição. O senhor foi um gerente de banco, o senhor é uma pessoa esclarecida, lidava com público, conhece muito bem essas coisas, presume-se, né? Então, eu creio que essa sua postura de ingenuidade em todo o processo, ela não condiz com a realidade. Mas como existem muitos fundamentos, muitas indicações de que o senhor tem um envolvimento muito forte nessa questão, em todo esse processo, eu queria requerer ao Presidente que fosse decretada a sua prisão cautelar, encerrando, assim, a minha oitiva. Requerendo ao Presidente a decretação de sua prisão cautelar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Sr. Deputado. Faça o requerimento, vamos pegar a assinatura dos Deputados, e isso vai ser analisado no final, junto com outro pedido. Eu passo, eu queria... Tem um problema técnico aqui agora, porque a Relatora está de viagem marcada às 5 e meia, nós ainda temos umas 6 pessoas para serem ouvidas e temos uma lista ainda aqui para interrogar o Raimundo. É o Deputado, agora, Julio Semeghini.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Presidente, eu vou ser bem breve. Mas eu peço que o Sr. Raimundo também o seja, por favor. Eu quero me ater ao período em que o senhor esteve na empresa durante os 6 meses, logo que o senhor entrou para lá, para essa empresa. Que tamanho era essa empresa? Quantos funcionários essa empresa tinha quando o senhor trabalhava? E aonde o senhor, fisicamente, ia e visitava? Rapidamente, por favor.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Fisicamente, eu ia na Francisco Alves nº 37, que é onde ficava a farmácia de manipulação. E lá tinham cerca de 6 funcionários.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Tá. E na outra empresa que fabricava, na verdade, os próprios cosméticos, o galpão? Com que frequência o senhor estava ali?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Lá eu não ia e lá tinham cerca de 3 funcionários.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Lá tinha cerca de 3 funcionários?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Isso.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Muito bem. Qual era a ligação da farmácia, da empresa de manipulação com a empresa que fabricava, na verdade, os cosméticos e tal, uma vez que era longe e que o senhor disse que não tinha? Que participação tinha o senhor, lá da farmácia, no papel, na gestão, no dia-a-dia da empresa que fabricava os cosméticos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nenhum.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Nenhum. Muito bem. Nós temos aqui um contrato que foi dado pela empresa, pela ACECIL, que, na verdade, é a central de esterilização de que nós estamos discutindo aqui. E essa empresa de contrato, na verdade, ele trata sobre um assunto que é única e exclusivamente da fábrica, não tem nada a ver com essa farmácia que o senhor estava e tal. E tem mais uma série de outros documentos, na verdade, que diz do seu papel, da gestão que o senhor estava nesses 6 meses nessa empresa. Eu tenho 3 perguntas muito objetivas para o senhor. Primeiro, nesse período que o senhor estava na empresa, nesses 6 meses, até o senhor encaminhar e indicar o Sr. Decio, se não me engano, que depois acabou sendo sócio dessa empresa, o senhor, na verdade, orientou, o senhor participou, o senhor tinha um trabalho no dia-a-dia dentro dessa empresa? O senhor tinha contato? O senhor insiste que não tinha. Nós temos vários documentos que, na verdade, o senhor tinha informação. E nós temos depoimentos aqui de pessoas que passaram aqui, que depois, se necessário, serão acareadas, que diz que o senhor tinha o papel de gerente nessa empresa. E que ele, como técnico, tinha contato com o dia-a-dia da empresa e que o senhor fazia o papel de gerente, o senhor orientava e o senhor dava instruções. Então, eu quero dizer muito claro que quando o senhor está dizendo que o senhor não estava, eu estou fazendo várias perguntas de forma diferente, porque vai caracterizar que ou o senhor ou outra pessoa, o técnico que aqui esteve, de que alguém está mentindo. Então, eu quero dizer o seguinte: o senhor, que está sendo acusado de ser gerente, de participar do dia-a-dia nessa empresa, o senhor estava na empresa, o senhor orientava, o senhor tinha relacionamento com as pessoas que fabricavam, com as pessoas que compravam material, com as pessoas que assinavam contrato pela parte de fabricação?



O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu gostaria de afirmar que não pelo seguinte motivo: eu não tinha conhecimento, eu não podia ter conhecimento técnico...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Não é técnico. Eu quero saber se o senhor tinha relacionamento e participava das decisões, da ordem do dia-a-dia. Se o senhor tinha informação do dia-a-dia dessa empresa.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, porque a Gildenice é que detinha esse conhecimento técnico e era automaticamente ela que tinha esse contato com essas pessoas. Como eu disse, é uma coisa bem específica, não dá para um sujeito leigo qualquer ir lá e começar a discutir com uma outra pessoa, conversar com uma outra pessoa sobre esse assunto. É uma coisa muito técnica e que o meu papel é comercial, tá certo? Tanto que eu não, eu...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Tudo bem. Já é suficiente.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - ... eu nem ficava direto lá.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O senhor já disse que não... Dentro do seu papel técnico...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Técnico não, comercial.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - No meu papel técnico-comercial, ou comercial, eu costumo saber o que eu vendo quando eu estou oferecendo para alguém ou não e eu tenho relacionamento. Eu quero insistir aqui numa outra coisa que eu queria dizer para o senhor. Se o senhor não teve esse relacionamento, se o senhor não acompanhou isso no período que o senhor esteve lá nesses 6 meses, eu volto a insistir para o senhor: como é que depois, se isso aí era final, começo do ano, o senhor ficou 6 meses só, como é que depois... depois do período dos 6 meses, quando o senhor estava na sua casa, o documento que aqui a Deputada Vanessa Grazziotin apresentou é assinado pelo senhor, e o senhor na verdade assina dizendo em nome da sua mulher? É um documento extremamente técnico que diz respeito a números de inscrição das empresas, diz claramente para alterar etiqueta, que diz totalmente o papel de responsabilidade da empresa, que podia tratar-se de uma fraude, que o senhor teria que estar sabendo o que estava fazendo para não poder estar assinando. O senhor diz que o senhor ficou na empresa todo esse período e que o senhor, depois de ter ido embora, de depois aí, sim, que o



senhor não tinha mais nada, que só estava lá na parte comercial, o senhor ainda assinava documento desse detalhe da empresa, e que o senhor assinava sem saber do que se tratava.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Excelência, eu gostaria de esclarecer que a Mônica, se o senhor olhar...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O senhor já está claro, que a Mônica é sua...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, não, não, não era isso que eu ia falar.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu quero que o senhor seja objetivo.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Se o senhor olhar a caligrafia da Mônica, o senhor vai entender o porquê que eu redigi isso aí.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu volto a insistir na pergunta, o senhor não respondeu.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Pois não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O senhor quando assinou isso aqui, quer dizer que não entendeu que trata de uma mudança de etiqueta...

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - ... de inscrição estadual?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não. Ela simplesmente...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O senhor não minta, por favor. Não é possível que uma pessoa gerente de banco, que trabalhe em vendas, sócio de empresa... O senhor queira ouvir primeiro para depois responder.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, responda para o Deputado.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Desculpa.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O senhor está dizendo que uma pessoa que é proprietário de uma empresa, que cuida da abertura da sua empresa, que sabe o que é uma inscrição estadual, que trata de representação de venda, manda alterar uma etiqueta da inscrição que trata de um produto médico, que não



pode ser alterado, que tem cuidado, e assina isso sem saber de nada? É assim que o senhor está dizendo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu apenas transcrevi isso.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E assinou o documento.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu apenas transcrevi.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Muito bem. O senhor só fez essa única vez? Esse foi o único contato que o senhor fez com essa empresa que tinha o contrato de prestação de serviço de esterilização?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Olha, eu nem lembrava disso aí, tanto que eu respondi aqui dizendo que eu desconhecia totalmente.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O senhor conhece as pessoas que assinam o contrato da empresa de esterilização? O senhor teve algum contato telefônico ou documento com elas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nunca. Nunca. Outra coisa, eu gostaria só de deixar claro que se pegarem as notas fiscais dos clientes da oftalmologia e pegarem as notas fiscais dos clientes de cosméticos isso vai poder ser esclarecido. Eu não tinha envolvimento nenhum e não tenho razão nenhuma para mentir para vocês. Lamentavelmente, talvez, eu tenha me envolvido com as pessoas erradas. Só isso. Com a qual, inclusive, eu tenho uma filha.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sr. Presidente, realmente acho o trabalho da Deputada Vanessa Grazziotin muito claro, muito objetivo. A pessoa entra em detalhe técnico, em detalhe administrativo, assina os documentos, nós vamos ter provavelmente que fazer uma acareação de outras pessoas que trabalharam na empresa e que colocam que ele era o gerente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Concedo a palavra ao Deputado Júlio Lopes (*Pausa*). Ausente.

Concedo a palavra ao Deputado Bispo Wanderval.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Sr. Presidente, quero ser bem objetivo, primeiro parabenizando o brilhante trabalho da nossa Relatora, Deputada Vanessa Grazziotin. Não vou me ater aqui. As minhas perguntas serão diretas e objetivas. Sr. José, o senhor faz o seu Imposto de Renda anualmente?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Anualmente.



O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - O senhor tem todas as suas empresas dentro do Imposto de Renda?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Na verdade, é uma empresa só, que iniciou o ano passado.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Mas como, se o seu nome está em todas as empresas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - O senhor me desculpe, mas não está em todas as empresas.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Não está?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Muito bem. O senhor continua vendendo cosméticos?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Nesse momento parou, devido a todo esse problema.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - E qual é o faturamento dessa empresa hoje?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Minha empresinha lá?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - É.

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - É cerca de 22 mil reais por mês.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Qual o seu sentimento hoje, dados esses graves problemas que estão acontecendo com as pessoas, inclusive lá no Rio de Janeiro, ficando cegas? Qual o seu sentimento como ser humano?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Como ser humano é lamentável, é algo que você não descreve, porque aquilo que você não quer para você ou para sua família, você não quer para ninguém. É muito triste o que aconteceu.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Todas as responsabilidades, é o que está sendo caracterizado hoje na sua participação, tendo em vista que o senhor teve uma grande oportunidade, até do direito de defesa, até porque o senhor tem todo o direito de defesa. Mas eu pergunto ao senhor: o que o senhor pensa dessas pessoas? O senhor falou que o Sr. Walfrido era seu amigo, mas que está mentindo. Que o outro rapaz que depôs há pouco também está mentindo. Que a D. Lurdes



está mentindo. Até a D. Gildenice está mentindo. Todo mundo está mentindo. Qual o seu sentimento com respeito a essas pessoas?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Essas pessoas, evidentemente, estão com medo, estão pressionadas. E todo mundo tende a fugir dos problemas.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - O senhor não acha que também está fugindo dos problemas, da responsabilidade, da realidade?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Não. Eu estou falando a verdade. Veja, quando essas pessoas eram minhas amigas, elas passaram a ser amigas da Sra. Gildenice. Passaram a participar do mesmo círculo de amizade. Agora, eu não posso me responsabilizar pelas atitudes das pessoas. Se eu peço alguma coisa a alguém, esse alguém é responsável. E se a Gildenice pediu isso a eles, eles são responsáveis para responder por isso.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - E qual seria o principal responsável por todas essas coisas que estão acontecendo, toda essa nocividade à sociedade que está acontecendo?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Eu diria que eram os proprietários da Lens Surgical, que é a Sra. Gildenice e o Sr. José Soares.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Então, é a D. Gildenice? Ela é que é a responsável?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - A Sra. Gildenice e o Sr. José Soares, que são proprietários da Lens Surgical.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - O senhor credita tudo à Sra. Gildenice e ao Sr. José Soares? O senhor não tem culpa nenhuma?

O SR. RAIMUNDO JOSÉ DOS SANTOS - Sim. Qual é a culpa que eu posso ter, se eu, dentro do eu faço é vender cosmético. Como é que eu posso ter culpa, se eu nunca participei, nunca comercializei?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Está bom. Sr. Presidente, tendo em vista tudo isso, encerro a minha participação, até porque eu não vou ficar aqui insistindo com uma pessoa que já está caracterizado, mentiu, faltou com a verdade, dado ao brilhante da Deputada Vanessa Grazziotin, inclusive depois reconhecendo a sua própria caligrafia. Agora, também afirmada pelo Deputado Julio Semeghini. Não



vou perder meu tempo. Eu acho que esse requerimento de prisão cautelar tem que ser votado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputado Bispo Wanderval, esse requerimento vai ser votado no final. Agradeço ao Deputado Bispo Wanderval. O Deputado Marcos Abramo retira, porque o Deputado Bispo Wanderval já fez as perguntas. Obrigado pela sua participação aqui. Por favor, o senhor vai ficar à disposição da CPI, porque nós podemos lhe chamar para lhe questionar, está bom? O senhor vai ficar numa sala reservada, junto com outros que já prestaram depoimento. Peço, por favor, que não conversem entre si. Obrigado. Os Deputados estão fazendo um lanche. Convido o Deputado de volta aqui. Temos a seguinte questão: agora seria o Sr. José Soares da Silva, porém, o Sr. Fábio Luís da Silva, que já prestou depoimento aqui, aquele técnico, ele pediu para falar de novo. Ele disse que queria abrir o coração.

(Não identificada) - Abrir pública...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Mas ele não quer falar diante do pessoal do laboratório aqui. A gente tem duas alternativas: ou faz reservada, ou a gente pede a 2 Deputados que o ouçam e vejam realmente se ele tem, para a gente dar continuidade aos nossos trabalhos. Se o Fábio Luís da Silva quer abrir o coração, ele converse com 2 Deputados, se for algo relevante. Onde está o Sr. Sílvio, secretário da Comissão?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, para que a gente possa convalidar o depoimento reservado do Fábio, talvez fosse necessário que nós votássemos, emergencialmente, um requerimento, indicando os 2 Deputados a fazer essa oitiva. Ela deve ser gravada. Tenho medo, porque senão fica apenas um depoimento informal, que não vale como prova.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vamos fazer informal, para ver se compensa ouvi-lo reservadamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Acho que ele já conversou com o Deputado Josias, mas eu vou me informar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vamos ouvi-lo reservadamente. De repente, não compensa. Ele quer abrir o coração. Acho que deve convencê-lo a abrir o coração aqui de público. Afinal de contas, ele está sendo acusado de técnico.



As acusações dele são muito graves. Eu gostaria que o Sr. Sílvio conduzisse para cá o Sr. José Soares da Silva. Por favor, Sr. José Soares da Silva.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, apenas para lembrar a V.Exa, porque a advogada do Sr. José Soares da Silva assim me alertou, que ele deve prestar o depoimento na qualidade de testemunha, na medida em que ele não prestou nenhum depoimento até hoje e não está indiciado. Então, é importante que ele pudesse fazer o juramento, sob pena de responder por falso testemunho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - A senhora é advogada do Sr. José Soares? Eu peço o seguinte: convido os Srs. Deputados que compareçam, os Deputado da CPI da Pirataria, que voltem aos seus lugares. Srs. Deputados que estão em seus gabinetes, daqui a pouco vamos ter que votar alguns requerimentos da maior importância. Essa sessão também é muito importante. Estamos ouvindo o pessoal ligado aos laboratórios que são acusados de falsificar remédios em Campinas. E esses remédios, seguramente, causaram a cegueira de algumas pessoas. Já está presente o Sr. José Soares da Silva, com sua advogada, Dra. Nair Leandro. O Sr. José vai depor, ao contrário dos outros, como testemunha. Então, eu pediria que o senhor fizesse o seguinte compromisso, repetindo as minhas palavras: faço, sob a palavra de honra...

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Faço, sob as minhas palavras...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Faço sob a palavra de honra.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Faço, sob a palavra de honra...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - A promessa de dizer a verdade...

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - A promessa de dizer a verdade...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Do que souber...

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Do que souber...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - E me for perguntado.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - E me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Eu pediria ao senhor... os Deputados vão lhe fazer as perguntas, eu pediria ao senhor o seguinte: que rigorosamente falasse somente a verdade. Esse compromisso aqui não é puramente formal, é verdadeiro. Aqui, quando os Deputados respondem processo, o maior



crime que comete um Deputado é faltar com a verdade, é mentir. Isso dá cassação de mandato de Deputado. Eu rogo ao senhor que se atenha à verdade. Eu passo a palavra à Deputada Vanessa Grazziotin.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. José Soares da Silva, o senhor pode se identificar?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu me chamo José Soares da Silva, residente em Goiânia, microempresário, trabalho na área da saúde, tenho uma pequena empresa na área de produtos oftálmicos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A sua idade?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Cinquenta e um anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A sua formação profissional?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Vendedor, segundo grau completo. Sou profissional da área de vendas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas a sua formação técnica?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Segundo grau. Sem formação de curso superior.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito. Nem técnica?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Nem técnica.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabe a exata razão que lhe trouxe aqui à CPI, que fez com que nós o convocássemos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu acredito que foi problema de uma empresa em Campinas, da qual eu fiz parte do quadro de sócio por um período. E esse problema que, segundo informações, possa ter tido de problema de saúde a outras pessoas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que empresa é essa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Que eu fiz parte foi a Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor fez parte de que forma?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu fui convidado para a gente formar essa empresa, constituir uma empresa para produzir produtos ligados à área oftalmológica, precisamente methylcelulose. Como eu já trabalhava nessa área de



produtos oftálmicos, eu achei que seria uma idéia promissora. A gente tentou a formar empresa que não chegou a ser de fato formada, mas era esse o intuito.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não chegou a ser formada?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Totalmente não, porque teve algumas irregularidades, que seria complicada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que irregularidades são essas?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Negócio de registros de produtos, quando tomei conhecimento do produto junto aos órgãos competentes e demais documentação fiscal da empresa, que essa empresa seria uma empresa que já existia anteriormente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando foi que o senhor tomou conhecimento dessas irregularidades?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Foi no final do ano de 2000, propriamente em dezembro, começo de janeiro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De 2000?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - De 2002, desculpa. Final do ano passado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Final do ano passado. Mas o senhor se tornou proprietário da empresa em que período? Em que data?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - No mês de maio de 2002.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em maio de 2002. E o senhor disse ter tomado conhecimento das irregularidades em dezembro.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - O andar das coisas que foram desencadeando.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas andar de que coisas que se desencadearam?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Da documentação que vai se levando em para ser regularizada que eu fui tomando conhecimento.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor pagou quanto para ingressar na sociedade?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, eu... O pagamento foi apenas para adquirir alguns materiais como máquinas para pôr o laboratório em funcionamento.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tinha o que a empresa, uma vez que ela já existia?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Já existia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela existia com que nome?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Ela existia com o nome de Oftálmica Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Oftálmica Campinas. E quem sugeriu o nome? Por que mudou de nome?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Por eu estar entrando na sociedade, eu sugeri um novo nome.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E esse nome é Lens...

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, a partir de maio de 2002, quando senhor se associou à empresa, o senhor comprou a empresa de quem?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Essa empresa eu não cheguei a comprar ela. Essa empresa... Fui convidado para entrar de sócio e que a minha participação no capital seria adquirir algumas peças que estavam faltando para montar o laboratório.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas quem eram os sócios anteriores?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Os sócios que eu tive contato anteriormente foi com a senhora, eu chamo ela de Gilda, mas me parece que é Geldenice, que era a pessoa que intermediou tudo isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A empresa estava no nome dela?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu acredito que não, porque era uma outra pessoa que era da ...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quem era essa outra pessoa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Essa outra pessoa, se a senhora permite, eu gostaria que não me guardo muito bem na ...



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era Walfrido?

(Não identificado) - Era o Walfrido.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era o Sr. Walfrido. O senhor compra a empresa, o senhor foi convidado por quem para ser sócio da empresa? Quem lhe fez o convite?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - A Sra. Gildenice.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quem mais?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Na época eu tive contato com a Gildenice e com o Raimundo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Com o Raimundo?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Que era amigo da família também, ele não fazia parte, ele só era amigo da família.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, era amigo, mas ele lhe fez... Ele estava junto?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Estava junto quando a gente foi, quando eu fui lá pela primeira vez para conhecer e para ver se poderia se constituir daquilo ali uma empresa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como é o nome desse Raimundo?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu não tenho o nome todo de cabeça.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Será que não seria Raimundo José dos Santos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Acho que era Raimundo José dos Santos, justamente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Os 2 foram lhe propor para que o senhor ingressasse na Oftálmica Campinas?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - É. Essa proposta foi mais tratada por telefone. Para que possa esclarecer um pouco mais como surgiu essa minha participação. A Oftálmica Campinas, que é uma farmácia de manipulação que já existia há tempos atrás... Eu já tive, na época, contato telefônico com a empresa pelo um dos fundados dessa empresa que era o Sr. Cláudio, se não me engano, Cláudio Torres, que já era falecido.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor comprava produtos deles?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Há uns 5 anos atrás, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Há 5 anos o senhor comprava produtos fabricados pelo Sr. Cláudio Torres?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu acredito que sim. Era. Há uns 5 anos. Eu não tenho precisamente a data certa, se é 5 anos, 3 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que produtos eram esses?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Era propriamente a methylcelulose.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Methylcelulose, que o Sr. Cláudio produzia?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Era.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E como era o nome da empresa dele?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Era CR Torres, mas com o nome fantasia de Oftálmica Campinas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era um produto industrial?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Era um produto de manipulação.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Produto de manipulação. E tinha registro como produto oficial?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Disso eu não me recordo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor não comprava?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu só comprava e vendia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, mas quem compra tem responsabilidade. O senhor sabe disso. Como é o nome da sua empresa em Goiás?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Lens Produtos Médicos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então o senhor comercializa produtos médicos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O que precisa uma indústria ou uma farmácia de manipulação, que documentos precisam ter para que possam vender produtos, comercializar?



O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Hoje eu tenho conhecimento — hoje posso dizer porque já tenho esse conhecimento — de que para lidar com produto ligado a saúde o principal ponto é um registro do Ministério da Saúde.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Há quanto tempo o senhor tem a Lens Representação?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Há 13, 11, 12 anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E só hoje o senhor tem conhecimento de que é preciso ter registro?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu não diria só hoje, mas de pouco tempo para cá que eu fui tomar conhecimento.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual é esse pouco tempo para cá?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu diria 6 meses, 4 meses.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então o senhor representa, há 13 anos, produtos hospitalares, medicamentos e não sabia que essa empresa tinha de ter registro?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu acredito que não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quantos funcionários o senhor tem na sua empresa de Goiás?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Tenho 6 funcionários.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual é o seu faturamento anual?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu diria hoje deve estar em torno — creio eu — de 45 mil reais por mês, 450 mil reais por ano.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas, enfim, o senhor dizia que há 5 ou 6 anos, o senhor comprava produtos que eram manipulados pelo Sr. Cláudio, e que teve contato com essa senhora Gildenice através dele.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aí o senhor continuou sendo um comprador dele?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Comprei até ... Não tenho a data precisa, mas eu acredito que até há uns 4 anos.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ainda comprava?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Até 4 anos atrás. Foi um período curto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor continua a ter contato com o Sr. Cláudio e com a Sra. Gildenice?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não. De vez em quando a gente se falava por telefone, mas não para comércio, mas pela amizade, pelo vínculo que ficou do período que eu trabalhei com eles.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E como foi? A Sra. Gildenice lhe ligou e fez o primeiro contato via telefone, e depois pessoalmente, lhe propondo essa sociedade?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Foi mais ou menos assim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ela propunha o quê, nessa sociedade?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - A gente, conversando... Ela falou: "*Olha, eu preciso reativar uma empresa*". Eu me lembro bem da nossa conversa. Eu disse a ela que eu não tinha conhecimento da área de produção, que eu tinha conhecimento, experiência prática na área de vendas. Então ela falou: "*Know-how de produção a gente tem, não temos know-how de venda*". Foi como começou esse assunto que a gente chegou a ter um contato para tentar formar a empresa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quando o senhor entrou como sócio, quando aceitou o convite e entrou como sócio, quando o senhor chegou lá e viu que a empresa Oftálmica Campinas não estava no nome dessa Sra. Gildenice, que foi quem lhe propôs a sociedade, o senhor não desconfiou de nada?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Por que não? O senhor faz negócio com uma pessoa, chega lá e vê que a empresa está no nome de outra. É normal?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu tenho aquela formação de confiar nas pessoas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Confiar nas pessoas?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu confio nas pessoas com quem eu convivo.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor perguntou dela por que a empresa que ela lhe propôs sociedade não estava em nome dela? O senhor perguntou qual a razão?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor se associou a uma empresa a convite de uma, mas na realidade não era essa que lhe fez o convite que estava emprestando os nomes. O senhor conheceu o Sr. Walfrido?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o seu sócio, Fábio Luís da Silva?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - O Fábio eu conheci.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Conheceu? Ele trabalhou na sua empresa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Trabalhou.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Além de ser sócio, trabalhou na empresa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Trabalhou.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual era a função dele lá?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Ele era o químico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas e a função? Químico, mas com que função?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Quando a gente formou a empresa, era para ele ficar... Ele entrava como sócio também.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele entrava como sócio?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Sócio também.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sócio e químico. Ele era o responsável, ele seria...

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Pela parte de produção.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E seria o responsável técnico?



O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Técnico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Assinando e tudo pela parte de produção?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Justamente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas um técnico de nível médio em química pode ser responsável por produção de medicamentos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu, na minha concepção, na época, achava que sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas, Sr. José Soares, o senhor me perdoe, o senhor está no ramo há 13 anos. O senhor acha que nós vamos acreditar nisso o que o senhor está nos colocando? O senhor, que está no ramo há 13 anos, acha que um profissional de nível médio em Química pode se responsabilizar pela produção de medicamentos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu acho que estou dizendo para a senhora aquilo o que eu sei e que eu achava que podia ser feito.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor buscou, logo que se associou à empresa, regularizar, pelo que o senhor disse. O senhor passou muito tempo cuidando da papelada. O senhor solicitou o registro da empresa junto à Vigilância Sanitária?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Isso foi passado para um contador.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como é o nome do contador?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu não me recordo no momento.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não se recorda do nome do contador?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Da sua empresa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Era. Porque, como eu residia em Goiânia, essas coisas eu deixei que eles lá resolvessem, providenciassem, porque eu tinha meus outros afazeres em Goiânia, minha empresa é pequena e eu tinha que estar sempre por perto.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor foi quantas vezes a Campinas? Pouco, muito? No período...

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Pouco. Acredito que, de maio a dezembro, me parece, não tenho isso gravado na memória, mas acho que não ultrapassou 4 vezes, 3 a 4 vezes.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Só isso? E se eu lhe disser que há pessoas que dizem que lhe encontraram muitas vezes lá, mais de 10, em torno de 10?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não sei se eu conseguiria provar para a senhora, por intermédio de documentos, mas eu acredito que eu precisava dar uma pensada um pouco, para raciocinar, mas 10 vezes tenho certeza de que não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Onde se localizava essa empresa Lens Surgical em Campinas?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Parece, não sei se é bairro Santa Mônica ou rua Santa Mônica.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Rua Santa Mônica. Como eram as dependências do laboratório?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Era um galpão grande.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Um galpão?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Dentro do galpão tinha a parte física do laboratório, onde tinha lá os seus espaços de...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nesse galpão funcionava outra empresa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Funcionava, anteriormente, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual era?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Se eu não me engano, era H&J Cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que funcionava nesse galpão. O que produzia a H&J?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu acho que produzia cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A partir do momento em que foi para lá a Lens Surgical, para esse galpão...



O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Essa empresa ia sair de lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela ia sair. Ia. Mas saiu ou não saiu?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Até onde eu sei, saiu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí não produzia mais cosméticos? Aí, só começou a produção dos produtos oftalmológicos, certo?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Certo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Certo?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Certo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não havia uma produção concomitante de cosméticos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - De conhecimento meu, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De seu conhecimento, não?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - De que eu tivesse conhecimento, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De seu conhecimento, não?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - De que eu tivesse conhecimento, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, parou a produção de cosméticos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Que eu tivesse conhecimento, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Parou. O senhor conhece o Sr. Raimundo. O Sr. Raimundo o senhor já falou que conhece.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele trabalhava com a Sra. Gildenice na Lens Surgical?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, o Raimundo, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Trabalhava onde?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Ele trabalhava... Eu não sei se ele trabalhava fora. Onde eram as outras coisas dele eu não tenho conhecimento. Mas ele trabalhava, anteriormente, no prédio onde era para ser a Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que é a H&J. Que funcionava a H&J?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Isso, que funcionava a H&J.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele acabou de nos dizer, Sr. José Soares, que ele representa até hoje. Só parou... Representa até hoje os cosméticos produzidos pela H&J e que, no galpão, que era exatamente nesse galpão, onde está o endereço da Lens Surgical, que eram produzidos os cosméticos. O que o senhor diz disso, como proprietário da Lens Surgical?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - A Lens Surgical, se ele está até hoje lá, eu não tenho conhecimento disso. Mas, como eu disse no começo, quando eu tomei conhecimento que a empresa, nós teríamos dificuldade porque, de constituir empresa naquele local, eu pedi que a empresa fosse encerrada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Encerrada. Quando foi que a empresa foi encerrada?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - O pedido de encerramento da empresa foi feito no final do ano.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - No final do ano?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - No final do ano, mas só aconteceu isso bem depois, não sei explicar o porquê, porque eu não estava lá, mas foi feita essa...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando é que foi encerrada?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - O pedido do destrato da empresa?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O pedido não, quando ela foi encerrada?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Ela foi encerrada no final do ano, novembro para dezembro ela já não existia. Tiramos, desistimos da empresa, a baixa dela é que foi pedida depois.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando é que foi dada a baixa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - A baixa foi dada em 27 de março de 2003.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Agora, no ano de 2003, apesar de o pedido, o senhor falou, ter sido feito bem antes.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Bem antes.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Bem antes, quando? Em novembro?



O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Novembro, final de novembro, começo de dezembro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aí a empresa não funcionou mais, não produziu mais?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Do meu conhecimento, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Do seu conhecimento, não?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o seu nome estava lá na empresa ainda?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Até março deste ano.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu fui tomar conhecimento que só foi dada a entrada em março, agora, recente, a uns 40 dias atrás.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então o senhor afirma que a produção parou?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu afirmo. De meu conhecimento, sim. Se tivesse...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E no período em que ela funcionou, os senhores produziram, o senhor sabe dizer a quantidade de, pelo menos do gel Methyl Lens?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - A quantidade eu não sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quantos lotes?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu não tenho conhecimento do número de lotes, essas coisas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor não é o proprietário?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu era um sócio, que a minha parte seria atribuída à parte de venda.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor tem uma filha que estuda Farmácia?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, eu tenho uma filha formada em Farmácia e Bioquímica. Formou recentemente.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor acabou... O senhor nos disse há pouco que o senhor achava, pensava, que um técnico de nível médio em Bioquímica poderia ser o responsável técnico. O que o senhor diz se eu lhe disser que nós sabemos que o senhor pediu ao Sr. Fábio para que fosse o técnico responsável até que sua filha formasse, até que ela concluísse o curso de Farmácia?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, eu acho que, primeiro, a senhora está me falando que o Sr. Fábio, ele tem uma formação de nível médio. Quando eu fui, que a gente conversou, para mim ele era formado em nível superior. Eu não tinha esse conhecimento.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas então o senhor sabia que tinha que ser alguém com nível superior para ser responsável técnico. Isso o senhor sabia?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu achava, na minha concepção, sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor achava...

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Para mim, ele tinha o curso superior. Agora que eu estou...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... que ele tinha o curso superior. Mas ele lhe falou que tinha curso superior?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E como é que o senhor achava isso? Quem lhe falou que ele tinha curso superior?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Porque ele foi me apresentado como químico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Apresentado por quem?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Como químico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem lhe apresentou?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - O próprio pessoal de Campinas, a Sra. Gildenice e o Sr. Raimundo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Gildenice e Raimundo, lhe apresentaram como químico. E o senhor não perguntou nada dele?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Se era mesmo químico?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não questionou por que um químico e não um farmacêutico? E nunca disse a ele que ele só ficaria lá até a sua filha concluir o curso?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, também não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, quem disse isso faltou com a verdade?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, não. Espera aí, não estou dizendo que faltou com a verdade. Eu disse que eu tinha uma filha que fazia Farmácia e Bioquímica, na época, que se a empresa chegasse a... a gente conseguisse todos os êxitos que a gente tinha intenção, que eu poderia colocar a minha filha trabalhando lá, porque se eu estava entrando de sócio numa empresa e eu não estava perto, alguém tinha que estar lá para ser meus olhos, para me representar e ter alguém de minha confiança lá dentro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor tem uma filha que já formou em Farmácia?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Farmácia e Bioquímica.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na época era estudante. Ela nunca lhe disse que um químico não pode ser responsável por nada de produção de medicamentos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Que eu me lembro, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o senhor acha que nós acreditamos nisso, Sr. José Soares?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu posso falar para a senhora aquilo que eu sei, que eu tenho capacidade de...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabe por que nós estamos fazendo essas perguntas? O senhor sabe os problemas que esses medicamentos, que esse gel ocular tem causado em várias pessoas?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Pergunte se ele tem conhecimento.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor tem conhecimento disso, não é Seu José Soares?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Tenho conhecimento através da imprensa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na papelada que o senhor estava verificando da empresa Lens Surgical — que ela mudou de nome por sua sugestão —, que problemas que o senhor encontrou, que o senhor disse que eram vários problemas?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Primeiro, foi que uma das informações não era... o pessoal disse que naquela região não poderia ser constituído um laboratório.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O que mais?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Segundo, que a empresa que eu estava assumindo não tinha a documentação necessária para ser transferida para o meu nome.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito, o que mais?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Aí eu peguei e falei: eu não tenho, sou uma pessoa pobre, não sou rico, trabalho para sobreviver. Então eu não tinha capital para poder fazer a empresa funcionar com tempo hábil para que tivesse um retorno de investimento.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando o senhor comprou a Oftálmica Campinas, o senhor entrou de sócio, o senhor entrou de sócio também na H&J?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Cosméticos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não entrou?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabe me dizer o número da inscrição estadual da empresa Lens Surgical?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor não sabe dizer o número?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, porque até onde eu tenho informação e papel que chegou na minha mão, essa empresa não chegou a ser tirada o registro na instituição estadual.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o senhor se associa a uma empresa, assina a papelada, vê os problemas que tem com a documentação, e o senhor não sabia, achava que não tinha inscrição estadual?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Foi um dos motivos que, quando eu pedi, que se tivesse produzindo, que, para poder vender, precisava ter uma nota fiscal e, para você ter uma nota fiscal, você tem que ter inscrição estadual...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Para poder vender, não, porque os senhores venderam e venderam muito os produtos da Lens Surgical. Não foi isso?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu não sei até... a quantidade assim de muito.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas sabe que vendeu?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Sei que vendeu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quantidade não vai dizer aqui, porque não tem a precisão, não sabe precisar, mas vendeu. E na nota fiscal, que número de inscrição estadual era essa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Quando a gente... quando começamos a constituir empresa, a gente providenciou que fizessem umas embalagens. Foi feita a embalagem e o pessoal falou: *“Tem o produto pronto, mas não pode vender, porque não tem nota”*. Eu falei, então não venda. Não pode vender, não vende. Como é que faz? *“Ah, podemos vender, transferir o produto para a H&J”*. É o que foi feito, o produto foi transferido para a H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Um produto, um medicamento para uso ocular, usado em cirurgia, que não tinha registro nem nada, os senhores transferiram para a H&J?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - H&J, uma empresa que era...



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas a H&J não era de cosméticos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu achava que ela, além de ser de cosmético, ela poderia ser uma empresa comum que poderia comercializar.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu não sei a quem eu apelo. Primeiro, Sr. José Soares, o senhor tem que tratar com mais respeito os Parlamentares desta Casa, Sr. José Soares.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Desculpe, que eu estou tentando ser...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O senhor sabia, o senhor usava nessa empresa Lens Surgical o mesmo número da inscrição estadual da H&J. O senhor usava o mesmo nome. Os senhores, a produção, o gel ocular Methyl Lens Hypac ou Visc Lens Hypac, os senhores colocaram o nome de um responsável técnico não capacitado para isso, os senhores colocaram o produto no mercado usando o registro de uma outra empresa e de um outro produto, que era cosmético. O senhor sabe que isso é crime, que o senhor praticou um grave crime contra a saúde pública e que isso ocasionou, possivelmente, a cegueira em dezenas de pessoas, Sr. José Soares? O senhor, que atua na área de medicamentos, no ramo há 13 anos, o senhor tem a exata consciência do crime que o senhor vem praticando?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, não tinha.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não tinha. Tem uma filha que estuda Farmácia, já é formada, atua no ramo há 13 anos, e vem nos dizer que não tinha?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não acreditava. Eu não sei. Eu não tinha a noção de que...

O SR. DEPUTADO MARCOS ABRAMO - Ou acreditava que não seria punido.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, eu nunca pensei. Eu nunca pensei que eu estivesse cometendo um crime, um erro. Se trabalhei, eu trabalhei pensando em fazer uma coisa certa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Presidente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Está bom. Obrigado, eu queria fazer o seguinte apelo aos Deputados: a principal acusada aqui, a pessoa que é pivô de tudo é a Gildenice. Temos que interrogá-la hoje.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Não, mas ele é também é tão responsável quanto ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Está certo, é tão responsável quanto ela. Eu pediria que vocês abrissem mão. Ela fez um interrogatório perfeito, perfeito. Por favor, eu queria fazer uma ponderação — vocês decidam. Ela fez, eu acho, um interrogatório impecável. Eu, o senhor... me convenceu de que o senhor não é o inocente que posa aqui, o senhor é responsável também. Temos de chegar na Gildenice, mas ainda temos mais 2 pessoas antes dela para interrogar. Se formos no mesmo ritmo, não vamos fazer hoje. Então, eu pediria aos Deputados que abrissem mão de interrogar...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Tem V.Exa. a palavra.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Veja bem, a participação, eu não sei se nós não teríamos como fazer, porque a participação do Sr. José Soares é grande. Primeiro, que ele foi já à Vigilância Sanitária de Campinas.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Eu não sei por que também.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O produto foi interditado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, o senhor sabe disso, não sabe?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E os senhores continuaram a produzir depois disso. Depois de a Vigilância Sanitária ter interditado.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não tenho conhecimento. Eu acredito que não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Onde era feita a esterilização dos produtos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - O conhecimento que eu tenho é que ele é feito na ACECIL.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na ACECIL. O senhor sabe que até o período de 11 de abril deste ano de 2003 os produtos lá da sua empresa, Lens Surgical, eram enviados ainda para a esterilização, depois de a ANVISA já ter interditado o produto, por causar sérios e irreversíveis danos à saúde de várias pessoas?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu tomei conhecimento disso depois.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vamos passar a outro? Vamos? Obrigado, Sr. José Soares. Obrigado, Deputada Vanessa pelo brilhante interrogatório.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sr. Presidente, eu concordo com V.Exa. Eu queria só deixar registrado uma coisa aqui. Eu concordo com a Deputada Vanessa que tão grave quanto as pessoas que estão cometendo esse crime, tem uma parcela muito importante, que depois nós vamos abrir mão, porque nós iremos concluir o raciocínio de hoje. Mas eu acho que nós devemos depois voltar, ou até deixar para o final esse processo, porque trata-se aqui do processo de distribuição, uma coisa totalmente regulamentada, com coisas exigidas para que possa ser comercializado. E nós precisamos entender até se o Brasil está ou não está tomando cuidado com as empresas que estão comercializando e que venderam para grandes hospitais neste País. Então, eu gostaria que invertêssemos a pauta em vez de suspender aqui o depoimento do Sr. José Soares. Nós invertemos, vamos seguir o raciocínio, como V.Exa. propõe, mas depois aqueles que puderem voltam para poder continuar o depoimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Perfeito. O senhor fica à disposição da Comissão, vai ficar numa sala reservada, sem poder se comunicar com os outros e a qualquer momento pode voltar para cá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, como já lhe avisei, às 5 para as 4 tenho que sair. Como eu não vou poder fazer perguntas, é uma dúvida só: se ele pode informar o que é MC Mura. Só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O quê?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - MC Mura. E Mediphacos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Companheiro, por favor, fica lá, depois você fala com a Deputada, por favor.



O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Por favor, repete a pergunta.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu vou repetir: o senhor sabe o que quer dizer MC Mura?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, senhora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não conhece essa empresa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não conhece a empresa? Em nenhum momento a D. Gildenice falou com o senhor sobre a empresa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E, como é o nome da outra, Vanessa?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mediphacos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a Mediphacos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - A Mediphacos é uma empresa fabricante de lentes intra-oculares, que também vende produtos oftálmicos, na qual eu trabalho com ela também em Goiânia, representando as lentes intra-oculares que ela fabrica.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é o proprietário?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Sr. Marcelo Soares e Emyr Soares.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - São parentes, os Soares?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não, não temos parentesco nenhum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor sabe me dizer se essa empresa tem toda a documentação, direitinho?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu acho que tem toda a documentação.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor já verificou isso?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Verifiquei. Pelo menos eu, nos produtos que eu trabalho...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quer dizer o senhor verifica da empresa que o senhor compra, mas o senhor não verifica da sua própria empresa, é isso?



O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - É uma coisa que eu deixei na mão de pessoas para que fizessem o devido encaminhamento da...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só para constar: então o senhor verificou na empresa Mediphacos se ela tinha registro etc.?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - A Mediphacos, eu trabalho com ela há 13 anos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, aí o senhor verificou se ela tinha registro no Ministério da Saúde, se ela tinha todos os registros necessários. E trabalhou com ela. Agora, o senhor não fez o mesmo quanto à sua empresa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu deixei...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - ... na produção do methyl.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu deixei isso na mão para que se providenciasse uma documentação adequada.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E o senhor vende produtos para a Mediphacos?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Vendo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só complementando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O senhor respondeu ao Dr. Júlio Semeghini, Deputado?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele confirmou. Só, na medida em que sua filha ia trabalhar com o senhor, que é natural, farmacêutica, na época quase farmacêutica, o senhor disse que mudou o nome da empresa porque o senhor entrou, não foi o que o senhor disse?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quer dizer que o senhor tinha uma ingerência importante, porque mudou até o nome da empresa?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Mas isso foi colocado num consenso com outras pessoas, sugerido, colocado o nome e foi aceito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor falou no Fábio de uma maneira muito rápida, mas o Fábio não era o seu sócio?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - O Fábio era, quando surgiu a idéia de formar a empresa, o Fábio era o sócio.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Fábio era o sócio.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - E esse nome de Lens Surgical também teve a participação, teve o consenso dele. Não lembro se esse nome foi dado por mim ou se foi dado por outra pessoa, foi colocado...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De qualquer jeito, quando se montou a empresa, todo mundo sabia de tudo? É isso? Todo mundo estava acordando montar aquela empresa com nome de Lens?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Para montar com nome de Lens.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Inclusive o Fábio estava lá, a Gildenice, todo mundo, o Raimundo, estava todo mundo na reunião.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - O Raimundo estava, mas não como...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas estava na reunião da montagem?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Como um amigo que estava se reunindo e trocou idéia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Obrigada, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigada. Pois não, Deputada Vanessa Grazziotin.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sr. Presidente, precisava fazer uma intervenção rapidinho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não, Deputado Josias Quintal.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - A Deputada abre mão para mim, por favor?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Claro.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Veja bem, Sr. José Soares, a questão é a seguinte: pessoas foram vitimadas por conta de uma fabricação criminosa e irresponsável, conduta irresponsável de pessoas — criminosa mesmo — e pessoas foram lesionadas gravemente. Uma tragédia. Tragédias foram levadas a famílias. E hoje os personagens de toda essa história estão aqui se apresentando, cada qual com a sua versão, uma postura de muita ingenuidade e de muito desconhecimento, essa coisa toda. Então, quer dizer, num certo momento, a



fabricação desses medicamentos ficou na mão dessas pessoas. Eu acho que isso tem que ter uma resposta e cabe a nós dar essa resposta. É a resposta mais dura possível. Vou apenas repetir uma pergunta para deixar bem caracterizada a sua participação nesse episódio, a sua responsabilidade. O senhor adquiriu o laboratório Methyl Lens, adquiriu esse laboratório, essa empresa, essa firma?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - De certa forma, sim.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - De certa forma, como? Adquiriu ou não adquiriu?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Porque você, quando adquire uma coisa, você compra e paga.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - O senhor comprou? Pagou? O senhor comprou?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu não comprei. A minha participação nessa sociedade foi apenas com algumas coisas que faltaram para botar o laboratório em funcionamento.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sim, mas ainda que... foi um contrato verbal, foi uma compra verbal? Em que época se deu isso?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Em maio de 2002.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Maio de 2002. A partir de maio de 2002, esse laboratório continuou fabricando o colírio?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Não. Essa fabricação veio depois.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Então, durante a sua gestão, não houve fabricação desse colírio?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Houve fabricação, mas a gente não assumiu a empresa e, no dia seguinte, começou a fabricar.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - A fabricação já vinha sendo feita?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Eu acredito que não.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Apenas...

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Isso eu não tenho conhecimento, anteriormente, eu não tenho conhecimento.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Não, anteriormente já fabricava. A partir do momento em que o senhor, ainda que verbalmente, tenha adquirido a



empresa e, logicamente, adquiriu também, passou a ter uma responsabilidade sobre a empresa.

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Certo.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Isso se depreende do depoimento que o senhor prestou aqui. Embora alegue desconhecimento sobre a questão da legalização da firma, essas coisas estranhas — muito estranhas, por sinal —, mas o senhor passou a gerenciar, a gerir essa empresa. Então, nesse tempo em que o senhor foi o gestor da empresa, o sócio gestor da empresa, houve fabricação de colírio?

O SR. JOSÉ SOARES DA SILVA - Houve.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Houve fabricação. Então, isso para mim é suficiente, Sr. Presidente, para requerer a V.Exa. também que seja efetuada a prisão cautelar do Sr. José Soares da Silva.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não, Deputado Josias Quintal, posso fazer o requerimento. Vamos usar o mesmo processo e, no final ,vamos decidir aqui com todos os Deputados juntos. Obrigado pela sua presença, por favor o senhor vai para um lugar reservado, onde já estão pessoas que já foram ouvidas. Peço que o senhor não se comunique com eles, está bom? Muito obrigado. Convoco, agora, o depoente Marcelo Francisco Pessoa Soares.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - D. Gildenice, Sr. Presidente, pela ordem. Vamos ouvir a Gildenice logo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Sr. Marcelo, não vamos lhe ouvir agora, viu? Vamos ouvir a Gildenice. Eu convido todos os Deputados que estão nos seus gabinetes, que estão no plenário. Por favor convoque todos os Deputados. Estamos fazendo um depoimento muito importante, uma das pessoas mais envolvidas agora é a Gildenice, vai ser ouvida agora. Eu convido todos os Deputados que venham ao plenário, que venham à Comissão, à CPI da Pirataria. Estamos ouvindo pessoas acusadas de terem fraudado, de terem falsificado remédios na cidade de Campinas, esses remédios levaram à cegueira algumas pessoas. Então, a Gildenice está chegando. Vamos fazer a mesma coisa: A Relatora vai perguntar e, depois, os Deputados inscritos. Vamos facilitar o trabalho de todos os Deputados. Agradecemos a presença da Deputada Laura Carneiro, que



nos auxiliou bastante. Estamos esperando a Sra. Gildenice, por favor. Foram buscar a Sra. Gildenice.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Sr. Presidente, até para corroborar, o depoimento desse Sr. Marcelo é de fundamental importância. O da Gildenice é o depoimento mais esperado dessa tarde, mas o do Marcelo também é importante. E se tiver que pedir prisão cautelar para o Sr. Marcelo, vai ser pedido, também, naturalmente que isso tem de ser deferido pela CPI, pelos companheiros.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Muito bem, vamos ouvir o Sr. Marcelo depois da Sra. Gildenice, que é o depoimento mais importante.

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Sr. Presidente, essa Mediphacos estava distribuindo medicamentos sem a autorização da ANVISA, esse Sr. Marcelo que veio aqui. O depoimento dele é importante. E se tiver que pedir prisão cautelar, vai ser pedido para o Sr. Marcelo também, vai todo o mundo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, a Sra. Gildenice. Não, não, depois. Um momentinho que eu já vou dar oportunidade a você, só um momento. Só um momento, que ela já começou oficialmente. Srs. Deputados, o Fábio, o primeiro a prestar depoimento, comunica novamente que quer abrir o coração. Espero que ele já tenha aberto o coração, pedi que ele falasse só a verdade. Mas ele não quer abrir de uma maneira pública aqui na frente dos laboratórios. Então, eu estou nomeando os dois — cadê a sugestão? — Deputados Marcos Abramo e Deputado Julio Semeghini, são nomeados para ouvir o Fábio LUÍS da Silva, tudo bem? Todo mundo de acordo?

O SR. DEPUTADO BISPO WANDERVAL - Tudo bem, é importante, até porque o Deputado Marcos Abramo é pastor e, sendo pastor, ele vai ter todas as condições para confessar os seus pecados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Está bom, por favor. Então, está aqui a Sra. Gildenice Mendes de Oliveira. Eu pediria — ligue o som, por favor — à Sra. Gildenice Mendes de Oliveira que se apresentasse, dissesse o seu nome, sua idade, em que trabalha, o que faz, e depois passamos à Relatora e, oportunamente, ao seu advogado. Por favor, a senhora ligue o som. Pode falar.



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Sou Gildenice Mendes de Oliveira, sou comerciante, tenho 35 anos. Só isso? O que vocês querem que eu fale?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Queria dizer o seguinte para a senhora: a senhora tem o direito até de se calar para não... se achar que a resposta lhe envolve. O único direito que a senhora não tem, na Câmara dos Deputados, é de mentir. Então, peço que a senhora fale a verdade, somente a verdade. Mentira aqui é um fato muito grave.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O propósito que eu estou aqui é de falar só a verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Não me interrompa, por gentileza.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Desculpa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Mentira aqui é um fato muito grave. Para a senhora ter idéia, um Deputado, quando responde a um processo, se ele mentir, ele pode se considerar cassado. Então, espero que a senhora fale a verdade, somente a verdade, não minta. Por favor, Deputada Vanessa Grazziotin, que é a Relatora, pode fazer suas perguntas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sra. Gildenice, a senhora sabe a razão que lhe traz aqui a CPI, não?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual é a razão?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A razão é por eu não ter o registro dos produtos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Registro de quais produtos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Da Methyl, do colírio Lens Hypac.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Methyl Lens Hypac. E qual outro?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quais os outros?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Só esse daí. Que eu saiba, é só esse.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o Visc Lens Hypac?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Visc Lens? Desconheço. Visc Lens, desconheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sra. Gildenice, a senhora não gostaria, antes que nós fizéssemos alguns questionamentos, de falar um pouco dessa história toda para os Srs. Deputados?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tudo bem.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então pode iniciar.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Desde quando começou tudo?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Toda a história.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Toda a história?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora é farmacêutica?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, meu marido, sim. Começou... meu marido trabalhava numa multinacional, isso...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual multinacional?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Allergan.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Allergan?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Allergan.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pediria silêncio, por gentileza. Silêncio, por gentileza, no plenário.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - E ele saiu dessa empresa e a gente começou a desenvolver — ele — essa fórmula do colírio. Aí foi quando se teve a idéia de estar abrindo uma empresa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Desculpe. Pediria às pessoas que estão falando, com todo o carinho, os Deputados que estão falando aqui, que fizessem silêncio, celular, tudo, que fizessem silêncio, por favor. Pode continuar.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, aí foi montada uma empresa, uma sociedade. Hoje, não me lembro o nome, faz muitos anos, mas hoje



seria Oftalmopharma, mas a gente não tem ligação nenhuma com essa empresa hoje. Começou assim: uma sociedade com Acacio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Senhora, por favor, desculpe lhe interromper, procure dizer o nome completo das pessoas. Acacio de quê?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não sei. Não sei. Abrimos uma farmácia de manipulação e nessa farmácia de manipulação só fazíamos manipulação mesmo, remédios via receita, a gente entregava... Foi quando apareceu uma oportunidade, uma um laboratório que tinha um MS. A gente achando que esse MS serviria...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O que é um MS?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - MS é o registro dos produtos. A empresa H&J, quando o Cláudio comprou... porque nós crescemos (*ininteligível*), não compramos a empresa, compramos o MS, achando que serviria para os produtos oftalmológicos?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando custa um MS?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, na época, pagamos em cerca de... se for falar em valores... acho que 100, 60, 100 mil reais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Cem mil reais custa um MS?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então os senhores compraram ...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Só que um MS da empresa. Nós achamos...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - H&J?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - H&J. Achando que isso daí serviria para os produtos de oftalmologia. Quer dizer, a gente comprou pensando nisso daí. Começamos a fabricar na H&J. Tive um probleminha com um sócio, logo em seguida meu marido faleceu. Então tinha, assim, muita dívida, muita coisa. Então eu, D. de casa, de repente me vi com um monte de coisas. Então, o que eu fiz? Vou dar andamento. Só que o sócio não cooperou comigo. Comprei a parte dele e minha sobrinha entrou no lugar dele.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Pagou quanto?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual era o nome do sócio?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Era Eric Zaqueto(?), alguma coisa assim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sócio em qual empresa ?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sócio em qual empresa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Na H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - H&J. Pagou quanto a ele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Na época, acho que foi valores poucos, 20 mil reais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Vinte mil reais.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Porque ele trabalhava e foi logo no começo. Aí ele saiu e entrou a minha sobrinha. A gente tentando salvar a empresa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Como era o nome da sobrinha?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Mônica Silva de Oliveira.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mônica.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso. E mais uma vez a gente tentou levantar para deixar a empresa em pé para não estar pagando dívida, para estar pagando os funcionários e até então achando que eu estava certa, porque tendo o MS , então achei que estava correto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O MS era da H&J.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Da H&J, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O registro era da H&J ... a H&J produzia também medicamentos oftalmológicos...?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Só oftalmologia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A H&J produzia isso também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela produzia medicamentos oftálmicos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. A H&J era cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era cosméticos.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Cosméticos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí vocês acharam... o seu marido, que era farmacêutico, achava que aquele MS servia ...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Servia para estar... Aí foi quando a gente decidiu separar... montamos outra empresa oftálmica para estar fazendo oftalmologia, mas usando o mesmo MS, achando que poderia ser usado novamente. Aí foi quando houve também um desacordo na sociedade, saí, montei a For Eyes. For Eyes ficou pouco tempo, acho que nem 4, 5 meses.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E qual o MS da For Eyes? Qual era o MS da For Eyes?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - É... continua acho que o da H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O mesmo da H&J?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O mesmo, né? Mas isso foi em pouco tempo, porque a gente estava tentando regularizar a empresa, tanto que tem lá em Hortolândia. Nós tentamos, só que aí houve um desacordo entre eu e meu sócio, né, aí eu pedi a dissolução da empresa e saí da sociedade. Montamos a Lens Surgical. Foi quando pedi para o Zé Roberto, porque eu não poderia estar montando uma outra empresa, né, porque eu tinha um contrato durante 3 anos. Aí foi quando eu pedi para o Zé Roberto, um amigo, se ele poderia estar no nome dele. Ele falou que tudo bem, e aconteceu tudo isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mais alguma coisa ou podemos fazer logo as perguntas?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Pode fazer.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Bom, se nós entendemos bem, de forma bem didática, Sra. Gildenice, o seu esposo tinha uma sociedade com o Sr. Acacio...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ... numa farmácia de manipulação chamada Oftalmopharma.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não era Oftalmopharma. Era um outro nome. Oftalmopharma hoje não tem nada a ver com relação a gente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Hoje por acaso essa Oftalmopharma pertence a MC Mura, alguma coisa assim?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, eu acho que sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora acha, não tem certeza.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não tenho certeza, mas acho que sim. Eu não conheço, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora já adquiriu produtos da MC Mura?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Já. Às vezes, na farmácia de manipulação. Então tinha aqueles casos: pacientes que vinham até a farmácia com receita e se eu não tinha colírio na hora, entendeu? Então aqueles pacientes vinham da UNICAMP, não tinham dinheiro para pagar a condução, então eu pedia para o motorista para estar ir buscando porque, às vezes, eu não tinha. Porque colírio tem que ser feito na hora. Então eu não tinha, ia buscar e passar...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Iam buscar aonde?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Na farmácia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Na MC Mura.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso. Isso foi...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando seu esposo... então... tinha essa sociedade dessa Oftalmopharma, aí o seu esposo separou a sociedade e montou uma farmácia chamada CR Torres.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso, CR Torres. CR Torres, individual.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Lá ele manipulava?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, manipulava...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Manipulava medicamentos, colírios, produtos oftalmológicos...



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso... não... manipulava normal como faz manipulação.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, fazia manipulação como fazia manipulação nessa CR Torres.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Baseado em oftalmologia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então o seu marido adquiriu, comprou uma empresa chamada H&J que a senhora disse que o interesse não era na empresa em si, e, sim, no MS. Mas não sabíamos aqui, eu, pelo menos, como farmacêutica não sabia que se comercializava MS, mas o seu marido comprou uma empresa como um táxi. As pessoas compram o carro, mas o que querem é placa ...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, a senhora nos diz que ele comprou pensando no MS.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, porque a empresa ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Explica o que é MS.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Registro junto ao Ministério da Saúde.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ela já existia, já tinha o MS, então o que a gente crescia os olhos. Já tem tudo, então era... a gente achou que seria mais fácil.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, perfeito. Entendemos. Foi exatamente assim que nós entendemos. Em seguida, essa CR Torres, a senhora mudou, ou o seu marido — não sei se ainda vivia à época —, mudou a razão social para Oftalmica Campinas?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí foi quando a senhora chamou esse Roberto para ser sócio?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, o Zé Roberto foi na Lens, na Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quem ficou o proprietário formal, legal, dessa empresa Oftalmica Campinas, a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oftalmica Campinas, sou eu.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora, tinha o seu nome lá?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, olha, eu não me lembro, não me lembro.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não era, por acaso, o Walfrido o proprietário legal?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O Walfrido e a Lourdes, a esposa dele.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Lourdes numa outra oftálmica, e o Walfrido...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eram duas oftálmicas?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí o Walfrido deu o nome a uma, e a esposa dele, Sra. Fátima, deu nome à outra?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A seu pedido?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A meu pedido.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a pedido do Raimundo também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - É, porque a gente...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A pedido do Raimundo também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Porque a gente era conhecidos, amigos. Então, eles estavam vendo a situação que eu estava passando, né? Então, foi a título de um favor que eles fizeram para mim, achando que não tinha nada demais.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas por que a senhora não colocou no seu nome a empresa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Porque, na época, eu estava com problema com o meu nome, por isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que problema?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Com bancos. A gente estava tentando levantar, a gente estava com dívida na empresa, porque eu comprei a H&J, ficou dívida para eu pagar, tinha funcionários da CR Torres que eu tinha que pagar, então, achando que eu, fazendo isso, eu ia estar conseguindo regularizar a empresa, porque a intenção era regularizar a empresa, só que, infelizmente, se abria uma, tentava outra, e não consegui.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aí a Oftalmica Campinas, a senhora transformou essa empresa, mudou a razão social novamente?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Para Lens Surgical?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Lens Surgical.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quem passou a ser o proprietário dessa empresa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Quem passou a ser foi o Fábio, a gente deu uma porcentagem para ele, e o Soares.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu José Soares?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso, Seu José Soares.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas a senhora, como tinha problemas com o seu nome, a senhora colocou outros, que é o José Roberto?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Aí foi quando o Fábio, ele, no começo, a gente achou a idéia interessante e falou: vamos regularizar tudo. Aí o Fábio decidiu, saiu. Aí foi quando eu pedi para o Zé Roberto se ele poderia estar fazendo esse favor para mim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aí, em seguida, a senhora criou também a For Eyes, que a senhora já falou aqui?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a For Eyes foi antes da Lens.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, já criou. Então, a senhora produzia produtos oftalmológicos através de várias empresas...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Justamente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ...para a gente entender, usando o MS da H&J?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Deixa eu explicar direitinho. A Oftalmica, quando a gente eliminou a Oftalmica, foi o seguinte, quando eu pedi para o Walfrido, né, fazer isso, porque a empresa que a gente iria montar, a gente estava tentando montar uma empresa nova, tudo direitinho, em Hortolândia, então, que eu tive que sair, entrou o Walfrido. Aí eu vendi 60% da empresa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Vendeu para quem?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Para o Decio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Para o Decio, da For Eyes?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso, da For Eyes. Então, foi aberta uma nova empresa, bonitinha, tudo, tanto que está lá em Hortolândia, a gente deu andamento na vigilância sanitária, estava tudo correndo, quer dizer, faltava pouco para gente ter o registro, entendeu? Só que aí houve uma desavença.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E aí, enquanto os senhores não pegaram o novo registro da For Eyes, os senhores usavam o registro da H&J, de uma empresa de cosméticos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Da H&J, isso, porque...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, vamos desde a CR Torres até a For Eyes, até a Lens Surgical. A senhora pode nos dizer a quantidade de gel para cirurgias que os senhores produziram?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A quantidade, não tenho.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Aproximada?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não tenho.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era muita coisa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não era muita. Não era muita coisa.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E como que a senhora vendia esse seu produto e quem vendia? A senhora que trabalhava na venda?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tinha distribuidores.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Os distribuidores. Com que distribuidores a senhora trabalhava?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Desde essa época? A CR Torres era uma farmácia de manipulação.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A gente não fabricava oftalmologia, só com receita ali na hora. Agora, a Oftalmica...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ah, só com receita na hora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Só com receita.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, a senhora nunca vendeu para o Seu José Soares?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Agora, quando teve a Oftalmica, aí a gente começou a fabricar o produto, foi quando a gente comprou a H&J que a gente começou a fabricar os produtos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas como é que a senhora conhecia o Sr. José Soares?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, o Sr. José Soares eu conheci agora, tem...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E o seu marido, conhecia ele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Conhecia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Vendia produto para ele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Vendia para ele.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas não era só oficial, só para o paciente direto?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a gente fez a sociedade tem, acho que um ano e meio, mais ou menos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas, antes disso, os senhores não vendiam o produto para o Seu José Soares?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Já vendia.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Já vendia. Então, não é bem assim como a senhora disse, que antes era só para paciente...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não, eu estou falando assim, na farmácia, estou falando na CR Torres. CR Torres só era uma farmácia de manipulação, entendeu? Era H&J, era um laboratório, e a gente usava o MS, entendeu? Foi quando foi feita a Oftalmica Campinas. Aí nós começamos a produzir produtos oftalmológicos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quanto tempo, mais ou menos, que tem a Oftalmica Campinas, uns 6 anos, 5 anos, mais?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não tenho o número certo, uns 4, 3.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, a senhora vendia através do Sr. José Soares, vendia para ele, e ele vendia também o produto?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Vendia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele vendia? Para quem ele vendia, a senhora sabe?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu não... Era distribuidor, eu passava para ele, ele passava o produto para frente.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora vendia para a Mediphacos também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, Mediphacos era um distribuidor do Soares.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ah, então, a relação da Mediphacos com a Lens Surgical era através do Sr. José Soares?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Era através do Soares, não comigo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não com a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não comigo.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O seu marido era farmacêutico?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Farmacêutico.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quando ele tinha farmácia, ele era o responsável técnico pela farmácia?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Provavelmente, quando nasceu a Oftalmica Campinas, ele era também o responsável técnico?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ele era o responsável. Olha, agora, o tempo, na época que ele ficou doente, ele contratou uma farmacêutica. Aí ele saiu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quando ele faleceu, quem ficou responsável?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Quando ele faleceu, tinha uma farmacêutica, né, depois a gente teve problemas financeiros, foi quando foi vendida a empresa CR Torres, tanto que está aí...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas, antes de ser vendida e depois do falecimento dele, quem era o responsável por essa produção? Porque a senhora continuou produzindo, a senhora continuou produzindo. Quem era o responsável?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Quem produzia era o Fábio, né, não tinha farmacêutico responsável na parte de oftalmologia.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas o Fábio era farmacêutico?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, químico.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E por que a senhora dava para ele a responsabilidade técnica, se ele não tinha o poder de ter essa responsabilidade?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Porque aí eu achava que podia, né?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora usava um registro do Ministério da Saúde para produzir os seus medicamentos de uma empresa chamada H&J, é isso?

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Só para um esclarecimento.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora usava um registro... Qual era o número do registro que a senhora colocava na embalagem do produto, que número era esse, era da H&J também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Era da H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De que produto da H&J?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Do colírio, do Methyl.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, H&J é uma empresa de cosméticos.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Para nós todos está claro que a senhora usava o registro do Ministério da Saúde...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu usava, porque até... Olha, teve uma época que foi até procurada uma pessoa de São Paulo para estar fazendo uma planta, adequando o laboratório...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não. O que foi feito depois?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Só para deixar claro. E, na época, foi dito que poderiam ser feitos cosméticos e oftalmologia junto, só que separado. Ele fez a planta, chegou na vigilância, barrou. Falou que não poderia ser feito assim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não, não é isso, Sra. Gildenice. Eu estou lhe perguntando o seguinte: a senhora já nos falou, repetiu várias vezes, nós já sabemos, a senhora usava o registro de uma empresa chamada H&J...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu usava porque eu achava que poderia ser usado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ...para os medicamentos oftalmológicos, certo? Esse era o registro da empresa. E o registro do produto Methyl Lens, qual era o número que a senhora usava?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não tínhamos. Não tínhamos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas, na caixinha, vinha lá um escrito.



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, mas vinha da empresa, que eu achava que poderia ser usado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Também era da H&J, era de um produto da H&J?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Da H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era o registro de um gel, de um xampu, de que era?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, era da empresa H&J, era para cosméticos, né? O MS era para cosméticos, só que eu achava que eu poderia estar usando para oftalmologia também.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Seu marido era farmacêutico, e a senhora achava isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - E ele achava isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ele achava isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ele achava, porque... E ele achava, tanto que nós compramos... Quando a gente comprou isso daí, compramos com convicção de que poderia ser usado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu sou farmacêutica, Sra. Gildenice.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu sei.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Nenhum farmacêutico acha isso, nenhum farmacêutico. Ele trabalhou quantos anos na Allergan, que a senhora falou, uma multinacional?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Trabalhou muitos anos, muitos anos.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a senhora ainda acha que ele achava isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tanto que ele comprou.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Por que a senhora não opta, Sra. Gildenice, por falar a verdade...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, mas eu estou falando a verdade.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ...falar a verdade diante dos Parlamentares?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu estou falando a verdade, estou falando aquilo que eu ouvi.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem era que esterilizava o produto de vocês?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - ACECIL.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - ACECIL?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - ACECIL.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ela que esterilizava?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ela que esterilizava.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E vocês faziam o pedido através de que empresa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a gente mandava direto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, mas quem manda não é a Sra. Gildenice, é a empresa tal que está pedindo esterilização, não é isso, que requisita o serviço?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Quando era a Oftalmica, era a Oftalmica; quando, agora, era a Lens, era a Lens.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era a H&J.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Era a H&J.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eram várias.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Dependendo do momento, vocês mandavam...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não era dependendo do momento. Tinha, às vezes, tinha já ficha lá pronta, então, a gente mandava o produto.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, e nos interessa também saber, Sra. Gildenice, onde esses produtos... para quem eles eram vendidos. São produtos hospitalares, usados em cirurgias, portanto, no geral, os clientes da Lens Surgical eram ou hospitais ou clínicas, correto?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu acho que sim.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sobre isso a senhora pode falar ou a senhora acha que o Sr. José Soares é mais...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eu acho que ele é mais indicado na parte...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Para falar. Era ele que era responsável por essa parte da colocação. A sua parte era mais a produção?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Mais a produção.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Cujo responsável técnico era...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Era o Fábio.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Era o Fábio, um técnico em bioquímica. E o MS que a senhora comprou, como se vai na esquina e se compra um táxi; a senhora comprou uma empresa só por causa do MS, não é? Sr. Presidente, só gostaria de deixar isso bem registrado... Enfim, eu acho que, posteriormente, posso voltar a fazer questionamentos, mais para os nossos colegas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputada Vanessa Grazziotin. Passo a palavra ao Deputado Josias Quintal. Estava inscrita a Deputada Laura, mas ela saiu.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sra. Gildenice, nós analisamos seu depoimento e os das demais pessoas que antecederam a senhora. E, diante de farta comprovação documental, nós verificamos uma sucessão enorme de firmas que passaram por vocês, o que deixa uma certa suspeição sobre a efetividade do trabalho que vocês se dispunham a fazer. Quer dizer, firmas com doação efêmera, com uma instabilidade organizacional e financeira enorme — vamos dizer, numa comparação, mal comparando, firma de fundo de quintal — e que se destinavam à produção de medicamentos, de colírios para serem usados em cirurgias de catarata. Bem, nós verificamos também que a senhora, esposa de um químico, um farmacêutico, que conhecia profundamente essa questão, que adquiriu uma firma porque ela tinha o MS e aproveitou aquilo para negociar um colírio... Quer dizer, esse MS se destinava a um creme, a um cosmético; quer dizer, a cobertura que fazia era para aquele cosmético. E vocês compraram essa firma e procuraram usar



essa cobertura legal para vender também um colírio. A senhora tinha conhecimento disso, desse ato ilegal? Sabia o que estava fazendo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha... abri as empresas... foi a dificuldade que me levou a fazer tudo isso. Então, abria, assim, uma empresa — ela nem funcionava, às vezes — para estar levantando crédito ou alguma coisa para estar salvando uma empresa, para estar...

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Bem, a senhora se preocupou, durante todo o processo, com a sua questão financeira, com o lucro, em salvar empresa...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não foi com minha situação financeira, e, sim, nas dívidas que existiam... Então, eu pensava em acertar e pagar tudo isso; a minha preocupação era essa.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sim, e com relação ao produto que vocês faziam, o produto que vocês faziam, que era destinado a aplicação em cirurgias de catarata, quer dizer, em cirurgias delicadíssimas... Então, a senhora, em momento algum, se preocupou com isso, com a possibilidade de um risco à saúde de terceiros...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Mas sempre me preocupei com a qualidade... Pode até aparentar, não é... não sei... estão falando em medicamentos falsificados, essa coisa toda, mas sempre usamos coisas... tudo que usamos, foi tudo de qualidade, foi feito em salas estéreis, entendeu? Foi tudo feito da melhor maneira, porque a nossa preocupação sempre foi o paciente, em primeiro lugar, sempre.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - A que a senhora atribui, então, a constatação de que o produto fabricado por vocês veio a ser contaminado por uma bactéria que causou todos aqueles males?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu desconheço isso; eu desconheço, porque até agora, também, não foi confirmado nada.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - A senhora desconhece laudos realizados...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, tenho laudos, não é... mas um laudo confirmando que o produto está estéril; então, não sei...



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, tem laudo confirmando a presença de bactéria no produto produzido por vocês; um laudo efetuado em razão...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, esse laudo, eu desconheço, porque não chegou a minhas mãos.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Bem, nos depoimentos prestados no Rio de Janeiro, nós tivemos essa informação. E essa prova deve estar sendo feita, juntada aqui aos autos da Comissão.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - É. Não chegou às minhas mãos isso aí.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Bem, mas a senhora fabricava um produto oftalmológico e a sua empresa era ilegal, estava ilegal diante da...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Da Vigilância.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - ... da Vigilância. A senhora sabia disso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Sabia.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Está bem. Então em razão dessa sua confirmação e de outras informações contidas no processo, eu quero, também, requerer, sendo bastante breve, ao Presidente que seja solicitada a sua prisão cautelar, também, a exemplo do que fizemos com as pessoas envolvidas, do mesmo modo que a senhora. Então, eu encerro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputado Josias Quintal. O seu pedido deve ser formulado por escrito, de acordo com o Regimento. E nós vamos, também, apreciar no final dos depoimentos. Está inscrito, agora, o Deputado Julio Semeghini.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sr. Presidente, eu quero aqui começar a discutir alguns pontos que para mim são fundamentais. Eu gostaria de esclarecer aqui: por várias vezes, a Relatora colocou sobre a autorização do Ministério da Justiça de fabricar cosméticos, não é? Eu não sou um especialista, deveria ter estudado um pouco mais, devo confessar a V.Exa., mas são tantas informações aqui que eu quero entender o seguinte: primeiro, quando foi exatamente que houve a compra do seu marido, Sra. Gildenice, por favor, eu



gostaria que a senhora pudesse prestar atenção aqui, eu estou falando com a senhora, D. Gildenice.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Está. Eu estou vendo aqui.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora está vendo o quê? A senhora não tem que conversar com as pessoas lá no fundo. Nós gostaríamos de ressaltar que as informações devem estar sendo orientadas, quando permitido, pelo seu advogado. Então, se há alguma acontecendo nesta Casa, eu peço que os assessores prestem atenção no fundo desta Casa, porque deve estar tendo alguma informação para a senhora prestar tanta atenção lá atrás. Eu gostaria...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não. Desculpa. Eu estava te procurando, foi só uma distração.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora estava-me procurando. Desculpe-me, então.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Pois não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu gostaria, então, de ser bem objetivo. Gostaria de perguntar a senhora inicialmente quando foi exatamente que houve a compra da empresa pelo seu marido da H&J, onde foi pago, onde tinha o interesse... A senhora não se lembra?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Mais ou menos? Não me lembro. Agora, assim, exato, não tenho dado...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Nem tem uma noção.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Agora, não posso...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está bem. O seu marido, quando comprou, comprou naquele momento para fabricar o quê? Foi quando ele começou a fabricação de cosméticos, havia um plano, vocês tinham uma farmácia, o seu marido já tinha uma farmácia...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tínhamos uma farmácia.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - ... e quis entrar em um novo mercado, quer era o mercado de cosmético.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Por isso ele foi e comprou aquela empresa.



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E essa empresa tinha uma licença que, na verdade, era para fabricar cosméticos, na verdade.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Cosméticos.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Muito bem. A senhora disse que não sabia... O seu marido nunca tinha dito se podia ou não fabricar ainda a parte de produtos oftalmológicos, na verdade, com essa autorização no Ministério da Saúde.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, ele achava, até então, que poderia estar fabricando. Poderia usar o mesmo...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está certo. Nesse momento vocês abriram uma nova empresa, logo em seguida, também, para poder trabalhar com essa parte dos produtos oftalmológicos, na verdade.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E quando vocês abriram essa nova empresa, vocês procuraram o Ministério da Saúde sobre o que a empresa estaria fabricando, vocês então tentaram ali regularizar e pegar autorização?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, porque veja bem. Eu não entendia do ramo. Então, quando ele falou que poderia ser usado, eu achava que o MS poderia... Era o mesmo produto.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está certo. Quando a senhora começou, dentro de brigas, de tanta abertura e separação de empresas, quando a senhora constituiu essa empresa que foi feita fora de Campinas, na verdade, e que aí vocês, então, começaram um processo para...? Por favor, por favor. Quando foi que a senhora começou a abrir essa empresa fora de Campinas, que essa última sua intenção de, então, começar a fazer as coisas de maneira correta?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Essa em Hortolândia?

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Em Hortolândia.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Foi... Acho que foi em 2001, mais ou menos. Em 2001.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Em 2001. Nessa cidade, sim, aí tentaram regularizar, procuraram o Ministério e aí...



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Que tem até lá se os senhores forem...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Certo. E nessa procura que a senhora fez ao Ministério, quem que era o responsável pela sua empresa que tratava da documentação com o Ministério da Saúde?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, na época, eu não posso te responder, porque eu entrei na sociedade... Então, tinha uma pessoa que estava vendo isso daí.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Quem era essa pessoa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Era o administrador, Carlos Levin. Então, a empresa já estava iniciando, já estávamos correndo atrás da vigilância e tudo o mais. Foi quando houve uma dissolução, uma discussão, eu saí da empresa, logo, acho que depois de 2 meses, se não me engano...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Em que época era isso, ainda? 2001, mais ou menos? Final de 2001? 2002?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não posso confirmar, mas acho, estou meia confusa, mas acho que...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sim, mas, em modo de grandeza, era em 2000, em 1500, em 2000 e pouco? O ano mais ou menos. É possível a senhora... É importante para o meu raciocínio.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu sei, mas... acho que foi em 2001, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Dois mil e um?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Dois mil e um.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Tá o.k. Nesse ano de 2001, a senhora então participou dessa empresa nova, que estava abrindo...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Participei.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E que tentou se regularizar no Ministério.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Regularizar.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Então, nessa época, vocês foram informados pelo Ministério da Saúde de que era necessário ter uma autorização para fabricar produtos oftalmológicos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A gente estava regularizando, estava atrás, vendo o que precisava, vendo se o produto...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sim, quando a senhora foi atrás... Eu estou entendendo... Eu gostaria...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu não fui atrás...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Esse Sr. Carlos Levin, quando foi atrás, ele trouxe... Quem era o sócio dessa empresa? A senhora era uma, na verdade, mesmo que não fosse o seu nome, a senhora era majoritária nessa empresa, não era isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não era.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Não era majoritária?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Era o senhor Soares, já, também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, isso daí é outra empresa. Isso daí é a For Eyes.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A For Eyes? Naquela época era a senhora e quem? Quem era o sócio? Desculpa se estou fazendo confusão.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O Decio e o filho dele.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - O Decio? O.k. O Decio era uma pessoa esclarecida, que colocou dinheiro, entrou, me falaram aqui que ele mandou um especialista para avaliar o mercado, o potencial...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - ... e abrir uma nova empresa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E a senhora quer me dizer... Então, nesse processo de abertura, quem... Era o Sr. Carlos Levin que tratava da abertura?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Que tratava da abertura.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está certo. E o Seu Decio nunca comentou com a senhora nem o Levin de que na verdade precisaria tirar uma autorização para poder produzir os produtos oftalmológicos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não. Quando a gente abriu, a gente estava indo atrás da vigilância, entendeu? Então, a gente estava sendo... Não, a gente estava pegando informações, o que precisava para a empresa ficar regularizada.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sim, mas essa informação não dizia que precisava de uma autorização? De um MS, na verdade, para poder produzir esses produtos? Dizia ou não dizia?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Dizia.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Dizia. Muito bem. Aí, se dizia, e a gente entende que dizia, está certo, eu acho que pelo menos nesse momento vocês sócios deveriam passar a ter, então, o conhecimento da necessidade de ter autorização para produzir essas coisas.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A gente estava correndo atrás, né, disso daí.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ótimo. Então a senhora estava correndo atrás. Então, eu quero corrigir aqui uma dúvida. Da forma que a senhora respondeu as perguntas da Deputada Vanessa, a senhora deixou no ar que não sabia que precisava. Na verdade, nesse momento a senhora já sabia.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - No começo, não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Esse momento ainda é muito antes.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, antes, no começo. Quando ela perguntou, eu não sabia. Você perguntou...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Não, eu estou deixando claro. Esse momento ainda era 2002, não era isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Você perguntou da For Eyes.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu perguntei...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Antes disso, não. Da For Eyes, foi quando a gente, como eu te falei, da nova empresa, a gente foi atrás.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Empresa a senhora abriu várias. A For Eyes foi a última, na verdade, que a senhora abriu? Foi a penúltima?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a última foi a Lens.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Então, quando foi — eu vou ser bem objetivo — quando foi que a senhora abriu a For Eyes, que estavam começando uma nova empresa, que queria ter acertado, feito tudo certo? Em que época, mais ou menos, foi isso? Em 2001 ou 2002?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Acho que foi 2001, 2002. Não tenho certeza.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Dois mil e um, 2002. Então, a partir de 2001, 2002, vocês estavam informados de que teriam que realmente fazer a regularização e ter a autorização para produzir remédios neste País. Está certo? Então, pelo menos é isso que eu consigo entender. É isso? A senhora confirma? Muito bem. Bom, eu queria... Mais uma coisa importante que eu gostaria ainda de continuar avançando aqui. Na verdade, se a senhora, então, sabia... eu queria... uma nova pergunta: quando o senhor Fábio, que era químico, tinha alguma... além de ter, de conseguir o MS, tinha na especificação a necessidade de ter um farmacêutico ou podia ser um químico, para poder participar e ser o responsável pela parte técnica dessa empresa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, porque, na época, me falaram que também o químico poderia assinar pela empresa, né?

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Hoje a senhora sabe se o químico poderia ou não assinar por uma empresa que fabrica remédios?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O senhor sabe que se me perguntar, eu não sei.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Me parece... Eu só não quero crer que a senhora...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Porque eu já vi assim vários químicos, então...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ou seja, quer dizer que a senhora não sabia se precisava realmente ter ou não um farmacêutico para poder estar



sendo responsável pela manipulação e pela fabricação desse tipo de remédio? É isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eu achava que o químico poderia ser.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora achava?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O químico ou o farmacêutico.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora acha que o seu sócio, Eric, sabia, tinha as informações? Que o Sr. Carlos Levin sabia do que era preciso para regularizar essa empresa, que teria que ter um especialista?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não posso informar sobre isso, se ele sabia.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está bem. Eu tenho aqui mais uma pergunta ainda. Primeiro de tudo, aí nós tivemos uma série de problemas, essa coisa fatal que foi cometida aqui. Pelo que eu vi, vocês, no começo ainda do ano, no mês 4, mais ou menos, vocês foram intimados pela ANVISA e foram informados do desastre que vocês estavam causando a este povo brasileiro. E ali o Sr. Soares — em fevereiro, desculpa — depois aqui é quando já tem audiência com a ANVISA, que já recolhe as amostras, as coisas. Em fevereiro, na verdade, a senhora tem, na verdade, o seu produto interditado pela ANVISA. Nessa parte de fevereiro, esteve aqui agora há pouco o Sr. Soares, que também não acompanha isso, disse que não acompanha. Mas, na verdade, ele morava em Goiânia, naquela época. Quem que teve o contato direto com a ANVISA durante esse processo todo? Quem passou as informações? Quem foi eleito lá pelo grupo, definido para ser o interlocutor para responder os processos, passar as informações com a ANVISA?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, o Soares fez uma procuração para mim.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Fez uma procuração para a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Quando teve o problema, no caso a vigilância tivesse alguma coisa, para ele não estar vindo de Goiânia até Campinas, então, eu fiquei à disposição. Passou uma procuração para mim...



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está certo. Mas ele foi informado, então, no início do processo até passar pra senhora? Ele esteve presente no começo dessas conversas?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ele esteve presente, ele esteve até em Campinas, inclusive, também.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Depois é que ele passou uma procuração para que fosse a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Depois ele passou uma procuração, caso se precisar de alguma coisa eu estaria à disposição delas.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está certo. A senhora conduziu o processo, então, na verdade, desde quando? A senhora se lembra? Desde fevereiro?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, desde fevereiro, não. A vigilância chegou até mim acho que foi em abril.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está certo. Desde abril.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Fevereiro...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu tenho a data de uma audiência em que a senhora esteve presente já apresentando a procuração que é 4.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, então, desconheço.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Em abril, a senhora já esteve presente numa audiência, que eu tenho a cópia do documento, que a senhora participou de uma audiência com a ANVISA.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso em abril.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu não sei se foi antes, estou perguntando se foi.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Foi em abril.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Só em abril?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Só em abril.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Muito bem. Em junho, teve as notícias pelos jornais, ainda, na verdade, se tornaram público o nome da empresa, e aí houve coisas mais fatais em final de maio, começo de junho. E em junho os jornais começaram a publicar o nome dessa empresa. Eu gostaria de saber uma



coisa: a senhora, nesse período, quando saiu nos jornais, teve a visita aqui de um dos sócios da sua empresa, que é o Sr. José Roberto. Ele visitou a senhora? Ele ligou para senhora? Como ele se comunicou com a senhora, quando foi informado do problema que estava acontecendo, o seu sócio chamado de Sr. José Roberto? Como é que ele fez o contato com a senhora, na medida em que ele teve informações de que o nome dele estava envolvido numa empresa que tinha causado um dano desse a toda a sociedade?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, exato, eu não posso...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora não pode?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ele ligava tanto para a senhora assim que a senhora não lembra?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ele visitava tanto a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Como é que um momento crítico desse, que a senhora envolve um sócio como a senhora envolveu, procura a senhora, e a senhora não lembra como foi essa forma nem mais ou menos quando foi?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, o José Roberto, não, ele me ligou foi... Acho que tem um mês, mais ou menos. Logo quando saiu, ele entrou em contato comigo, foi quando...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - De que forma ele entrou em contato com a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Entrou em contato comigo, quando ele recebeu uma carta da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Na época que ele leu nos jornais, viu o nome dele numa empresa que ele era sócio...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, acho que ele nem viu, ele nem viu.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ele nem viu?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ele não fez, nem ligou, nem fez nenhuma visita à senhora para poder, preocupado com esse assunto, saber o que estava acontecendo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, depois, sim, ele veio para saber...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Depois, quando?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu tranqüilizei ele, falei que, né, ele fez um favor para mim.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Que favor que ele fez para senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Que favor ele fez para senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu estava precisando, ele...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Não, ele fez o favor quando deu o nome, cedeu o nome à sua empresa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso, ele deu o nome.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Quero saber nesse momento em que teve esses problemas, a senhora teve uma conversa com ele? Ele procurou a senhora quando foi informado dos problemas?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a gente... Ele me procurou, sim.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Procurou. O que a senhora disse pra ele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O que eu falei pra ele?

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Isso.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, ele estava preocupado em relação à situação dele. Eu falei: olha, não se preocupa, porque você fez um favor pra mim, né, e...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E em relação à empresa, os problemas que a senhora estava causando, os danos que estavam sendo causados às pessoas, o que a senhora respondeu para ele? O que a senhora estava dizendo para ele?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Até então não...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora disse para ele que na verdade não era coisa grave, que esse produto podia estar acontecendo com várias empresas, que não era uma acusação de vocês?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, até aí, não. Não sei, porque até, então, tinha outras empresas que estavam dando problema de cegueira e não tinha nada comprovado...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Mas nesse momento o seu lote já estava detectado que vieram com uns dos contaminados, em junho, não tinha?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Desconheço.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Aqui no relatório diz que tinha. A senhora não lembra disso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não lembro.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Qual foi... Que providência que foi tomada pela senhora, então, no momento em que a senhora soube dos problemas e do risco que a senhora estava causando nessa época de junho? Porque consta aqui, e quero saber se é verdade ou não, que a senhora disse a ele que na verdade isso não era um problema, que ele não se preocupasse, que esse problema era de várias empresas, que a empresa estava produzindo. E pelo que nós falamos com o técnico, nesse momento, vocês ainda estavam produzindo remédios, na verdade, produtos oftalmológicos na linha, o que, na verdade, já devia ter sido interrompido há algum tempo.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Quando a ANVISA interrompeu, a gente parou, já faz tempo.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Quando a ANVISA interrompeu, imediatamente isso tudo foi suspenso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Foi suspenso, a gente não produziu.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Não produziu mais?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Depois da ANVISA, não. Depois que a ANVISA, não.

O SR. DEPUTADO MARCOS ABRAMO - Um aparte.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu quero só dizer uma coisa: a senhora quanto tempo foi casada com o Sr. Cláudio desde que ele era especializado? Desde que ele era farmacêutico?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Doze anos.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Doze anos. E depois a senhora, desde esse período todo, pelo menos por 5 anos, foi empresária do setor e por 10 anos quase casada. Ele faleceu quando? Desculpe a pergunta.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Faleceu tem 2 anos e meio.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Então, depois de 2 anos e meio que a senhora passou a ser empresária, tudo isso.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - É até então não sabia nada, era do lar não entendia nada. Simplesmente ele tinha uma. Ele falou: "*Ô, Gildenice, isso aqui é um ouro que você tem na mão, você sabendo fazer, entendeu, não tem problema nenhum*". Então, eu achava que era uma coisa que eu estava fazendo, queria dar continuidade ao negócio. Entendeu? Tentei fazer a coisa de acordo. Registro, até hoje, você pode ver, Itapira, nós fomos atrás também. Não deu certo.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Bem eu...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Até então, a gente ficou tentando fazer a coisa correta e certa. Só que para isso daí eu também precisava de capital para estar fazendo a coisa correta.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está certo.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Só que quando a gente ia, barrava sempre alguma coisa.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Qual a coisa que normalmente barrava?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, assim, geralmente era dinheiro. Você não tinha como dar seguimento ao negócio. Então, teve uma proposta em Itapira, nós fomos ver, aí a gente começou a pesar a distância, tudo, aí aquelas promessas de...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está bem, não precisa... Está bom. Só mais uma última pergunta. Esse contato com o Sr. José Soares, que a senhora tinha, ele comprava produtos e, pelo que eu sei, também revendia produtos da



empresa de vocês, na verdade. Alguma vez a senhora discutiu ou participou da gestão da empresa dele com Eric ou de qualquer um que fosse fornecedores ou sócio de cuidados que tinham que ter sido especificados nos produtos para serem comercializados tipo: código, identificação, número de autorização? Houve alguém que perguntou? Alguma vez, quando vocês foram participar de licitação, o Soares pediu alguma etiqueta diferenciada, identidade com uma data de validade ou com número qualquer, identificação para que ele pudesse comercializar ou vender os seus produtos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Nenhum momento foi nunca discutido, pedido, nem alertado atenção desse tipo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Nunca foi na administração da sua empresa? Está bem. Eu acho que realmente, Presidente, é inconcebível como é que uma pessoa está num ramo tão especial assim e trabalha, abre e fecha, vende, compra empresas, participa desde 2001 e 2002 de uma empresa que está tentando conseguir autorização do Ministério da Saúde e, na verdade, continua fazendo isso. Eu acho que nós vamos ter que checar esses dados, nós vamos ter que voltar a falar com algumas pessoas que aqui afirmaram coisas que a senhora está negando agora, para depois a gente poder fazer ou uma acareação ou poder saber quem é que está dizendo a verdade. E posteriormente talvez a gente tenha que dar encaminhamento com a ANVISA no processo que diz, aqui, das providências que foram tomadas. Eu gostaria só de fazer uma última pergunta: em toda aquela visita com técnicos da ANVISA, a senhora nunca esteve presente? A senhora nunca participou? A senhora nunca foi falar com nenhum especialista que estava tentando cuidar e regularizar a empresa para a senhora? Foi sempre o Carlos Levin que esteve presente?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não, da For Eyes também já estive presente.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora esteve presente?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A For Eyes já foi.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - E nenhuma vez dessa falaram para a senhora que era necessário autorização para poder fabricar os remédios?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Na For Eyes, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros.) - Fala no microfone, por favor.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Na For Eyes, sim. Qual foi a data, então, que a senhora reconhece que a senhora teve contato?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, foi então, foi mais ou menos 2001, no mês de novembro, dezembro, se eu não me engano.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ou seja, em dezembro de 2001 a senhora reconhece que aí, sim, a senhora estava informada do que era necessário da autorização para poder fabricar.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Obrigada, a gente estava indo atrás, como eu te falei, dando início, estava dando início à papelada.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Não, início à papelada. A pergunta é simples, Sra. Gildenice: a senhora, numa dessas reuniões que esteve presente, ficou claro que a senhora precisava de um técnico, precisava de uma licença para fabricar produtos oftalmológicos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Nessa época? Sim.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está o.k. Para mim é suficiente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, doutor. Eu peço que fale no microfone, que fale alto, porque a sua voz não está audível. Deputado Júlio Lopes.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sr. Presidente, D. Gildenice, como é que a senhora aprendeu a usar nome de terceiras pessoas na constituição de empresas? Quem é que lhe ensinou esse procedimento? Como é que a senhora arquitetou esse tipo de procedimento? Quem é que ensinou isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ninguém me ensinou nada, doutor. Foi como eu falei, as dificuldades, e as pessoas vendo a minha dificuldade, são famílias, amigos, então, tentaram me ajudar, só isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora não projetou isso? Isso aconteceu ao acaso?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum. Eu projetei nada, não imaginei nada, montar empresa, nada disso. Foi o momento, a situação na hora que fez isso daí.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Qual era a sua relação com o Seu Raimundo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O Raimundo é um amigo, hoje, é um amigo meu.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Só isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Parente também, né?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas ele trabalhava com a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Trabalhava.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A D. Mônica é o que da senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A Mônica é a minha sobrinha.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora sabe que a D. Mônica deu um depoimento à Polícia Federal dizendo que a senhora pediu a outras pessoas para constituírem empresas em seu nome?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A Mônica, sua sobrinha, lhe avisou que ela deu depoimento na Polícia Federal...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Desconheço isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - ... dizendo que a senhora tinha pedido a terceiras pessoas para constituírem empresas? Hein?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eu desconheço. Como eu te falei, tem pessoas que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Fale no microfone, por favor.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tem pessoas que, como eu te falei, amigos, que fizeram favor para mim.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O Raimundo fez acusações muito graves contra a senhora aqui. A senhora tem conhecimento das acusações que ele fez?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não tenho.



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Que a senhora era responsável verdadeira por todas as operações e que apesar do seu nome não constar, a senhora de fato é quem engendrou essa operação toda.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu desconheço.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas a senhora concorda ou não com ele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu desconheço.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Não, mas era a senhora a responsável pelas operações dessas empresas ou não? (*Pausa.*) A senhora não sabe? A senhora não sabe se a senhora era responsável ou não por essas operações?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não eu sei, ele... né? O que ele falou, eu estou tranqüila.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora conhecia o motorista do seu marido chamado Mineirinho?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Mineiro.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora conhece?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Trabalhou na empresa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora tem idéia do que o senhor Mineiro fez no depoimento, enfim...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não tenho.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - ... as informações que ele passou aqui?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não tenho.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Bom, então, que o Seu Raimundo não entrou de seu sócio, não tinha o nome na empresa, mas que de fato era o Sr. Raimundo quem mandava, porque era ele, de fato, o seu sócio, não é? E que a senhora devia muito na praça, a senhora tinha uma dívida grande, mais de 120 mil reais, porque a senhora tinha cheques sem fundo, enfim. A senhora confirma essa dívida de 120 mil reais?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Desconheço o valor da dívida.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas a senhora tinha uma dívida grande?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eu te falei que tinha uma dívida. Foi por isso que foram abertas as empresas, como eu te falei, por causa das dívidas, tentando acertar, pôr em ordem.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora não reconhece, então, que tinha uma relação próxima com esse Mineiro ou não? A senhora tinha... Ele conhecia bem a senhora ou não? Esse Mineiro que foi motorista do seu...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ele trabalhou na empresa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Trabalhou 9 anos com o seu marido, não é?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Nove anos? Desconheço esse tempo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ele diz mais, eu vou ler aqui inclusive para a audiência para ficar sabendo. Diz o seguinte: que não conhece a D. Ineide Maria de Souza e que quando a D. Gildenice ou MC Mura precisavam de produtos e que um ou outro não possuíam, compravam produtos de terceiros. E que várias vezes ele, o declarante, o tal do Mineirinho, que o nome no depoimento é Antônio Luís de Melo Fochezatto, que a senhora tinha o hábito de trocar os rótulos da Oftalmopharma, a senhora arrancava esses rótulos, colocava outros em cima e vendia para os seus clientes. A senhora tem informação desse fato?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Desconheço disso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ele ainda afirma que a senhora fabricava remédios falsos, passando endereço do barracão da sua mãe e que foi ele que fez a denúncia na ANVISA relativamente a isso. A senhora também não conhecimento desse fato?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Também não.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Agora, o Sr. José Roberto a senhora conhece?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O Zé Roberto eu conheço.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quem era o Sr. José Roberto?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O Zé Roberto é um amigo meu, amigo da família.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ele fazia o quê?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ele fazia o quê?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Bom, hoje ele está trabalhando, tem o emprego dele, né...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Só isso? A senhora nunca pediu nada a ele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Em relação a que o senhor quer dizer nunca pediu nada?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - É que ele declarou aqui que, na realidade, a responsabilidade era da senhora, porque a senhora foi até São Paulo e fez um pleito a ele, bastante insistente, de que ele colocasse o nome dele...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Não fui tão insistente. É como eu te falei: ele é um amigo, contei a minha situação para ele, ele se comoveu e, então, ele me ajudou. Só isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ele disse que a senhora foi até São Paulo. Que ele, inclusive, não aceitou de imediato, porque ele quis pensar.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não foi isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Porque ele ainda disse para a senhora: *“Mas isso não é igual a fazer um crediário, isso é uma coisa mais séria, é preciso pensar sobre isso”*.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eu desconheço isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas, então, eu estou lhe avisando que o depoimento que ele prestou à CPI... o depoimento que ele prestou à CPI foi esse.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, desconheço isso. Eu desconheço isso, então. Estou falando...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ele disse aqui na CPI que a senhora foi a São Paulo, pediu a ele; voltou, pediu novamente...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu desconheço.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E que ele acabou concordando, então, em colocar o nome dele, mas que ele jamais tinha ido àquele local. A senhora confirma que ele nunca foi àquele local?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu desconheço.



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora não sabe se ele foi, se ele não foi?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Qual local? Na empresa?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - É.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Na empresa ele nunca foi.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ele nunca foi na empresa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. É como eu te falei: eu desconheço.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então, ele, apesar de dono... quem fazia todos os atos era a senhora e o Sr. Raimundo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. O Raimundo não tem nada a ver na parte da oftalmologia.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas quem fazia a gestão financeira? Quem fazia os negócios da empresa girarem? Era a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O Raimundo me ajudou na época em que eu precisei.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim, mas eu estou perguntando concretamente para a senhora. Porque, já que o José Roberto, que era dono de 50% da empresa, disse que era a senhora que mandava, que era a senhora que geria, quem é que fazia a gerência da empresa, a parte administrativa, financeira, enfim, a parte documental? Quem era: a senhora ou era outra pessoa?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, tinha uma outra pessoa que fazia isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas fazia sob a sua responsabilidade? A senhora é que mandava nessa outra pessoa, ou não?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Trabalhava na empresa, não é?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas essa pessoa... a senhora é que determinava que ela fizesse os atos, a senhora é que dirigia a empresa, a senhora é que era a gerente? Os atos praticados na empresa eram de sua responsabilidade? A senhora que mandava essa outra pessoa fazer, ou não?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a minha parte era de produção administrativa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quem é que determinou ao Dr. Fábio para fazer aquela fórmula, que ele disse que fez aqui sob sua orientação, apenas a título de "testagem", aquela fórmula do gel?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a fórmula foi... fomos nós.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora fez a fórmula junto com ele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A fórmula já tinha pronta. A gente só... só dei continuidade a uma coisa que o meu marido deixou.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim, mas eu queria que a senhora falasse bem claramente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, fale próximo ao microfone, por favor.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora e o Sr. Fábio fizeram a fórmula do gel em conjunto? A senhora, não sendo farmacêutica, não tendo nenhuma noção de química...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não. Eu fazia... Eu ajudava na parte da esterilização, ajudava...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Na parte de que a senhora ajudava?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Na parte de esterilização, desde a limpeza do laboratório, tudo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora é que era a responsável pela limpeza, pela esterilização toda?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Junto com o Sr. Fábio?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Junto com o Sr. Fábio.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Que trabalhava a seu pedido, a seu mando?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ele trabalhava na empresa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quem determinou, D. Gildenice, a colocação do nome do Sr. Fábio no rótulo e na bula do remédio?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Quem determinou?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - É.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Agora, não lembro.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Apareceu lá, assim, escrito de repente?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não, não, porque, como eu te disse, até então, achava que o químico poderia estar usando o nome dele.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então, eu vou ser mais claro.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tanto que, pelo CRQ, também, quando ele foi, não teve problema nenhum.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim, mas a senhora... Em função de a senhora achar que não teria problema nenhum, quem determinou botar o nome do Sr. Fábio lá foi a senhora. Porque ele testemunhou aqui, perante toda a CPI, que ele não teria responsabilidade por isso, que só ficou sabendo depois que o nome dele teria sido incluído na bula e no frasco. Ele se contradisse, aliás, aqui. Num momento, ele disse...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Desconheço isso, então. Desconheço, então, que ele falou isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas só para facilitar, senão vai ficar complicado, D. Gildenice. Como é que o nome do Dr. Fábio apareceu na bula e na embalagem do gel, do colírio, do gel, lá?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Como apareceu? Então, porque a gente achava, até então, que o químico poderia ser o responsável.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas a gente quem? A senhora e ele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eu e ele. A gente...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora, ele e o Sr. Raimundo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. O Raimundo, não. Eu e ele, a gente achou que não teria problema nenhum. Achava-se que o químico...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então, a senhora e ele, de comum acordo, resolveram colocar o nome dele na bula do remédio?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Nós não resolvemos... não que resolveu, a gente achava que até então um químico poderia ser usado.



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Está certo. Quem contratou... Como é o nome do advogado que está lhe acompanhando?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - O nome do seu advogado.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O nome do meu advogado? É Renato.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Dr. Renato de quê?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O sobrenome eu não sei ainda.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Como é que esse advogado apareceu aqui?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu o contratei.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Hein?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu contratei ele.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora contratou um advogado cujo nome a senhora não conhecia? O nome completo do seu advogado a senhora não sabe também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Porque, na realidade, era o Dr. João Daniel que tinha contato... Dr. João Daniel. E, como ele não pôde vir, então pediu para que o Dr. Renato viesse.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Está bom.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu só sei...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas, então, a senhora quem contratou o Dr. João Daniel...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Foi a senhora quem o contratou?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Foi.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Está certo. E a senhora contratou o Dr. João Daniel para defender também o Sr. José Roberto?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E a senhora contratou também o Sr. José Daniel para defender também o Fábio?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então, a senhora... porque o Fábio disse que não conhecia o advogado; o José Roberto disse que não conhecia o Fábio... o advogado.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não conhecia

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quer dizer, então, de fato, era a senhora a gerente, a pessoa que resolvia as coisas. Porque a senhora é que resolveu a defesa, pelo menos, de todo mundo. Foi isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Foi.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E a senhora é que se responsabilizou pelo pagamento também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - O pagamento do advogado?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Sim.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - É como eu te falei, porque foram pessoas que me ajudaram quando precisei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por gentileza, fale próximo ao microfone.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Pessoas que me ajudaram. E o mínimo que posso fazer é estar tentando ajudá-los também.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Agora, a senhora confirmou, então, que sabia que estava fabricando remédio de forma ilegal.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, de forma ilegal, acho que é muito forte. Desconheço o ilegal. Sei, reconheço que não emiti MS. Até então, como eu te falei, eu achava que poderia estar usando...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Não, mas eu queria que a senhora fosse mais clara, por favor. A senhora reconhece o quê, então, que a senhora não tinha autorização para fazer? A senhora dirige automóvel?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não dirijo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Não?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não dirijo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora tem nível de 2º Grau, Colegial? Qual é a sua escolaridade?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Colegial.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Hein?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Colegial.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A sua instrução...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, mas quando o meu marido fabricava, eu participava. Eu participei algumas vezes, eu via ele produzindo. Fazia de tudo. Tanto que o meu produto, até perante a Vigilância, se perguntarem, é um produto de qualidade, feito da melhor maneira possível.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas que produto: o cosmético ou o...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, fale ao microfone.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oftalmologia. Eu estou falando de oftalmologia. Tudo o que foi comprado, saís, era tudo de primeira. Nunca foi comprado nada inferior, nada...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora disse que quando a ANVISA determinou a interrupção da fabricação, a senhora de imediato interrompeu?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Foi em abril, de imediato.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas nós temos a informação de que foi anterior, e que a senhora não teria cumprido a determinação da ANVISA.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não! A partir do momento em que a ANVISA... em que eu fui lá, e ainda peguei mercadoria, foi parado.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Por favor, Deputada Vanessa Grazziotin, esclareça à CPI.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora tem conhecimento de quando o produto foi interditado pela ANVISA?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não tenho.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Não tem?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não tenho, porque tem uma quantidade que deixei com ela. Acho que foram cento e poucas unidades que eu deixei com ela.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora fale mais alto, porque ninguém lhe ouve.



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu deixei, se não me engano, acho que foram 100, em torno de 100 ou 110.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Caixas?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Caixas.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Do Methyl Lens? E do Visc Lens também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, Visc Lens, não. O Visc Lens não é meu.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - De quem é o Visc Lens?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não sei, não posso...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas nós temos aqui cópia da embalagem, nós vimos embalagens do Visc Lens.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, tem Lens, Visc Lens...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Tem um medicamento chamado Visc Lens, também Methylcelulose.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, a minha era Methyl Lens.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Methyl Lens?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Methyl Lens Hypak.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E quem produzia o Visc Lens?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não sei, não sei te informar. O meu é Methyl Lens Hypak, a senhora pode confirmar esse dado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas tem uma caixa, um medicamento chamado Visc Lens, com todos os... o CNPJ, o mesmo técnico, Fábio, responsável, a mesma empresa Lens Surgical...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, desconheço. Tem a Methyl Lens Hypak que eu conheço.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Porque nós temos conhecimento de 2 que foram apreendidos: o Methyl Lens e o Visc Lens. Será que a For Eyes não produziu o Visc Lens?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, isso aí é como a marca For Eyes: For Eyes, Methyl... Agora, Visc Lens eu desconheço. Se a senhora mostrar a caixa, pode ser que eu... Eu posso dar uma olhada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito. O que o Deputado Júlio estava questionando à senhora, e que eu dei continuidade, é de quando foi, se a senhora sabe a data exata que a Vigilância Sanitária interdito o seu produto.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, quando eu fui chamada lá, foi em abril, mais ou menos... eu não posso te informar a data: se foi no começo, mas acho que no meio, quase no final, se não me engano.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Em abril?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, se eu não me engano, sim. Mas eu posso estar verificando a data direito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor, a Taquigrafia está com dificuldade de ouvir a sua voz. Nos ajude, colabore.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vai ficar difícil. A senhora fala longe do microfone.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Vigilância Sanitária, Sra. Gildenice, interdito o seu produto, através da Portaria nº 193, em fevereiro deste ano, mas a senhora continuou produzindo, ainda, para abril.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, isso daí... olha, desconheço essa parte...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora continuou produzindo. Até quando a senhora produziu esse produto?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, até em fevereiro... eu estive na Vigilância em abril... e até parece... teve um comentário mais ou menos relacionado a isso, os jornais todos falavam que a mercadoria... que a Vigilância foi lá em fevereiro. E não houve isso. Em abril é que nós fomos comunicados.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Portanto, a senhora produziu até mais ou menos abril?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não produzi. Não, não, até antes.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Até quando a senhora produziu?

(Intervenção inaudível.)

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, foi bem antes. Este ano a gente não produziu nada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Este ano a senhora não produziu?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, se não me engano.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E se eu lhe disser que nós dispomos de notas e pedidos da empresa Methyl Lens encaminhando o produto à ACECIL para esterilização, até abril? O que a senhora diz disso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, é porque às vezes era produto que já estava produzido antes.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Mas não estava com a produção concluída, porque ainda não tinha sido feita a esterilização. Então, não estava pronto para a comercialização.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não! É porque, às vezes, a gente fabricava, tinha a quarentena e, conforme ia saindo o pedido, a gente dava uma nova revisão no produto, porque às vezes podia dar uma turvação - a senhora deve saber -, era olhada uma por uma, a gente limpava por fora e mandava esterilizar. Então, nem sempre toda a produção era enviada, assim, no ato.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sim, a produção anterior. Mas a comercialização, no mínimo, foi até abril deste ano. Porque a senhora enviou à ACECIL produtos para esterilização.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, no caso, não. No caso, eu não mandei. Pode ser que o Soares ou a Mediphacos tinha algum produto ou alguma coisa e eles enviaram.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O Soares ou a Mediphacos? Mas qual é o papel da Mediphacos nisso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Qual era o papel da Mediphacos nisso?



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a Mediphacos era uma distribuidora.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E como distribuidora eles poderiam mandar produtos para a esterilização?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então? Agora, o Sr. Soares poderia mandar?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Em abril, doutora, em abril, posso estar levantando... mas em abril, não tenho certeza, acho que não.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora não tem, mas nós temos documentos da Vigilância Sanitária que foi...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, porque foi... na época da Vigilância não tinha nada.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Que a senhora produziu até abril.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A gente, não. Agora, tem uma coisa: a gente mandava luvas, toucas... Isso tem que ser levantado.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Eu não estou falando nem de luvas, nem toucas, nós estamos falando...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Mas eu estou falando, porque em abril, pelo que me lembre...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Deputado Júlio.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora tem conhecimento de uma outra empresa chamada — porque é tanta empresa que a gente até fica confuso — Gileade Pharma?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A Gileade foi... É que hoje existe a farmácia lá, que era a CR Torres e foi vendida. Essa farmácia está lá.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Essa é sua também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Essa é sua também?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não tem nada a ver comigo essa farmácia.



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora não tem nada a ver com ela?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não tem nada a ver. A farmácia CR Torres (*ininteligível*) pelo Cláudio. Conforme essa dificuldade, ela foi vendida. Ela existe, a farmácia está lá, tem os 2 novos proprietários. Inclusive, é um farmacêutico e um químico, se eu não me engano. Mas não tem nada a ver comigo essa empresa.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora conhece a D. Lourdes?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - D. Lourdes? Conheço. É que é a esposa...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - É Lourdes de Fátima de Paulo Oliva.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso, é esposa do Júnior, do Walfrido.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora a conheceu onde?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Oi?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora a conheceu onde?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Conheci ela através do Raimundo, parentes. Teve um churrasco, a gente se conheceu, ficamos amigas.

(Intervenção inaudível.)

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Mas isso foi assim mesmo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quer dizer que a senhora conheceu ela através do Sr. Raimundo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - E parentes.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Porque ela diz no depoimento dela que a responsabilidade era da senhora e do Sr. Raimundo. Por isso é que eu estou perguntando. É verídica a informação dela ou não é?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A informação dela... então, eu desconheço essa informação dela. Não tem lógica.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - A senhora desconhece uma porção de coisas, para quem pretendeu ter uma indústria farmacêutica, não é D. Gildenice?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Eu pretendia, realmente, ter uma coisa certa. Tanto que chegou a esse ponto. Se ela não chegasse...



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quando a senhora soube que as ocorrências, que acabaram por vitimar aquelas pessoas, inclusive de cegueira, tinham sido o provável resultado da falta de assepsia e de esterilização...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, é porque até então, quando houve esse problema no hospital, a gente entrou... o Soares entrou em contato comigo, e, aí, eu falei: *“Soares, então vamos ver o que a gente pode estar fazendo”*. Ele falou: *“Não, a Mediphacos está resolvendo”*. Então, eu falei assim: *“Então, eles vão até o hospital para ver o que está acontecendo. Fiquei tranqüila”*. Aí, o Soares ligou para mim novamente e falou: *“Gilda, eles, o pessoal da Mediphacos, já resolveram, está tudo certo, não houve nada”*. Até então, fiquei tranqüila. Falei: *“Então, ficou na mão dele para estar resolvendo isso daí”*.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quer dizer que a Mediphacos, então, é que tinha a responsabilidade de resolver esse tipo de problema?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Porque foi ela que distribuiu... Não, foi ela que distribuiu o produto para o hospital. Até então, doutor, alguém chega e fala: *“Olha, o seu produto deu problema, Gilda, vamos resolver”*. Passaram para mim que estava tudo bem, que já estava resolvida a situação. Por isso...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas como é foi para a Mediphacos ir lá e comprar lá o seu produto?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, a Mediphacos... o Soares.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Para distribuir?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eles compram do Soares. O Soares é o distribuidor.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas eles não fizeram nenhum teste, nenhuma avaliação, nada? Eles chegaram lá, pegaram e saíram distribuindo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não! O produto já sai estéril, a gente faz o teste antes de sair para o mercado.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Mas a senhora falou que a responsabilidade da esterilização era da Mediphacos.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não! A esterilização do produto é feita na ACECIL.



O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Vanessa, por favor, me ajude aqui porque eu estou ficando confuso.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não! Doutora...

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Ela, agora há pouco, não afirmou que a Mediphacos tinha feito o pedido de esterilização e que teria sido responsabilidade da Mediphacos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não! Então, desculpa, foi uma... A esterilização do produto, como eu te falei agora, a gente fazia na ACECIL, a senhora pode confirmar, está tudo lá. Nós fazíamos por aqui. A Mediphacos fez um outro laudo de esterilização do produto. Eu não sei, foi passado para mim que eles fizeram. Eu tenho o meu laudo e eles fizeram um outro laudo de esterilização do medicamento, não do produto já acabado.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Qual é a diferença? Desculpe, porque eu sou leigo, mas qual é a diferença do medicamento para o produto que a senhora está falando?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não! Porque é o seguinte: depois do produto embalado, a gente manda esterilizar só a parte de fora.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Quer dizer, esterilizar o quê? A embalagem, propriamente?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A embalagem, a embalagem.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Então, a Mediphacos fez a esterilização só da embalagem?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não! A embalagem quem fez fomos nós, porque sai daqui.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - E a Mediphacos fez esterilização de quê?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A Mediphacos fez a esterilização... Quando houve esse problema, eu acho que ele mandou fazer um laudo do produto, para ver se ele estava estéril ou não, novamente. Eu tenho o meu laudo, e eles fizeram... eu não sei se foi já passado aqui para vocês. Então, isso... A senhora entendeu, doutora, o que eu quero dizer? O produto...



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - O problema é que, segundo a Sra. Gildenice nos expõe, a parte dela era responsável pela produção. A parte da comercialização era o sócio, o Sr. José Soares, que fazia.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele, através da Mediphacos, principalmente.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Mediphacos produzia a totalidade dos seus medicamentos? A senhora sabe disso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eu não posso te informar, porque, no caso, quem... ela comprava direto do Soares.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Então, o Soares que fazia, em nome da Methyl... da Lens Surgical, ele que fazia a venda?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele que era o responsável pela venda?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso. Mas a parte da esterilização...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E ele entregava para a Mediphacos, que fazia a distribuição?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Isso.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A Mediphacos é uma empresa grande?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, doutora, eu não sei te informar, porque não tenho contato. Só tive contatos agora...

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - E a empresa do Sr. José Soares é grande?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não conheço a empresa dele. Apesar de sermos sócios, eu ficava aqui e ele lá.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - A senhora em Campinas e ele em Goiás?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não conheço. Mas ele...



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Ele esteve em Campinas quantas vezes, mais ou menos?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu acho que ele esteve, se não me engano, umas 3 vezes. Porque a gente estava vendo o barracão em Itapira, para tentar regularizar, e quando teve esse problema da Vigilância.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Perfeito. Deputado Júlio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputado... Terminou, Deputado Júlio?

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Enfim, está muito confusa essa parte toda, não é, Vanessa? Acho que a gente vai ter que estudar mais detidamente isso. D. Gildenice, infelizmente, o que a gente constata é uma enorme falta de responsabilidade com relação a materiais de extrema gravidade e a seriedade dos procedimentos. Porque a senhora, se era responsável pela fabricação e pela esterilização, a situação, realmente, é uma situação complicada. Era o que eu tinha a colocar. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Obrigado, Deputado. Passo a palavra ao Bispo Wanderval. *(Pausa.)* Não está presente. Deputado Rubinelli.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Gostaria de perguntar para a senhora se nos 2 últimos dias a senhora teve contato, falou por telefone ou pessoalmente com o Sr. Fábio?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Onde ele está?

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Aqui, do seu lado esquerdo.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Ah! Sim, desculpe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Fale ao microfone, por favor.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Com o Fábio?

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Nos últimos 2 dias.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Falei com o Fábio porque a gente estava em contato para ver se viria para cá ou não.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - A senhora só falou se... A senhora não comentou de que forma ele deveria prestar as declarações dele?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Eu acho que a gente, em todo momento, deve falar a verdade, só isso. E não esconder nada.



O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Certo. E a senhora colocou os advogados à disposição de todos, porque a senhora se sente responsável por todo o ocorrido?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Não que eu me sinta responsável.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Se, segundo a senhora, todo o trâmite, tudo o que foi feito pela empresa da senhora era cuidadosamente feito, e corretamente feito, como que a senhora atribui o ocorrido? A senhora acha que isso aconteceu por quê? A que a senhora atribui o fato?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não posso te explicar.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Mesmo a senhora tendo os laudos, que a senhora diz que tem, a senhora não sabe?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tenho os laudos e não sei.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Os laudos são iguais ou tem diferença do laudo da senhora para o outro laudo que a senhora citou?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Então, eu tenho o meu laudo e digo o que eu sei.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - O que diz esse laudo que a senhora tem?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Que o produto é estéril, está estéril.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Qual é a empresa que fez esse laudo para a senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Foi o Microbial, de Campinas.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - E o outro laudo? A senhora não sabe o teor do outro laudo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, não sei. Não, o outro laudo foi a Mediphacos que fez. Provavelmente, também está estéril. Eu não sei onde eles fizeram.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - A senhora não acha estranho, inclusive a senhora há de concordar conosco, nós estarmos aqui interrogando várias pessoas, inclusive a senhora, e a senhora, a exemplo dos demais, não sabe nada, não sabe como fez, como aconteceu, como ocorreu, nem do ponto de vista administrativo, nem do ponto de vista técnico. Como que a senhora conseguia ter uma empresa,



digamos assim, que produzia medicamentos, sendo que a senhora não conhece nada de nada? A senhora se acha apta para ter uma indústria, qualquer que seja o ramo que for...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Olha, eu não tenho formação, mas o que eu aprendi com o Cláudio... ele sempre visava qualidade, qualidade. Então, eu aprendi isso com ele.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - A senhora só não aplicou. A senhora aplicou isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, eu apliquei, porque o meu produto saía com qualidade, saía com qualidade.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Então, a senhora atribui a quê, se nós temos 8 pessoas cegas hoje, praticamente?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu desconheço essas pessoas.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - À qualidade?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu desconheço isso.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - A senhora, então, não tem acompanhado os meios de comunicação?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - A senhora não tem conhecimento de nada disso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, desconheço.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - A senhora desconhece qualquer problema relacionado ao medicamento da senhora?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não. Eu desconheço, porque até então as pessoas falam 10, 15, 20. Então, pelo que estou sabendo, está sendo apurado.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Mas que seja uma. A que a senhora atribui isso? A senhora acha normal isso?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu...

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - A senhora acha que a senhora deveria ter uma punição, que a senhora deveria, de alguma forma, responder por essa



negligência, por essa omissão? Ou a senhora acha que não tem culpa nenhuma a respeito de tudo o que ocorreu?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, se realmente o meu produto causou alguma coisa, acho que sim, não é?

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - A senhora concorda que a senhora deveria ser punida pelo que ocorreu?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Pelo que eu sei, não ocorreu, assim... ninguém, não tem nada confirmado, ainda, não é? Pelo que eu sei, pelo que...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Só um aparte, por favor.

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - Pois não, tem o aparte, Deputado.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Ela tem dito e tem tentado mostrar aqui a preocupação com qualidade, com segurança. E nós estamos exatamente perplexos pela irresponsabilidade de uma pessoa que há mais de 2 anos sabe... de estar produzindo. A senhora acabou de dizer para mim, e eu queria só confirmar: que tipo de relacionamento a senhora teve com a Microbial? Que serviços eles lhe prestaram?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - A Microbial só fazia os testes para mim.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Que testes?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - De estabilidade.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A senhora sabe se a Microbial tem autorização, é cadastrada no Ministério da Saúde?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Tem. Tem autorização.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu tenho informação que ela não tem. Eu tenho informação que ela tem autorização do Ministério da Agricultura e do Ministério... da Agricultura e do Abastecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Para trabalhar com cavalos.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Exatamente. Eu acho que nós estamos querendo convencer alguém de irresponsabilidade que não cabe. Ou é um grau de irresponsabilidade que não cabe que não adianta a gente seguir. Eu acho que a gente tem que avançar, porque não é possível...



A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - É um negócio chato.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Não é possível. Nós temos que, daqui a pouco, prosseguir não só com a responsabilidade da empresa, das pessoas envolvidas, mas com o sistema brasileiro, que está colocando ou não em risco, está certo? Não é possível que testes dessa forma estejam sendo anexados ao processo que a senhora tem trabalhado, e que nós nem sabemos se tem competência de poder estar fazendo isso. Então, eu acho que o problema aqui é de irresponsabilidade. Está exaustivo esse debate.

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Eu sei, mas...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Como é que a senhora checa... O que a senhora consulta antes de mandar para uma empresa fazer uma análise, por exemplo?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - É porque a empresa, na época, quando a gente foi ver... inclusive, ela é professora da UNICAMP, é formada, tem formação. Eu fui levar o produto para fazer os testes de bactérias. Tanto é que ela pegava várias bactérias...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Mas ela faz testes de bactérias mesmo. Mas a senhora está fazendo teste de bactéria para remédio. Qual é o pré-requisito para a senhora fazer um teste de bactéria numa empresa que está...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Mas o que ela estava fazendo era o correto.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Era o correto?

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Portanto, ela passou para a gente... farmacêutica...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Acho que a gente tem que checar essas coisas para poder avançar. Porque, da minha parte...

O SR. DEPUTADO RUBINELLI - O problema, Deputado, é esse: é tudo correto. Eu não sei se seria uma grande ignorância ou um grau de cinismo muito grande, Sr. Presidente. E eu acho que é cinismo, porque não tem registro no Ministério da Saúde, a ANVISA interdita e continua a operar. Então, não dá para acreditar que uma pessoa que está operando algo tão importante possa ser tão ignorante referente a algo de vital importância para a sociedade, para os cidadãos. E



só pode ser uma coisa: é cinismo. Eu encerro aqui, Sr. Presidente, porque o grau de cinismo é tanto que eu não tenho estômago para continuar a fazer perguntas. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Muito obrigado, Deputado Rubinelli. Deputado Josias Quintal.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sr. Presidente, numa intervenção rápida, eu também queria manifestar aqui o meu repúdio ou chamar a atenção desta CPI para o papel da ANVISA. Veja bem, essas fábricas de fundo de quintal produziram remédios, medicamentos usados em cirurgias de catarata durante muito tempo e em momento algum elas foram fiscalizadas pela Vigilância Sanitária. E a Vigilância só fez a fiscalização no momento em que foi acionada. Então, eu fico preocupado com o que possa estar acontecendo neste País. Se ainda fosse uma fábrica de sabonete para cachorro, para pulga de cachorro ou coisa parecida, ainda se justificava, de certo modo, a demora da ANVISA em fiscalizar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - E olhe lá.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Mas um produto dessa natureza, e essas pessoas ficarem... e essa fábrica funcionar tanto tempo, eu acho um absurdo, eu acho que V.Exa. deve convocar também para prestar depoimento nesta CPI a direção da ANVISA, no sentido de que possa nos esclarecer o porquê de tudo isso, o porquê da omissão da ANVISA, que é e deve ser o guardião da sociedade brasileira na sua proteção nesses assuntos.

O SR. DEPUTADO REGINALDO GERMANO - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO REGINALDO GERMANO - Sr. Presidente, eu gostaria de fazer uma sugestão, para que a gente pudesse levar a bom termo essa investigação que ora é feita por esta CPI. É uma sugestão apenas: se nós, numa outra sessão desta CPI, nos deslocássemos a Campinas, onde...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Já foi feito.

O SR. DEPUTADO REGINALDO GERMANO - Já foi feito lá. Mas eu acredito que para o que se pensa fazer o foro privilegiado seria Campinas. E todas essas contradições que hoje foram apresentadas — eu, infelizmente, tive que ir em 3 audiências aqui, agora, e não peguei tudo —, mas essas contradições que estão



indignando os nossos colegas Deputados, num foro privilegiado, foro de Campinas, nós poderíamos, então, tomar aquelas atitudes que pretendemos tomar, ou precisamos tomar. Eu estive agora conversando com o nosso Consultor Jurídico, e precisamos levar adiante. É uma sugestão. Eu vou deixar essa sugestão. Eu não quero que V.Exa. responda agora, mas vou deixar no ar a sugestão, para pensamento, para que a gente possa pensar se podemos fazer ou não. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputado Júlio Lobo.

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Júlio Lopes, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Júlio Lopes. Pelo amor de Deus, Júlio Lopes!

O SR. DEPUTADO JÚLIO LOPES - Gostaria de subscrever a colocação do nosso querido Josias Quintal. Eu, inclusive, pedi à nossa competente assessoria, ao Sílvio, que nós pudéssemos ouvir aqui a ANVISA, na terça-feira, com relação ao Celobar, porque me parece que a omissão é a mesma e acabou resultando nas mesmas conseqüências. Quer dizer, no caso do Celobar houve, inclusive, falecimentos. Neste caso, aí, a gente está vendo que a omissão da ANVISA, ou a negligência, acabou por resultar na cegueira dessas pessoas, que acabaram perdendo a sua visão, em função da negligência desse órgão. Portanto, subscrevo aqui o Deputado Josias Quintal, pedindo, inclusive, que a gente faça uma apuração de responsabilidade, que se indique o responsável pela fiscalização tanto da Lens Surgical como a questão do Celobar, nominalmente, para que a gente possa indiciá-los também, Sr. Presidente.

O SR. DEPUTADO DR. RODOLFO PEREIRA - Sr. Presidente, só para uma questão de ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO DR. RODOLFO PEREIRA - É a questão da ANVISA. Parece que a ANVISA é omissa, mas a ANVISA só pode fiscalizar um laboratório ou ser responsável por algum produto a partir do momento em que se autorize a fiscalização dela. Do contrário, ela só pode interferir em caso de denúncias, como é o caso de laboratórios clandestinos, como é o laboratório deles, que não era permitido funcionar. Porque no processo de fabricação de qualquer laboratório, de



qualquer produto, ele inicia — e quem trabalha com o Ministério da Saúde e a senhora deve saber — a construção do prédio onde vai ser feito o laboratório, a área física já passa por uma avaliação da ANVISA, da Vigilância Sanitária, para ver se ali pode ser instalada um laboratório ou, então, uma fábrica que produza alimentos, ou então as hemodiálises e todos esses produtos que podem contaminar e levar ao óbito de pacientes. Então, a ANVISA não é responsável pelos laboratórios clandestinos, até que haja uma denúncia policial ou de qualquer outra coisa. Não eximindo totalmente a culpa da ANVISA, mas só para ficar claro que essa é a finalidade da ANVISA, depois que o produto é autorizado ou que a área física do laboratório seja autorizado pela Vigilância Sanitária para que possa funcionar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputado Josias Quintal.

O SR. DEPUTADO JOSIAS QUINTAL - Sr. Presidente, é muito importante o esclarecimento do nobre companheiro Deputado, mas eu acho que isso deve ensejar uma atitude da CPI, inclusive no sentido da mudança da norma. Porque é inadmissível que a ANVISA deva ter esse papel, quer dizer, ela tem que ser acionada. Então, eu acho que cabe a esta CPI não somente apurar as irregularidades, que são muitas, mas também mudar a norma no sentido de que a sociedade realmente esteja protegida. A propósito, Sr. Presidente, eu queria solicitar a V.Exa., por uma questão de orientação, que a gente ouvisse a testemunha que quer ser reinquirida e que até mesmo mudássemos um pouco a pauta. Estamos há 7 horas e meia sentados aqui, e isso, o cansaço, vai comprometendo até a qualidade do nosso trabalho. Então, que o senhor convocasse esse outro grupo, que são 2 grupos distintos, para a semana que vem, para segunda-feira, terça-feira, de modo que nós tivéssemos bastante tempo para dedicar a uma apuração sobre a responsabilidade, a conduta deste outro grupo que é responsável pela distribuição do medicamento. Então, fica esse pedido, essa solicitação, para que a gente procure encerrar esse caso, inclusive dando-se resposta àqueles requerimentos que apresentamos a V.Exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Olha, eu...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Por favor.



O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu gostaria de, na mesma linha, aproveitar os trabalhos. Nós temos pouco tempo e a gente também não pode interromper. Eu acho que a Deputada Vanessa fez um trabalho brilhante até aqui que nos permitiu aprender muito sobre esse setor e mostrar a fragilidade. Eu quero, primeiro, dizer, em relação à ANVISA, que talvez a pessoa tenha se colocado... nós não estamos aqui para querer só incriminar ninguém. Pelo contrário, a ANVISA, tem se proposto a dar todas as informações, tem acompanhado, esteve aqui presente, é quem tem ajudado a própria Deputada Vanessa nos seus esclarecimentos. O que nós estamos querendo, quando a gente estuda isso, é nós termos a responsabilidade de entender o porquê de isso estar acontecendo isso no Brasil. Como pode uma empresa, dessa forma irresponsável, sem conhecimento, estar manipulando, produzindo... Dos males, os piores: os melhores hospitais deste País estão comprando esse tipo de remédio. Então, eu não sei se os remédios não estão sendo identificados, se não há uma codificação. Então, o nosso objetivo de trazer a ANVISA é para que a gente possa realmente entender quais são as providências de lei, do Poder Executivo, do Judiciário, de combater a pirataria. É muito mais nesse sentido que eu tento esclarecer. Em relação ao trabalho de hoje, eu acho que o Deputado Josias colocou muito bem. Nós não podemos interromper agora, porque nós temos, ainda... podemos separar: como o outro trata da parte de distribuição, comercialização, a gente pode deixar para um próximo dia. Mas hoje eu ainda gostaria de voltar aqui, concluir, porque a gente deu menos importância, mas talvez seja um dos mais importantes aqui, que é o Sr. José Soares, porque está claro qual é o papel dele, a responsabilidade. Inclusive, na hora de ter o contato com a ANVISA, ele é que é a autoridade máxima da empresa, é ele quem vende, é ele quem comercializa, é ele quem, me parece, que ganha dinheiro com essa história. Então, não tem essa história de menos importante, não. Eu gostaria de concluir o depoimento do Sr. José Soares — e aí eu não sei se tem mais —, porque aí eu gostaria de ouvir a Deputada Vanessa quem a gente deveria concluir. Interromperíamos, e depois a gente daria continuidade no outro processo de comercialização e de distribuição dessa parte de remédio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deputada Vanessa Grazziotin.



A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Sr. Presidente, Srs. Deputados, rapidamente, só para resumir o caso desses medicamentos falsificados, primeiro, é ter claro que nós estamos tratando não em crimes relativos a boas práticas de fabricação, nós estamos tratando, efetivamente, de laboratórios clandestinos, de produção de medicamentos falsos. Tanto que a própria Sra. Gildenice falou que ele, o seu esposo, farmacêutico, falecido já, tinha uma farmácia de manipulação, queria ampliar a produção para escala industrial...

A SRA. GILDENICE MENDES DE OLIVEIRA - Não, doutora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - A senhora não pode interromper.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Percebeu que estava à venda uma empresa de cosméticos, que já tinha um registro no Ministério da Saúde para cosméticos, usando a própria expressão da Sra. Gildenice, “neste momento, cresceu os olhos”, dela e do seu esposo, já falecido, compraram a empresa não pela estrutura que tinha a empresa H&J, que era uma indústria de cosméticos, compraram a empresa de olho somente no MS. Isso, quero dizer que no setor é algo inédito. Eu nunca vi ninguém tratar um registro do Ministério da Saúde dessa forma, como um MS. E, a partir da utilização de um registro de uma empresa de linha cosmética do Ministério da Saúde, passaram a colocar nas embalagens e, assim, vender os seus medicamentos. Hoje nós vimos alguns dos envolvidos diretamente com essas diversas empresas: Lens Surgical, For Eyes, Oftálmica Campinas, enfim, algumas pessoas ligadas a essas indústrias. Precisamos ouvir os distribuidores, porque, segundo a Sra. Gildenice, ela era a responsável por essa fabricação e o seu sócio, o Sr. José Soares, responsável pela distribuição, que trabalha, segundo ele próprio, há 13 anos, com essa Mediphacos, que é uma distribuidora não pequena, mas uma distribuidora conceituada, situada no Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, e que tem representação em vários Estados deste País. Era essa empresa, junto com o Sr. José Carlos Soares, com o Sr. José Soares, que faziam a distribuição desse medicamento para diversos hospitais e clínicas. A sugestão, Sr. Presidente, é que deixemos para ouvir os distribuidores numa próxima sessão, devido ao adiantado da hora e ao cansaço físico de todos nós. Eu acho que é plausível essa sugestão. Mesmo porque é importante que os Deputados tenham a consciência de que nós fizemos as solicitações adicionais das pessoas físicas e



jurídicas relacionadas com esse caso. Não acho que a responsabilidade não é menor de quem fabrica e nem menor de quem distribui, a responsabilidade é igual, ambos são responsáveis por isso. Quanto à ANVISA, Deputado Josias, Deputado Semeghini, eu acho que essa é uma outra parte da nossa investigação, que é a responsabilidade cível dos entes públicos. Então, nós já temos elementos e já iniciamos a investigação sobre a responsabilidade do ente público. Temos alguns depoimentos que dão conta de que a primeira denúncia surgiu no ano passado. Então, nos cabe questionar não só a ANVISA, que é a Agência Nacional, mas questionar o Conselho Regional de Farmácia, que parece que desde o ano passado recebeu denúncias, e outros órgãos, a própria Polícia Civil do Estado de São Paulo, da cidade de Campinas, que também teriam recebido denúncia. Então, essa é uma outra parte da denúncia que nós deveremos continuar. O fato é que, na minha opinião, nós estamos com um caso extremamente grave. E acho que diante desses depoimentos que nós acabamos de ouvir teria a necessidade, Sr. Presidente, se todos concordarem, primeiro, de deixar para o início da semana que vem a audiência com os distribuidores; segundo, de dar continuidade a essa reunião, para que os Parlamentares possam decidir o que fazer. Há uma série de requerimentos, especialmente do Deputado Josias, que nós precisamos tomar uma decisão sobre eles. Precisamos tomar uma decisão que não é simples, é uma decisão séria, como o caso não é simples, o caso é extremamente grave: é um conjunto de pessoas que produzem medicamentos ilegalmente, falsificam medicamentos, e que puseram em risco a saúde, riscos irreversíveis de pessoas. E aí ouvi dizer que se preocupavam com a qualidade e pediram os testes. Fomos verificar a quem eram solicitados esses testes de qualidade, Deputado Rubinelli. E essa Microbial que aqui foi citada, de fato, ela sequer tem registro no Ministério da Saúde. O único registro de que ela dispõe é no Ministério da Agricultura. Entretanto, a saúde humana não está sob o comando do Ministério da Agricultura e, sim, do Ministério da Saúde. Enfim, o caso é grave e requer de nossa parte, Sr. Presidente, eu acho que a tomada de decisões importantes. Por isso, sugiro que, na seqüência, talvez, não sei...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Deixem eu fazer aqui um encaminhamento. Nós estamos tratando aqui de um caso da maior gravidade. Eu tenho aqui uma nota do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, assinada pelo



oftalmologia Bandeira Júnior, onde diz que a bactéria encontrada e que causou a cegueira de uma pessoa, pertencia ao medicamento Lens Surgical. Está aqui o Sr. oftalmologista Bandeira Júnior. Eu, pessoalmente, estive com um advogado das pessoas que ficaram cegas ou perderam parte da visão, é uma tragédia isso. Conheço um rapaz que o pai dele estava cego de catarata e ele me disse que queria dar um presente para o pai, fazer uma cirurgia no pai, o pai não tinha dinheiro. Ele trabalhou para fazer a cirurgia no pai. Levou o pai para fazer a cirurgia, a cirurgia foi bem feita, mas aí o médico recomendou esse remédio, e depois de passar o remédio a vista começou a inchar, inchar, inchar. Deu infecção generalizada, e o pai perdeu a vista totalmente. A vista ficou murcha, perdeu o olho. Isso eu ouvi, o Josias Quintal ouviu isso e vários Deputado ouviram isso. Então, estamos aqui diante de crime organizado. As pessoas montam empresa com laranjas. Tem, pelo menos, 3 laranjas nessas história. As pessoas pegam autorização de laboratórios que tem autorização no Ministério da Agricultura para tratar de cavalos, tratar de bichos e dão autorização, tá certo? Então, realmente, estamos numa situação aqui tratando com crime organizado que ganha dinheiro com a infelicidade dos outros. Diga, Deputado. Eu queria dar um encaminhamento.

O SR. DEPUTADO DR. RODOLFO PEREIRA - Sr. Presidente, só queria que fosse incluído nos que fossem chamados para ser ouvidos na CPI também os compradores de medicamentos e os gestores das unidades hospitalares que compraram esse produto. Porque também existem leis que responsabilizam os donos de clínicas privadas, hospitais ou mesmo governos que compram produtos sem saber a origem de onde está vindo o produto para que possa também conter as duas partes: tanto o fabricante quanto o consumidor, que também é responsável por saber a origem dos seus produtos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O senhor tem toda razão. A Polícia Federal está nos fazendo uma relação de hospitais que compraram deles. Nós sabemos que o Hospital dos Olhos, de Niterói, comprou deles, a Santa Casa do Rio de Janeiro comprou deles.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - A Santa Casa de Ribeirão Preto, que é uma das ótimas universidades de São Paulo, comprou. Por isso que nós vamos querer ver não só quem compra, mas nós temos que entender como é o



processo de venda. Não consigo imaginar como é que um médico indica um colírio e não sabe se ele é ou não fabricado por uma empresa autorizada. Me parece - eu não quero aqui prever nada - mas me parece uma falta de procedimento adequado no País de identificação, do número de autorização. Vamos ter que checar tudo. Temos médico aqui, acho que vai nos ajudar e, é claro, nós vamos ter que analisar a cadeia como um todo. Eu acho que o senhor tem toda razão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Nós conversamos em Campinas com o motorista dessa senhora, ou o motorista do marido dela, e o motorista nos disse que fez a denúncia e sabia que estava trabalhando para uma firma que fazia remédio falso. E o motorista avisou ao Conselho de Farmácia e também não foi feito nada. Quer dizer, no mínimo, é crime de omissão. Essa permissividade não pode continuar desse jeito. Portanto, nossa responsabilidade é grande. O que eu sugeriria? Que, realmente, parássemos aqui com tomada de depoimentos, e vamos dar continuidade, mas precisamos fazer uma sessão reservada aqui porque há várias decisões a serem tomadas: há pedidos de detenção, pedidos para ouvir outras pessoas. Eu gostaria que...

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sr. Presidente, só uma questão de encaminhamento. Perdão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Pois não.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Eu acho que V.Exa. tem razão, nós não temos nem clima, nem força para continuar. Eu só gostaria então de deixar claro aqui, na minha opinião, o ponto de corte, fica claro que o Sr. José Soares, que tanto fazia parte do fabricante, é responsável pela distribuição, fará parte da segunda etapa dos processos. Voltará na próxima vez, se ficar decidido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Voltará. Todos voltarão, se Deus quiser.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Está certo. Agora está entendido. Estou de acordo, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Parece-me que a distribuição era feita por uma distribuidora que não tinha autorização. Estamos aqui diante de crime organizado. As pessoas vêm aqui com muita inocência, não sabem de nada, não sabem de nada, mas a Polícia Federal sabe. Nós vimos a investigação. Aqui está o



advogado da vítima, aqui há polícia, aqui há tudo. Sabemos que as pessoas agiram irresponsavelmente. Então, eu pediria que a senhora fosse conduzida à sala lá onde estão os outros e que não houvesse comunicação. Vamos aqui decidir como vamos trabalhar.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Fica suspensa e depois vamos retornar?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Não. Nós vamos continuar numa sessão reservada. Eu pediria, então, que aqui só ficassem os Srs. Deputados, por favor.

A SRA. DEPUTADA VANESSA GRAZZIOTIN - Quem é o advogado da vítima?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - O advogado é esse aqui.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Sr. Presidente, eu acho que nesse caso podem ficar os assessores que vão discutir os procedimentos, não só os Deputados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Vão ficar os assessores e a Polícia Federal, também.

O SR. DEPUTADO JULIO SEMEGHINI - Isso. Os assessores da Comissão, não dos Deputados. Certo? Os Deputados e os membros da Comissão, o Ministério Público, aqueles que fazem parte do trabalho da Comissão de CPI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Medeiros) - Isso. Ninguém está liberado. Gostaria que aqui ficassem só os Deputados, os assessores da Comissão, porque vamos deliberar. A Polícia Federal pode ficar. Por favor, nós temos que trabalhar rápido.